

REVISTA DB33

Edição Especial



**1º Congresso Brasileiro
de Pesquisa Maçônica**

Realização



Apoio



EDITORIAL



“Existem dois tipos de pessoas: aquelas que contam a história e aquelas que fazem a história. E nós, hoje, faremos história ao escrevermos, até o final do dia, uma página da história da Educação Maçônica brasileira e mundial.”

Kleber Landim de Almeida, Venerável Mestre da Loja de Estudos e Pesquisas Dom Bosco nº 33, em pronunciamento na abertura do 1º Congresso Brasileiro de Pesquisa Maçônica.

Esta Edição Especial da Revista DB33 representa um marco na educação maçônica, como fruto do 1º Congresso Brasileiro de Pesquisa

Maçônica, que reuniu Irmãos de diversas partes do Brasil e do mundo, materializando, na prática, a universalidade da Maçonaria.

A realização do Congresso representou um avanço significativo para a pesquisa maçônica. A Loja de Estudos e Pesquisas Dom Bosco nº 33, ao assumir uma postura ousada e inovadora, promoveu um intercâmbio educacional sem precedentes na Maçonaria brasileira, fortalecendo a pesquisa maçônica em âmbito nacional e internacional.

Ao reduzir fronteiras geográficas e culturais, o Congresso possibilitou o compartilhamento de conhecimentos e o estreitamento dos laços entre os Irmãos. Exemplo disso foi a valiosa contribuição do Irmão Robert Cooper, vindo do Velho Continente, que trouxe consigo séculos de história da Maçonaria.

Sob o tema “Educação Maçônica”, os trabalhos apresentados permitiram uma profunda imersão no assunto, evidenciando sua amplitude e relevância. Os artigos publicados oferecem aos leitores conteúdos aplicáveis aos campos da história, filosofia, pedagogia, simbologia e psicologia, reafirmando o papel transformador da educação maçônica.

Registramos nosso reconhecimento aos Irmãos pesquisadores, palestrantes e debatedores, bem como às instituições apoiadoras e a todos os Irmãos participantes, cujas contribuições foram fundamentais para o êxito do 1º Congresso Brasileiro de Pesquisa Maçônica e para a concretização desta edição especial da Revista DB33.

Expressamos, ainda, nosso agradecimento especial aos valorosos Irmãos da Loja Dom Bosco nº 33, que demonstraram elevado espírito de união, dedicação e abnegação, e aos responsáveis pela diagramação e design da revista, assim como aos Membros Efetivos e Correspondentes que acreditam na capacidade transformadora da Educação Maçônica.

Nossa Loja de Pesquisas segue comprometida com a difusão do conhecimento maçônico de qualidade, de forma digital e gratuita, convidando todos os Irmãos interessados a integrarem este projeto de construção e compartilhamento do saber.

Boa leitura!

KLEBER LANDIM DE ALMEIDA

Venerável Mestre



Um marco na história da pesquisa maçônica brasileira

No dia **15 de novembro de 2025**, data emblemática da história nacional por marcar os **136 anos da Proclamação da República**, Brasília tornou-se também cenário de um acontecimento histórico para a Maçonaria: a realização do **1º Congresso Brasileiro de Pesquisa Maçônica**. O evento ocorreu na sede da **Grande Loja Maçônica do Distrito Federal** e foi promovido pela **Loja de Pesquisas Dom Bosco nº 33**, com o apoio institucional da Potência anfitriã.

Desde a abertura solene, o congresso afirmou-se como um espaço de construção coletiva do conhecimento maçônico, reunindo Irmãos do Distrito Federal, de diversos estados do Brasil e até do exterior. A diversidade de origens e obediências reforçou o caráter universal da Maçonaria e o compromisso comum com o estudo, a pesquisa e o aprofundamento histórico, filosófico e simbólico da Ordem.

Ao declarar oficialmente abertos os trabalhos, o Venerável Mestre da Loja promotora, **Kleber Landim**, destacou o significado daquele momento para a história maçônica nacional. Em sua fala, evocou a ideia de que a história é construída tanto por aqueles que a narram quanto por aqueles que a escrevem. Segundo ele, o congresso representava o “primeiro parágrafo” de uma nova página no grande livro da Maçonaria brasileira e universal, uma página escrita coletivamente ao longo de um dia inteiro de palestras, debates e reflexões.

Na sequência, coube ao Grão-Mestre da Potência anfitriã, **Cassiano Teixeira de Moraes**, dar as boas-vindas oficiais aos participantes. Em tom fraterno e agregador, ressaltou que, apesar das diferentes casas maçônicas, Grandes Lojas, Grandes Orientes e o Grande Oriente do Brasil, todos compartilham o mesmo “DNA maçônico”, formando uma grande família unida pelos mesmos princípios. Para ele, mais do que a imponência da sede ou a estrutura do evento, o verdadeiro valor do congresso estava na presença dos Irmãos, que dão vida, sentido e propósito às colunas da instituição.

Essa revista especial nasce com o propósito de registrar e perpetuar esse momento singular. Suas páginas reúnem, além deste texto de abertura, informações sobre a palestra dedicada ao **CMI**, artigos científicos e ensaísticos dos trabalhos apresentados, um amplo texto jornalístico sobre o debate em torno da **educação maçônica**, e a cobertura da **Palestra Magna “O Triângulo Vermelho”**, proferida pelo Irmão **Robert L. D. Cooper**, um dos mais respeitados pesquisadores maçônicos contemporâneos.

Mais do que um registro, esta publicação é testemunho de um movimento que se consolida: o fortalecimento da pesquisa maçônica no Brasil, ancorada no rigor intelectual, no diálogo fraterno e no compromisso com a transmissão qualificada do conhecimento. O **1º Congresso Brasileiro de Pesquisa Maçônica** não foi apenas um evento, foi o início consciente de uma nova etapa na história da Maçonaria brasileira.

ENTRE O HERMENÊUTICO E O SIMBÓLICO: UMA INCURSÃO PEDAGÓGICA SOBRE O MÉTODO ALEGÓRICO-SIMBÓLICO PRESENTE NA MAÇONARIA



Raphael Guimarães (GLMEES)¹

Resumo

O presente artigo aborda o problema da utilização imprecisa de conceitos românticos como premissa de ciência maçônica para explicação do simbolismo e seu método pedagógico. Propõe-se a construção de eixos metodológicos e critérios analíticos para desenvolvimento da ciência do simbolismo maçônico, amparada em matrizes teóricas compatíveis com as propostas seculares da Maçonaria, exposta por Preston e Webb. As matrizes teóricas aqui utilizadas são a ação social weberiana e a hermenêutica simbólica de Ricoeur. Con-

cluiremos que análises indutivas, como os símbolos propostos por Cooper, ignoram o processo epistemológico maçônico. A relevância do trabalho está em responder a perguntas condutoras sobre a metodologia utilizada e a ausência de trabalhos que explorem dimensões mais profundas sobre o método alegórico-simbólico presente na Maçonaria. A abordagem pretende responder aos anseios de qualquer adepto das escolas hegemônicas de interpretação maçônica.

Palavras-chave: Maçonaria; Simbolismo Maçônico; Epistemologia Maçônica; Habermas; Weber; Preston; Webb; Ismail; Cooper; Ricoeur.

Abstract

This article examines the recurrent misuse of romantic premises as a purported scientific basis to explain Masonic symbolism and its pedagogical method. It proposes a methodological framework and analytical criteria for a “science of Masonic symbolism” consistent with the Order’s secular proposals as presented by Preston and Webb. The study mobilizes two complementary theoretical matrices: Weber’s concept of social action to locate meaning in situated practices, and Ricoeur’s symbolic hermeneutics to interpret allegory-symbol dynamics within ritual context. On this basis, we argue that inductive classificatory readings, such as Cooper’s tiers of symbols, overlook the epistemic process internal to Masonic pedagogy, especially the requirement to interpret symbols in-context and as components of a didactic system. The contribution is twofold, first, it clarifies methodological questions that are often left implicit in Masonic studies, second, it addresses the scarcity of research exploring the deeper dimensions of the allegorical-symbolic method. By articulating contextual interpretation, explicit criteria, and ritual-centered analysis, the paper offers a professional, replicable route to evaluate claims across the dominant interpretive schools

¹ Raphael Guimarães é membro do quadro de obreiros da ARLS Tiradentes nº. 65, oriente de Vitória (GLMEES). Advogado, especialista em Direito Público, Constitucional e Notarial e Registral. Mestre (UVV) e Doutor Honoris Causa (UNICECAP). Na Maçonaria é mestre instalado, tendo ocupado os cargos de Juiz e Adjunto nas Grandes Secretarias de Relações Exteriores e Ordens Paramaçônicas. É inspetor geral da ordem (33º) no REAA, cavaleiro templário no Rito de York e sacerdote cavaleiro templário no sistema inglês de aperfeiçoamento. Entusiasta do estudo e da pesquisa maçônica, é autor de diversos artigos, pesquisa e dissertação acadêmica envolvendo a Maçonaria, bem como membro do corpo editorial da Revista “Ciência e Maçonaria” (Unb). E-mail para contato: advogado@rafael.guimaraes.adv.br.

and to strengthen the academic study of Masonic symbolism.

Keywords: Freemasonry; Masonic Symbolism; Masonic Epistemology; Habermas; Weber; Preston; Webb; Ismail; Cooper; Ricoeur.

Introdução

O início de qualquer história começa com um choque de realidade.

Essa premissa é ousada, porque supõe que todas as histórias e narrativas, de nítido viés kantiano, sinalizam para a existência de diretrizes universais que se impõem à realidade. Desde o ato dramático e iniciático em torno da escuridão e da morte, passando pelo contraste entre cenários e realidades distintas presentes no mito da caverna platônica, até o chamado à missão após o batismo no rio Jordão.

Todas essas narrativas perpassam por um choque entre duas realidades.

O mesmo acontece quando nos debruçamos sobre as inúmeras narrativas interpretativas em torno da Maçonaria.

O clássico mantra prestoniano, propagado em “Illustrations of Masonry”, define que a Maçonaria é *“um sistema regular de moral, concebido na forma de alegorias interessantes, que prontamente revela suas belezas ao buscador honesto e laborioso”* (PRESTON, 2017, p. 71).

É bom lembrar que Preston analisava o ritual maçônico propriamente dito, essa anotação será relevante mais adiante.

Confessando suas raízes prestonianas, Thomas Smith Webb faz um extrato da sobredita incursão, ao acrescentar que a Maçonaria é *“um sistema regular de moralidade, concebido sob o influxo de interessantes alegorias que não de se revelar para os estudiosos esforçados e abertos”* (WEBB, 2017, p. 66).

Voltando ao ponto nodal da controvérsia, as definições destacam o uso de alegorias e símbo-

los como expressão pedagógica do ritual, ou, nos termos de Webb, o “influxo” que a Maçonaria utiliza para desdobrar seu sistema de moralidade.

Não há como falar em educação maçônica, arriscaria dizer qualquer coisa sobre Maçonaria, sem delimitar a metodologia científica empregada, invocando aqui premissas clássicas sobre o objeto de análise.

É oportuno iniciar por esse destaque ao tipo ideal² “Ritual” como análise epistemológica, posto que verificamos, na literatura maçônica mais compartilhada, narrativas ou sustentações que enxergam indutivas e, por vezes, concluem pela existência da Maçonaria ou dos rituais de forma prévia ou independente de influências pretéritas, como que positivados por iluminação (LEADBEATER, 1928).

Desenvolvimento

O choque de realidade mencionado no início persiste.

Utilizando uma didática impecável e amparado nas clássicas definições já referenciadas, Kenyo Ismail leciona como a loja representa uma sala de aula, os ritos e graus maçônicos representam cursos e séries de ensino, sendo os mestres, aprendizes e os rituais, respectivamente, representações simbólicas de professores, alunos e livros didáticos (ISMAIL, 2014; 2018).

Esse insight é uma fórmula ilustrativa para que o método maçônico não apenas seja cultivado, mas também analisado, aprofundado e ensinado com intencionalidade, além de avaliado com rigor metodológico, digno de uma faculdade.

Dessa forma, o eixo interpretativo sobre a instituição e seu método de ensino sinaliza, obrigatoriamente, para a melhor compreensão de símbolos e alegorias. E isso tem sido problemático ao longo da história por parte dos intérpretes do que sejam símbolos e alegorias.

Isso porque, tem-se bem claramente duas linhas hegemônicas e antagônicas de interpretação

² Técnica amplamente empregada de viés weberiano, cuja abordagem envolve na construção de termos representativos de fenômenos sociais empreendidos pelo pesquisador, enfatizando aspectos principais, utilizado para abordar semelhanças e diferenças (GIDDENS, 2016, p. 70)

sobre o que é Maçonaria e isso está no cerne da metodologia científica, da produção do conhecimento e da historiografia maçônica em geral.

De um lado, uma linha de interpretação ampla que pode ser facilmente definida como “Escola Romântica”, notoriamente encampada pela aplicação epistemológica do conhecimento legado pelos ritos maçônicos de origem latina, desenvolvidos a partir do século XIX, exemplificado pelo Rito Escocês Antigo e Aceito³.

Nessa linha de interpretação, bombardeada pelas ideias iluministas e pela atmosfera europeia modernista⁴, a Maçonaria possui um simbolismo que extrapola a compreensão limitada do tradicional ofício de pedreiros, alcançando outros saberes incorporados pelo “Novo Ofício Maçônico”, como filosofia clássica, moderna, neoplatônica, ilustrada por novos símbolos e alegorias, baseados no simbolismo de cavalaria, racionalismo transcendental, hermetismo, dentre outras características.

Para expoentes dessa linha de interpretação, a origem dos símbolos na Maçonaria “*tem conexões templárias muito mais diretas*”, derivando dos Cavaleiros Templários o simbolismo do altar no centro, a perambulação, o pavimento mosaico, o avental de pele de carneiro, o esquadro e o compasso como evolução ou substituição do hexagrama judaico (ROBINSON, 2014, p. 222/230).

Leadbeater vai ainda mais longe e estabelece um paralelo entre os rituais maçônicos e os rituais egípcios, demonstrando ser “*verdadeiramente admirável que hajam chegado até nós, com tão leves alterações, os símbolos e rituais... seria inexplicável a não ser pela razão de haverem as excelentes Potestades que presidem a evolução, se interessado pelo assunto e pouco a pouco conduzido as pessoas à reta senda quando deviam se desviar dela. Este mister sempre esteve nas mãos do Chohan ou Senhor do Sétimo Raio... supremo hierofante dos Mistérios do antigo Egito*” (1928, p. 18/25).

Inexiste nas percepções destacadas qual-

quer liame historiográfico apto a sustentar objetivamente uma ligação direta da Maçonaria com as demais correntes egípcias, templárias ou new age. Há na verdade predominância de saber neoplatônico, amplamente adaptado às práticas maçônicas na linha sinalizada por Blavatsky (2009).

A necessidade de atribuir origens mitológicas fundacionais legitimam projetos, na forma de “invenção de tradições”, fenômeno epistemológico comum no século XIX, onde floresceram tradições recém-fabricadas com roupagem de ancestralidade, a fim de fornecer uma nova narrativa para as mesmas coisas (HOBSBAWM, 1997).

Outrossim, encontra-se outra linha hegemônica de interpretação, encartada pela denominada “Escola Autêntica”, da qual podemos sintetizar como a aplicação de métodos claros, premissas expostas, cujo entendimento remonta às clássicas definições e, não por acaso, suas bases estão na vanguarda da produção de conhecimento maçônico científico na Escócia, Irlanda, Inglaterra e Estados Unidos da América.

Nessa linha de interpretação, da qual nos filiamos, reside a versão tradicional e clássica de Maçonaria apresentada por Preston e Webb, que perfazem o “Antigo Ofício Maçônico”, como desdobramento de uma filosofia moral cristã, baseada em lições morais bíblicas, ilustradas por alegorias do Antigo Testamento, envolvendo o ofício de construção dos pedreiros.

A Escola Autêntica está mais preocupada com o método na construção do saber maçônico do que com afirmações e pressuposições. Prestigia-se o raciocínio, colocado à prova, debatido e discutido, jamais como verdade ideológica. Nesse sentido, a autenticidade reside na postura do pesquisador, na clareza do debate e do método empregado, não em defender apaixonadamente conclusões prévias (ISMAIL, 2025).

Pois bem. Voltando ao eixo problemático principal, ambas as linhas de interpretação hege-

³ Limitando-se em utilizar apenas o REAA, por ser, de uma só vez, herdeiro direto do escocismo e o rito latino hegemônico.

⁴ O conhecimento produzido pela Modernidade, sobretudo pelo iluminismo francês, buscou contrapor as teses anteriores, amplamente ancoradas no paradigma cristão, agostiniano e paulino marcantes dos séculos precedentes. Essas novas diretrizes ganharam relevo com temas como neoplatonismo e sua vertente radicalmente hermetista e ocultista. Ou seja, o fenômeno cultural hermetista tem uma razão de ser.

mônicas sobre Maçonaria não exploram a análise “no, a partir e fim” centrada no ritual maçônico (mantra prestoniano).

Mas, afinal de contas, em que consiste o choque de realidades que supõe atravessar todas as alegorias e símbolos, esboçando uma diretriz universal?

A análise centrada no ritual, expõe a necessidade de explicação de todos os rituais maçônicos, independentemente de ser Antigo ou Novo Ofício, naquilo que tem em comum, qual seja, o método pedagógico utilizado pela Maçonaria para transmitir o seu conhecimento.

Como sutilmente citado no início desse paper, essa distinção é fundamental para se compreender o método pedagógico utilizado pela Maçonaria. A educação maçônica fica prejudicada se não se ater as bases epistemológicas que envolvem símbolos e alegorias.

As narrativas alegóricas maçônicas projetam no cerimonial uma nítida separação entre o mundo profano e o mundo maçônico, entre sala da loja/templo e exterior (pro-fanum), enfim, entre simbolismo maçônico e simbolismo profano.

A separação entre essas duas realidades distintas (sagrado e o profano) é fundamental na base de interpretação de todo o simbolismo maçônico. A primeira realidade, cinge-se em perceber os elementos de modo usual, vernacular, consciente e profanamente, de forma hermenêutica.

A pedra bruta é um simples objeto, peça lascada que pode servir a diversos propósitos. A partir do instante em que atribuo outro significado ao objeto pedra bruta, estou pressupondo a existência de outra realidade, velada e latente. Verifica-se dois planos de realidade simultânea que habitam um mesmo espaço. Naturalmente, essas distintas percepções desencadeiam, a qualquer momento, um choque de realidade por versarem sobre as mesmas coisas de modo diferente.

Assim, a pedra bruta pode ser mais do que uma aparência rudimentar, ela alude à alegoria de trabalho do aprendiz maçom na Maçonaria. O símbolo esculpido na pedra é mais do que um sinal, ela alude à alegoria da marca na Maçonaria Operativa. Ambas alegorias possuem narrativas de li-

ções morais, utilizando o símbolo, agora transformado, em símbolo maçônico. A hermenêutica deu espaço à hermenêutica simbólica, feito possibilitado apenas se vincularmos o significado fenomenológico ao contexto alegórico onde ele foi estabelecido, dando uma “segunda ordem de sentido” (RICOEUR, 1969 e 1975).

Kenny Ismail é crítico em dado ponto “nunca tire um símbolo de seu contexto (maçônico)” (2025). Esse princípio vale tanto para o aprendizado em loja quanto para pesquisas mais amplas, posto que o símbolo perde a amarra que o liga à função formativa e se torna instrumento de imaginação quando retirado do contexto maçônico da qual ele foi engendrado.

Evidencia-se em todas as interpretações a existência de uma pragmática universal que pode contribuir para uma melhor compreensão da razão da Maçonaria consistir em sistema de moralidade que preconiza na transmissão desses valores a intermediação de um método, neste paper definido como “método alegórico-simbólico”.

O caráter peculiar desse método de instrução pelo “*simbolismo que dá total identidade à Maçonaria e tem feito com que ela se diferencie de qualquer outra associação que a ingenuidade de homem tenha concebido (...) isso que a confere uma forma atrativa para assegurar sempre a dedicação de seus discípulos e sua própria perpetuidade*” (MACKEY, 2008, p. 52).

Vale aprofundar, toda história da humanidade concentra-se no registro de símbolos, desde imagens rupestres, até sistemas de comunicação baseados em hieróglifos, justificando a sentença junguiana de que “o homem é, antes de tudo, um ser simbólico” (2005) ou a conclusão de Cassirer de que somos um “animal simbólico” (2012, p. 40).

Na Maçonaria, essa gramática do sentido toma forma no ritual, que não é apenas cenário prévio para essa ciência do simbolismo, mas pedagogia reflexiva e crítica. Digo reflexiva, por retirar o maçom da cena cotidiana para, por meio de símbolos e alegorias (seu método de ensino), incutir no íntimo do homem lições morais e proporcionar um retorno transformador de volta ao mundo profano. Nesse último ponto, está o aspecto crítico, isto é, emancipador (GUIMARÃES, 2017).

Os rituais convertem linguagem em hábitos repetitivos, semanais e rotineiros, catapultando metáforas valorativas em condutas concretas a serem cumpridas pelo obreiro ao longo da sua vida.

Por isso, uma “ciência maçônica” que se preze deve tomar o ritual ao mesmo tempo como objeto e como método, posto que é o ritual o início e fim de qualquer interpretação de Maçonaria.

Nas palavras de Robert Cooper a Maçonaria “*é, acima de tudo, cerimônias e rituais*”, sendo que o ritual maçônico “*é o meio pelo qual o conhecimento, as lições morais, a sabedoria maçônica e as histórias tradicionais são transmitidos*” (2009, p. 81).

Essa posição afasta dois atalhos sedutores e intelectualmente frágeis presentes na produção do conhecimento maçônico. O primeiro é o sincretismo romântico, que arranca símbolos de seu chão e injeta neles sentidos alheios ao contexto maçônico, trocando método por imaginação.

Essa falha de interpretação é muito comum de ser encontrada na Escola Romântica, vide obras de Blavatsky (2009) e Eliphas Levi (2012), para citar os principais, que, inclusive influenciaram John J. Robinson (2014) e Leadbeater (1928), citados no paper.

O segundo é o tecnicismo apressado, que sufoca a profundidade da interpretação visivelmente subjetiva presente nos rituais, por meio do método alegórico-simbólico, como será mais adiante demonstrado até mesmo por expoentes da Escola Autêntica no raciocínio encampado por Robert Cooper.

Como já adiantado, é nesse ponto que reside a problemática mais notável da educação maçônica, de compreender a ciência do simbolismo ou de qualquer outra interpretação sócio-histórica em favor da Maçonaria.

Partidários do romantismo maçônico terão interesse na delimitação simbólica e hermenêutica que empreendemos, da mesma forma que adeptos do rigor metodológico já puderam extrair nosso comprometimento com a epistemologia do saber maçônico, preservando clássicas definições.

A definição prestoniana como “sistema de moralidade” tem uma razão de ser. Todos os rituais maçônicos consistem na transmissão de valores morais, independentemente de ser antigo ou novo ofício.

Porém, para transmitir os valores epigrafados, a Maçonaria utiliza uma técnica milenar, presente desde os primeiros contos e narrativas poéticas da humanidade, até o mito da caverna platônico, qual seja, o método alegórico-simbólico.

A essa altura já está claro isso. A questão passa a ser por que os maçons exploram academicamente tão pouco esse método de ensino, limitando a mencionar símbolos e alegorias? Por qual razão não há uma epistemologia em torno da profundidade do método alegórico-simbólico?

Reforça-se, uma vez mais, entre o desdobramento do ritual e o comportamento moral de seus praticantes há um mecanismo psicológico que não pode ser ignorado (GUIMARÃES, 2013). Os poucos exemplos que temos encontrado nos oferecem respostas simples para a problemática que trazemos neste paper.

Para um grande expoente da escola autêntica, Zeldis “*enquanto alegorias são as lendas que contam histórias com cunho moral, os símbolos são elementos simples que representam algo mais abstrato ou complexo. Esses símbolos podem ser signos (desenhos ou sinais bidimensionais), palavras, sons, gestos e objetos*” (ZELDIS, 2011 apud ISMAIL, 2025).

Mais do que uma bela narrativa, a alegoria é a transmissão de conhecimento dramatizada, na qual a lição é percebida e incorporada de forma sutil ao maçom pela reflexão cognitiva. A alegoria guarda a lição no enredo, com cenas, vozes e direções, já o símbolo guarda a lição no sinal, com economia e portabilidade.

Nas palavras de Mackey “*a alegoria não passa de simbolismo verbal, ela é a representação de uma ideia, ou de uma série de ideias, não apresentadas à mente em uma forma objetiva e visível, mas revestidas pela linguagem e exibidas na forma de uma narrativa*” (2008, p. 52).

Problematizando a carência no aprofundamento dessa abordagem, surge a análise dos símbolos proposta por Robert Cooper.

O curador dos antigos rituais escoceses, contudo, traça uma visão simplista sobre o simbolismo maçônico, culminando no encaminhamento de teses neoplatônicas sobre o assunto (COOPER, 2009). Vale lembrar que, na raiz do romantismo de Blavatsky, Leadbeater e Robinson, residem bases do neoplatonismo.

Para Cooper, os símbolos podem ser literais (janela), metafóricos (janela como portal), pessoais (individual e instintivo) e místicos (espiritual, mágico) (COOPER, 2009).

Deflui-se desse quadrante proposto por Cooper uma certa limitação acerca de como os símbolos operam na mente dos indivíduos, especialmente por não observar que símbolos metafóricos e místicos, na verdade, encerram em si mesmos uma subjetividade transcendental.

Os símbolos sustentados como literais e individuais são, em si, uma linguagem hermenêutica que é, ao mesmo tempo, visões focadas do mesmo lado. Não há como distinguir os planos literalidade de individualidade, ambas preexistem e operam conjuntamente como que enfoques de um mesmo lado (de uma moeda).

Na verdade, o raciocínio correto reside em separar o que é objetividade (hermenêutica) dos símbolos, aqui estão os vieses literais e individuais de Cooper, e, de outro, a subjetividade (hermenêutica simbólica), onde estão os vieses metafóricos e místicos.

O que Cooper entende como quatro instâncias de percepção de símbolos, na verdade, são apenas duas. Inclusive, não se trata de desdobrar os dois planos em quadrante “literal–metafórico–pessoal–místico”. E a radicalização simplista do autor vai além, quando ele termina propondo que existem símbolos místicos (espirituais), culminando na famigerada conexão neoplatônica, tão radicalizada pela escola romântica.

Se de um lado, temos uma realidade objetiva, perfeitamente demonstrada no sistema de moralidade da Maçonaria, do outro lado, temos a realidade subjetiva, exemplificada no método alegórico-simbólico. Podemos desdobrar em quantos quadrantes for do desejo de cada um (quatro, seis, doze e por aí vai), mas a realidade é o que uma vez de-

marcado o sentido, objetivo ou subjetivo, compreendemos a razão de ser do enunciado em questão.

O choque de realidades decorre justamente de se compreender isso. Todo o ritual maçônico é construído projetando essas duas realidades que permeia a vida do homem em sociedade. Se fala de forma direta e moral, destina-se ao plano objetivo (profano). Se a linguagem explora o metafórico, surreal, alegórico e simbólico, evidencia-se uma realidade sutil, uma hermenêutica simbólico que age, opera e realizado em plano distinto do objetivo.

O marco historiográfico da pesquisa de “*Revelando o Código na Maçonaria*” é indistinguível, notadamente escrito por um maçom, haja vista que a tese (do não maçom) David Stevenson foi apresentada quase duas décadas antes (STEVENSON, 2009 apud COOPER, 2009).

Conclusão

Após esse percurso por “choques de realidades”, podemos verificar que a epistemologia do conhecimento maçônico está centrada de forma obrigatória no ritual maçônico.

O ritual, por sua vez, faz uso de uma linguagem simbólica para transmitir valores morais e, justamente, nesse mecanismo está uma nítida distinção entre o sagrado e o profano.

Essas realidades tão nítidas demonstram um choque de realidade, cuja falta de compreensão limita a ciência do simbolismo em meras suposições desamparadas de realidade, tornando argumentos românticos em raciocínios neoplatônicos.

Mackey já chamava a atenção para que qualquer investigação acerca do caráter simbólico da Maçonaria seja precedida de uma incursão sobre a natureza do simbolismo em geral, avaliando adequadamente o seu uso particular na instituição maçônica (2008, p. 52).

O ganho científico desse paper está em promover uma melhor compreensão sobre os símbolos e alegorias (pedagogia maçônica), preservando as clássicas definições de Maçonaria e proporcionando a profundidade das mesmas explicações pedagógicas encampadas pela concorrente Escola Romântica.

Isso tem uma razão de ser que não pode ser ignorada. Os adeptos do romantismo maçônico possuem a necessidade de projetar sobre os rituais maçônicos uma explicação transcendental.

Em outras palavras, realizar um corte nessa nítida necessidade requer a substituição por argumentos concretos, embora de viés igualmente kantiano.

Não compreender a logística cognitiva que se estrutura por trás dos argumentos da Escola Romântica é agir com uma inocência proporcional à maturidade que a Escola Autêntica defende.

A finalidade deste paper foi demonstrar a possibilidade de uma compreensão da educação maçônica sob viés transcendental, para isso foi empreendido um recorte epistemológica e hermenêutico.

A força educativa do método alegórico-simbólico não está tão somente na literalidade poética que os textos enunciam. A pedagogia maçônica apenas pode ser compreendida em sua base moral e simbólica. Esse método peculiar de ensino opera sob influxo de interessantes alegorias na mente do maçom “laborioso”, “esforçado” e “honesto”, como previsto por Preston e Webb.

A pedagogia em questão, começou na hermenêutica e culminou no simbolismo, eis a fenomenologia de Paul Ricoeur.

Bibliografia

BLAVATSKY, Helena P. O ocultismo prático e as origens do ritual na Igreja e na Maçonaria. São Paulo: Pensamento, 2009.

CASSIRER, Ernst. Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p. 40–48.

COOPER, Robert L. D. Revelando o código maçônico da franco-maçonaria. São Paulo: Madras, 2009.

GIDDENS, Anthony. Conceitos essenciais de sociologia. São Paulo: Unesp, 2016.

GUIMARÃES, Rafael. Os efeitos psicológicos da prática do ritual maçônico. Revista Maçônica Ciência e Maçonaria C&M, Brasília, v. 1, n. 1, p. 21–28, jan./jun. 2013.

GUIMARÃES, Rafael. Uma sociedade de emancipados: uma análise sobre os imperativos instrumentais na Maçonaria e a intersubjetividade da razão maçônica com a razão comunicativa. Revista Maçônica Ciência e Maçonaria C&M, Brasília, v. 4, n. 1, p. 73–82, jan./jun. 2017.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Tradução de Celina Cardin Cavalcante. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ISMAIL, Kenno. Breviário maçônico do século XXI. Brasília: No Esquadro, 2025.

LEADBEATER, C. W. A vida oculta na Maçonaria. São Paulo: Pensamento, 1928.

LÉVI, Eliphas. Dogma e ritual da alta magia. 20. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2012.

MACKEY, Albert. O simbolismo da Maçonaria. Vol. I. São Paulo: Universo dos livros, 2008.

PRESTON, William. Esclarecimentos sobre maçonaria. Rio de Janeiro: Arcanum, 2017.

RICOEUR, Paul. O conflito das interpretações. Rio de Janeiro: Imago, 1978. (Orig. 1969).

RICOEUR, Paul. A metáfora viva. São Paulo: Loyola, 2005. (Orig. 1975).

ROBINSON, John J. Nascidos do sangue: os segredos perdidos da Maçonaria. São Paulo: Madras, 2014.

STEVENSON, David. As origens da Maçonaria. São Paulo: Madras, 2009.

ZELDIS, L. Illustrated by symbols. Philalethes: The Journal of Masonic Research & Letters, New York, v. 64, n. 2, p. 72–73, 2011.

Assista a apresentação do artigo em:
<https://youtu.be/ugTAHLhn22o>



RACIONALISMO, LIBERDADE E ENSINO: a trajetória histórica da educação maçônica



Adriano Trevizan (GOB-SP)

Introdução

A Maçonaria, enquanto instituição filosófica, filantrópica e iniciática, exerceu um importante papel na formação do pensamento educacional moderno. Fundada sobre os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, a Ordem maçônica se consolidou como uma das principais defensoras da difusão do conhecimento e da educação como instrumento de emancipação e progresso social.

Desde a fundação da Maçonaria especulativa, a atuação maçônica esteve voltada para diversas iniciativas em favor da instrução pública e da promoção da educação laica. No contexto brasileiro, a influência da Maçonaria se revelou em momentos decisivos para a formação das instituições educacionais, notadamente a partir do século XIX, quando maçons participaram ativamente de movimentos políticos e intelectuais que visavam à modernização do ensino e à consolidação do Estado laico.

Assim, compreender a educação maçônica implica reconhecer não apenas os valores morais e

filosóficos difundidos internamente, mas também sua contribuição efetiva para o desenvolvimento das práticas educacionais e para a formação de uma consciência crítica e cidadã.

Este artigo propõe-se, portanto, a examinar a trajetória histórica e os fundamentos ideológicos que sustentam a relação entre Maçonaria e educação, destacando suas contribuições, desafios e permanências ao longo do tempo.

O século das luzes

Durante a Idade Média, o objetivo da educação ocidental era a transmissão de dogmas e preceitos da fé cristã, considerando que a ciência estava monopolizada pela Igreja, que definia as formas catequética e dogmática para a formação intelectual do clero e da nobreza. No período das trevas, o aprendizado era sinônimo de obediência, posto que a autoridade inquestionável da doutrina impunha os valores pré-estabelecidos pela religião.

Longe de buscar uma formação ampla, o dogmatismo ensinava os meios de salvação da alma, ao mesmo tempo em que doutrinava a massa de camponeses para uma ética de rebanho, no qual o próprio conceito de “bem comum” consistia numa contradição essencial.¹

Em oposição, o movimento iluminista combateu as “trevas” do obscurantismo, do fanatismo e da opressão, em prol de uma ordem social fundada sobre a ciência e a razão. A educação iluminista floresceu no século XVIII, o século das Luzes, tratando-se verdadeiramente de uma revolução no pensamento, porque mudou o papel social do indivíduo e os fundamentos sobre os quais estava construído o edifício social. O ponto central dessa revolução na consciência humana era a exaltação da razão como a ferramenta mestre para a emancipação do indivíduo e da coletividade.

A maçonaria especulativa foi estabelecida nesse mesmo século das Luzes, abraçando com vigor os ideais de racionalidade e a instrução como meio de libertação do indivíduo.

¹ Nietzsche, Friedrich. Para Além do Bem e do Mal - Prelúdio a uma Filosofia do Futuro. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.

A razão e o pensamento crítico

A maçonaria especulativa desenvolveu-se na Inglaterra, durante o declínio da maçonaria operativa medieval, que consistia em guildas de pedreiros, e a ascensão do movimento iluminista.

Apesar de controvérsia historiográfica sobre a data de efetiva instalação, a fundação da Grande Loja de Londres em 24 de junho de 1717 é considerada como a data de nascimento da maçonaria especulativa moderna, organizada em torno de princípios éticos e filosóficos e com o propósito de aperfeiçoamento do ser humano.

A jornada maçônica começa com a iniciação, durante a qual o maçom define a busca pela Luz como princípio e objetivo fundamental. Evidentemente, a Luz é um símbolo que representa a superação da ignorância e a busca constante pelo aperfeiçoamento moral e intelectual.

Nos moldes do mito da caverna de Platão², tanto o Iluminismo quanto a Maçonaria colocaram a educação como a engrenagem capaz de superar os grilhões da ignorância, do fanatismo e da superstição, os quais eram tratados como agentes da “escuridão” e do Antigo Regime. A emancipação do homem traria então o fim da menoridade autoimposta, a qual estava baseada na suposta incapacidade de pensar por si mesmo e na falta de determinação e coragem para usar a própria consciência.

Ao contrário do dogmatismo e da autoridade inquestionável, a educação passaria a desenvolver o pensamento crítico através da análise racional e do conhecimento científico. Outrossim, o pensamento pedagógico de viés racionalista alça a razão à principal, ou até mesmo a única, fonte de conhecimento válida. Baruch Spinoza chegou a afirmar que o sujeito deveria perder o medo de viver e de compreender as forças que lhe afetam.³

A premissa do movimento racionalista é que o conhecimento verdadeiro não se origina dos sentidos ou da experiência, porque os sentidos humanos não são capazes de capturar todas as nuances da natureza e da realidade universal, mas se origina da consciência pura e das capacidades inatas do intelecto.⁴

O método de ensino privilegia a dedução, a indução, a abstração e o encadeamento lógico de ideias, buscando a clareza e a evidência teórico-científica. De modo que o processo educacional é visto como um caminho gradual e ordenado, onde o método e a disciplina são necessários para se alcançar ou produzir o conhecimento válido.

A maçonaria especulativa adotou integralmente essa visão, valorizando o estudo gradual e o debate intelectual e filosófico de seus membros, em busca do aprimoramento e da melhoria progressiva do indivíduo.

Impacto histórico na educação

O racionalismo influenciou fortemente a educação formal e os movimentos pedagógicos, inserindo dois objetivos essenciais que passariam a influenciar o pensamento educacional da era moderna: a emancipação humana e a educação social.⁵

A emancipação humana traria a capacidade de tomar suas próprias decisões, livre de amarras dogmáticas, enquanto a educação social passaria a formar cidadãos esclarecidos e aptos a participar da vida política.

Essa educação social, contudo, eventualmente, se degradaria para instruções morais e cívicas ideológicas em diversos países com o fim de culto à pátria e o estabelecimento da submissão ao Estado⁶, o que foge completamente dos parâmetros do racionalismo.

² PLATÃO. A República. trad. Leonel Vallandro. Ed. esp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

³ SANTOS, Valdeci Ribeiro dos; RIBEIRO, Wallace Cabral. Spinoza, uma filosofia da imanência dos afetos. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/11358>>. Acesso em: 09 out. 2025.

⁴ DESCARTES, René. DISCURSO DO MÉTODO. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

⁵ OLIVEIRA, José Roniel Moraes; OLIVEIRA, Ilzver de Matos. O empoderamento e a emancipação dos sujeitos enquanto pressupostos de efetividade da participação social. Revista Brasileira de Filosofia do Direito. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 175 - 189, Jul/Dez, 2016.

⁶ FILHO, Vanessa Kern de Abreu Geraldo Inácio. A educação moral e cívica - doutrina, disciplina e prática educativa. Revista HISTEDBR On-line. Campinas, n.24, p. 125 -134, dez, 2006.

No Brasil, a maçonaria do século XIX e início do século XX foi fortemente influenciada pelas ideias liberais e iluministas, assumindo um papel destacado na modernização da educação brasileira e na luta por um sistema de ensino que refletisse esses valores.

O novo modelo de escola e ensino

Os filósofos iluministas propuseram um padrão educacional que era radical para a época, mas que lançou os fundamentos para os sistemas de ensino modernos⁷. A maçonaria em sua fase especulativa, por sua vez, absorveu e difundiu os valores iluministas de tal modo que a relação entre a educação maçônica e o Iluminismo pode ser considerada simbiótica.

O iluminismo defendia a escola pública e laica, sob domínio do Estado,⁸ ao contrário da educação controlada pela Igreja. A escola pública deveria ainda ser obrigatória e gratuita, a fim de assegurar o acesso universal ao conhecimento, promovendo a igualdade e a justiça social, além de extinguir os privilégios do clero e da nobreza. Ademais, o currículo escolar deveria ser orientado para as ciências, técnicas e ofícios.

Diante desse contexto, o conflito entre a Maçonaria e a Igreja era iminente. A maçonaria operativa e a Igreja haviam passado vários séculos trabalhando juntas na construção de igrejas e cate-drais. Contudo, logo após o estabelecimento da maçonaria especulativa, foi editada, em 28 de abril de 1738, a primeira bula papal contra a Maçonaria,

proibindo os católicos de se tornarem membros de lojas maçônicas, sob pena de excomunhão.⁹

Se, de um lado, os maçons não abandonariam seus princípios, de outro, a Igreja editaria mais algumas dezenas de documentos, entre Bulas, Encíclicas e declarações, condenando a Maçonaria.

No Brasil, especialmente durante o Império e o início da República, a Maçonaria teve um papel ativo na difusão do iluminismo e do racionalismo, além da efetiva fundação de instituições de ensino. Lojas Maçônicas fundaram escolas e bibliotecas populares em favor de crianças pobres sem acesso à educação pública.¹⁰ Afinal, conforme determinam seus estatutos, a Ordem defende a propagação da instrução como essencial para o processo democrático e coletivo.

A educação no Brasil do período colonial até o Império

Em 1549, os primeiros padres jesuítas chegaram ao Brasil e iniciaram a história da educação no País, instruindo os nativos brasileiros, sendo que, logicamente, o viés de ensino estava totalmente ligado ao catolicismo.¹¹

Inicialmente, a metrópole portuguesa não se ocupou com questões de educação pública nas terras brasileiras. Contudo, de modo natural, as famílias educavam os seus membros através de hábitos de alimentação, higiene e convivência, os quais formariam a base dos valores sociais da época para a formação de um cidadão.¹²

⁷ Zenin, Alencar Buratto. Educação e autonomia no Iluminismo. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/tpcinf/e/ventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico9/Educao%20e%20Autonomia%20no%20Iluminismo.pdf>. Acesso em: 08 out. 2025.

⁸ Zenin, Alencar Buratto. Educação e autonomia no Iluminismo, p. 3.

⁹ CLEMENS XII, Papa. Bula Papal de Clemente XII relativa aos maçons. Disponível em: <<https://bibliot3ca.com/bula-papal-de-clemente-xii-relativa-aos-macons/>>. Acesso em: 08 out. 2025.

¹⁰ CAMPELO, Calebe Lucas Feitosa. Contribuições da maçonaria na educação brasileira. Revista Ciência e Maçonaria. Brasília, Vol. 7, n.1, p. 41-47, jul/dez, 2020.

¹¹ SERENNA, Nathalia. História da Educação no Mundo e no Brasil. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/historia-da-educacao-no-mundo-e-no-brasil/605451719>>. Acesso em 08 out. 2025.

¹² BRAZOTO, Dirce Mara. Educação pública e sua evolução histórica: Ocorrências no Brasil. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 12, Vol. 06, pp. 48-63. Dezembro de 2020.

Em 1717, na Prússia, o rei Frederico Guilherme criou a educação pública e obrigatória para crianças entre 5 e 12 anos, visando a melhoria na formação de soldados e operários, mas, muito além de qualquer interesse imediato, a medida revolucionou a sociedade prussiana.¹³

Nessa mesma época das Luzes, os jesuítas, que até então controlavam a educação tanto na metrópole quanto na colônia, foram expulsos do Império Português por força do Alvará Real de 1759 elaborado pelo Marquês de Pombal, o que deu início às reformas pombalinas, fruto do chamado “Despotismo Esclarecido”, que combinava a monarquia absolutista com o racionalismo iluminista.

Portugal atravessava uma grande crise econômica e buscava se reerguer como potência imperial. Como a educação até então tinha as características medievais, não havia meios para a formação de profissionais capazes de impulsionar a atividade econômica e o fortalecimento do Estado.

Apesar de não haver dados conclusivos sobre a filiação maçônica do Marquês de Pombal, em razão das medidas aplicadas à estrutura pública do reino, sua figura é amplamente associada à maçonaria.

A característica mais marcante da reforma educacional de Pombal foi a criação das “aulas régias”, concretizando o início do modelo de ensino público estatal. Contudo, apesar dos benefícios trazidos pela criação do ensino popular e laico, o método de ensino foi muito criticado por sua estrutura fragmentada em disciplinas isoladas.

A educação no Brasil apenas seria fortalecida com a chegada da corte portuguesa em 1808 e pela necessidade do governo de D. João VI de su-

prir as suas necessidades de profissionais especializados.¹⁴ De modo que o regente, em 30 de junho de 1821, permitiu o ensino a todo cidadão e autorizou a abertura de escolas de primeiras letras, que corresponderia ao ensino fundamental no Brasil dos dias atuais.¹⁵

Com a independência do Brasil e a outorga da Constituição de 1824, a qual decretava que a educação era um dever do Estado, iniciou-se as discussões sobre novas políticas de educação pública, as quais resultaram na sanção da lei geral da educação de 15 de outubro de 1827, que determinou a criação das escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e povoados mais populosos do Império. Posteriormente, com o Ato Adicional de 1834, o governo regencial decidiu descentralizar a competência sobre a educação, delegando às províncias a competência para legislar sobre a educação primária, modelo que seria mantido após a proclamação da República. Contudo, esse modelo foi duramente criticado por causar assimetrias educacionais entre as diversas camadas sociais e regionais.¹⁶

Ensino laico e ensino religioso

Laicismo é o princípio que propugna pela separação completa entre a religião e o Estado, afastando as ideias religiosas da esfera pública. Outrossim, a maçonaria defende esse princípio por entender que o ensino religioso mantém as crianças e os adolescentes presos ao obscurantismo, ao fanatismo e à superstição. Entretanto, não obstante a progressiva limitação da influência religiosa sobre a educação e as leis, as correntes de pensamento liberal e cientificista no Brasil ainda enfrentavam a reação de defensores do pensamento católico e conservador.¹⁷

¹³ SERENNA, Nathalia. História da Educação no Mundo e no Brasil. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/historia-da-educacao-no-mundo-e-no-brasil/605451719>>. Acesso em 08 out. 2025.

¹⁴ SERENNA, Nathalia. História da Educação no Mundo e no Brasil. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/historia-da-educacao-no-mundo-e-no-brasil/605451719>>. Acesso em 08 out. 2025.

¹⁵ BRAZOTO, Dirce Mara. Educação pública e sua evolução histórica: Ocorrências no Brasil. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 12, Vol. 06, pp. 48-63. Dezembro de 2020.

¹⁶ SERENNA, Nathalia. História da Educação no Mundo e no Brasil. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/historia-da-educacao-no-mundo-e-no-brasil/605451719>>. Acesso em 08 out. 2025.

¹⁷ COLUSSI, Eliane Lucia. A Maçonaria brasileira e a defesa do ensino laico (Século XIX). História & Ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História. Londrina, v. 6, p. 47-56, out. 2000.

Enquanto o ensino público era caracterizado por sua ineficiência, pois a escassez de professores e a insuficiência estrutural prejudicavam a evolução da educação nacional, a influência do catolicismo no ensino privado era grande e ampliava as assimetrias sociais e regionais.

Frente a esses desafios, a partir da década de 1870, as lojas maçônicas começaram a criar e manter colégios para impulsionar a educação brasileira com base no ensino leigo e voltado às tendências pedagógicas positivistas.

Esse trabalho maçônico foi muito importante. Somente entre 1912 e 1922, a Maçonaria criou 132 escolas populares, onde mais de 7 mil alunos recebiam educação formal. Apenas no ano de 1913, a loja “Sete de Setembro” de São Paulo criou nove unidades educacionais que atendiam cerca de 750 alunos.¹⁸

Nesse sentido, ainda na década de 1870, a maçonaria começou a facilitar a iniciação de professores, inclusive com a isenção de pagamentos de taxas de iniciação e mensalidades.¹⁹

Em favor do ensino laico e positivista, em 19 de abril de 1879, foi aprovada a Reforma Leônicio de Carvalho, que determinou: a liberdade de ensino, permitindo que o professor escolhesse o método de ensino; o professor não poderia ter outro cargo público ou administrativo; e a liberdade de frequência para os alunos secundaristas e de nível superior, que poderiam escolher a forma de estudo.²⁰

No ano de 1882, Ruy Barbosa, jurista, político e maçom, exerceu papel importante na nova reforma educacional ao propor a descentralização do ensino, a autonomia escolar e a liberdade de cátedra.²¹ Ele apresentou pareceres e relatórios que o consagraram como o primeiro político brasileiro com conhecimento técnico sobre educação.²²

Todavia, nessa mesma época, em 1884, o Papa Leão XIII editou a encíclica “*Humanum Genus*” que definiu a Maçonaria como parte do “reino de Satanás” na Terra, condenando o naturalismo e o racionalismo.

A educação no Brasil República

Após a proclamação da República brasileira, houve novas tentativas de modernização do Estado e da sociedade, o que ensejou, naturalmente, novas reformas educacionais

Em 1890, foi aprovada a Reforma Benjamin Constant que pretendia concretizar a gratuidade da escola primária, além da liberdade e da laicidade do ensino. Essa reforma educacional implantou o estudo das ciências, aritmética e geometria prática no 1º grau de ensino e introduziu o estudo da trigonometria e das ciências físicas e naturais no 2º grau.²³

Benjamin Constant foi maçom, positivista e, conforme a Constituição de 1891, o “Fundador da República”. Como primeiro Ministro da Instrução Pública brasileiro, promoveu a mencionada reforma, criou uma estrutura de ensino nacional baseada em princípios científicos e laicos, e fun-

¹⁸ AGUIAR, Thales. A promoção do Ensino Público e os caminhos discretos da Maçonaria no Brasil. Disponível Em: <<https://drd.com.br/a-promocao-do-ensino-publico-e-os-caminhos-discretos-da-maconaria-no-brasil/>>. Acesso em: 08 out. 2025.

¹⁹ COLUSSI, Eliane Lucia. A Maçonaria brasileira e a defesa do ensino laico (Século XIX). História & Ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História. Londrina, v. 6, p. 47-56, out. 2000.

²⁰ BRASIL. Ministério da Educação. Conheça a história da educação brasileira. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao-paginas-unicas/conheca-a-historia-da-educacao-brasileira>>. Acesso em: 09 out. 2025.

²¹ GRANATO, Paulo Sérgio. A Maçonaria e suas Contribuições para a Educação no Brasil. Disponível em: <<https://cafepolitico.com.br/a-maconaria-e-suas-contribuicoes-para-a-educacao-no-brasil/>>. Acesso em: 08 out. 2025.

²² FILHO, Manoel Bergstöm Lourenço. A Pedagogia de Rui Barbosa. 4ª Ed. Brasília: INEP, 2001.

²³ BRASIL. Ministério da Educação. Conheça a história da educação brasileira. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao-paginas-unicas/conheca-a-historia-da-educacao-brasileira>>. Acesso em: 09 out. 2025.

dou a Escola Militar da Praia Vermelha.²⁴

Após a Primeira Guerra Mundial, houve um novo movimento de reforma e atualização do modelo educacional, o que causou a criação das pioneiras Universidades do Rio de Janeiro (1920), Minas Gerais (1927), São Paulo (1934) e Porto Alegre (1934).

Na década de 1920, a Maçonaria passou a defender, ainda que de forma limitada, a ampliação da educação das mulheres, que se encontravam aliadas dos processos sociais e políticos do País.²⁵

Em 1930, foi criado o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública com a função de “despacho dos assuntos relativos ao ensino, à saúde pública e à assistência hospitalar” (Decreto nº 19.402, de 14 de novembro de 1930). A Constituição de 1937 criada pela ditadura do Estado Novo retrocedeu os avanços educacionais ao incentivar o ensino profissionalizante e a educação privada, relegando ao Estado uma mera função subsidiária na área educacional.²⁶

Não por acaso, afastando a maçonaria dos princípios iluministas, Getúlio Vargas suspendeu as atividades da Maçonaria em 24 de outubro de 1937, através de decisão do Conselho de Segurança Nacional, e, na sequência, o Grande Oriente do Brasil (GOB), que tinha um general como Grão-Mestre, publicou o Decreto 1.519 de 03 de março de 1938, o qual substituiu o lema iluminista “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” pelo temeroso lema “Ordem, Fraternidade e Sabedoria”.²⁷

A Constituição de 1946 retomou a respon-

sabilidade estatal sobre a educação nacional, mas não extinguiu a participação privada. A Constituição do regime militar de 1967 eliminou a vinculação orçamentária que obrigava aos entes federativos a destinar um percentual mínimo de recursos para a educação.²⁸

Consagrando os direitos democráticos, a Constituição Cidadã de 1988 assegura a educação como direito fundamental e dever do Estado e da família com o intuito de garantir o pleno desenvolvimento da pessoa e permitir o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho.

Educação maçônica

Além da educação como princípio e objetivo da Maçonaria, a educação maçônica, em seu aspecto iniciático, é o processo de aprimoramento moral, espiritual e intelectual do indivíduo, por meio da compreensão dos objetivos fundamentais de cada grau maçônico.

Durante a iniciação, o então candidato aprende que a moral maçônica é a prática do bem e o abandono do vício, através da transformação interna e do reconhecimento da individualidade superior, engendrando um renascimento iniciático por meio de um novo nível de personalidade.

Busca-se o ideal de liberdade aliado às qualidades de respeito, disciplina e ordem, em favor da harmonia universal, a fim de transformar o indivíduo em um homem melhor e um cidadão aprimorado, o que é chamado simbolicamente de “desbastar a pedra bruta”.

²⁴ GRANATO, Paulo Sérgio. A Maçonaria e suas Contribuições para a Educação no Brasil. Disponível em: <<https://cafepolitico.com.br/a-maconaria-e-suas-contribuicoes-para-a-educacao-no-brasil/>>. Acesso em: 08 out. 2025.

²⁵ SILVA, Ivanilson Bezerra da; CARMO, Jeferson Carriello do. O uso do método prosopográfico em história da educação a partir da revista ‘A Maçonaria no Estado de São Paulo’ (1912-1932). Acta Educ. Maringá, v. 44, e54451, 2022. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-52012022000100105&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 out. 2025.

²⁶ BRASIL. Ministério da Educação. Conheça a história da educação brasileira. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao-paginas-unicas/conheca-a-historia-da-educacao-brasileira>>. Acesso em: 09 out. 2025.

²⁷ ISMAIL, Kenno. Quando o GOB era Socialista e a guinada maçônica brasileira ao Conservadorismo. Disponível em: <<https://opontodentrodocirculo.wordpress.com/tag/gob/>>. Acesso em 11/10/2025.

²⁸ SERENNA, Nathalia. História da Educação no Mundo e no Brasil. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/historia-da-educacao-no-mundo-e-no-brasil/605451719>>. Acesso em 08 out. 2025.

O ensino maçônico é organizado e ordenado através da exposição de lições morais, alegorias e símbolos que remetem à maçonaria operativa medieval. Contudo, não se trata de brincar de medievallismo, mas sim compreender, conforme o princípio da analogia, conceitos metafísicos e aplicá-los às questões individuais e coletivas da vida moderna.

A Maçonaria se apresenta como uma ciência moral e iniciática que utiliza um método pedagógico baseado na interpretação de alegorias e símbolos. Essa jornada de aprendizado é conduzida através de diferentes escolas, conhecidas como Ritos, e organizada em etapas ou séries progressivas, conhecidas como Graus iniciáticos, sendo os Rituais os livros didáticos que contêm as instruções e a doutrina a ser assimilada.²⁹

A verdadeira educação, contudo, somente pode ser alcançada pela vontade do iniciado, isto é, em última instância, a iniciação é uma autoeducação. Nesse diapasão, a Maçonaria oferece os conhecimentos, mas o maçom que deve usar o livre arbítrio e o esforço pessoal para merecer a “Luz” e educar a sua personalidade inferior.

O iniciado é conduzido por um mestre no início de sua jornada, mas, para chegar ao destino, deve caminhar por sua própria conta. Assim, a jornada maçônica é impulsionada pela vontade interna e pelo desejo de aprimoramento, sem isso as vestimentas maçônicas são meras cascas vazias de conteúdo.

Apesar das variações de cada escola, ou rito, é possível definir três colunas fundamentais da educação maçônica: a filosofia iniciática, a aplicação moral e operativa, e história da maçonaria e filosofia geral.³⁰ Essas colunas abrangem o estudo dos valores maçônicos, como amor fraterno, auxílio mútuo e filantropia, as lendas e a história da Ordem, a simbologia e os aspectos esotéricos da filosofia clássica e temas filosóficos profundos. A reflexão e a meditação geram a união da

sabedoria com o entendimento, a fim de dar a luz ao conhecimento.

O maçom ensinará e liderará pelo exemplo, porque o conhecimento sem prática e aplicação no mundo “externo” ou “profano” de nada serviria.

A câmara de reflexões: O início da meditação

O momento mais emblemático do processo cognitivo da educação maçônica ocorre logo no início da jornada, na Câmara de Reflexões, que consiste num pequeno quarto, com paredes escuras, simbolizando a terra e o interior do próprio indivíduo. O candidato deverá enfrentar a sua própria finitude e as suas fraquezas.

Nessa jornada, o iniciado buscará se tornar uma pessoa completa, única e total, integrando o material inconsciente à consciência, o que foi chamado por Carl Jung de “individuação”. O ser confronta a sombra e a escuridão que habitam em seu interior, gerando uma ponte entre a vida consciente e o nível arquetípico da existência humana, ou “inconsciente coletivo”, onde habitam os heróis, deuses, símbolos, a mãe, o sábio, a criança divina, dentre outros.³¹

O desenvolvimento da faculdade mental aperfeiçoa o aprendizado, o raciocínio lógico, a compreensão e o desenvolvimento da atenção e da memória para aquisição e retenção do saber, além do aprendizado contínuo conforme um método rigoroso até se obter o mercúrio filosófico.

A Grande Obra

Com um profundo alcance filosófico, o conceito de “Grande Obra” tem sua origem na Alquimia. Na Maçonaria, o conceito foi assimilado e ressignificado para simbolizar o perene processo de aperfeiçoamento interior do indivíduo.

²⁹ ISMAIL, Kenyo. A Ciência Maçônica. Disponível em: <<https://www.glemt.org.br/noticia/6941>>. Acesso em: 08/10/2025.

³⁰ BUCCIERI, Gilberto Paschoal. AUG.: e RESP.: LOJ.: SIMB.: Cavaleiros de São João 872 A Fundação da Loja. São Paulo: ArteSam Editora, 2023.

³¹ JUNG, Carl G... [et al.]. O homem e seus símbolos. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 3ª Ed.Especial. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2026.

Após o “desbaste da Pedra Bruta”, isto é, após a conclusão da primeira parte da educação maçônica, inicia-se a segunda fase que consiste na aplicação prática do aperfeiçoamento pessoal no mundo exterior. O iniciado aperfeiçoado é chamado então de “Pedra Cúbica”, que deverá ser ajustada e assentada na edificação de um mundo mais justo e fraterno.

De fato, a Grande Obra é a construção do “Templo da Paz”, o que representa a sociedade perfeita, onde prevalecem os ideais iluministas de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Contudo, o trabalho do Maçom é perene, pois a filosofia alquímica — expressa na fórmula “*Solve et Coagula*” (Dissolve e Coagula) — demonstra um ciclo eterno de transformação. Aquilo que é coagulado em um nível de perfeição se torna, inevitavelmente, a matéria-prima a ser dissolvida e novamente coagulada, impulsionando a reintegração e a construção contínua em um patamar superior.

Portanto, o iniciado maçom enfrenta um constante processo de dissolução de suas imperfeições e de coagulação de seu conhecimento em um ciclo eterno de evolução consciente e progressiva.

Conclusão

A análise histórica e filosófica da Maçonaria permite compreender que sua contribuição para a educação transcende o campo simbólico e ritualístico, refletindo um compromisso efetivo com a difusão do conhecimento e com a formação integral do ser humano. Fundamentada nos princípios da liberdade, igualdade e fraternidade, a Ordem maçônica se consolidou como agente de transformação social, atuando em defesa da instrução pública e da laicidade.

A Maçonaria foi uma das primeiras instituições a reconhecer a educação como instrumento de libertação e progresso, ao promover o ensino livre de dogmas e voltado ao desenvolvimento da razão. Essa concepção está em completa conso-

nância com o pensamento iluminista e com as teorias positivistas do século XIX, que entendiam o conhecimento científico e moral como base para a reorganização da sociedade.

No contexto brasileiro, a presença maçônica na educação se manifestou na atuação de figuras como Benjamin Constant e Rui Barbosa, cujas ações contribuíram para a consolidação do ensino público e laico. Inspirados pelos ideais de fraternidade e aperfeiçoamento humano, os maçons compreenderam que a educação é o meio pelo qual a sociedade prepara o indivíduo para a vida coletiva, reproduzindo e aperfeiçoando seus valores.

Dessa forma, a educação maçônica pode ser entendida como uma prática social orientada pela razão, pela moral e pelo humanismo. Mais do que um conjunto de ensinamentos simbólicos, a Maçonaria expressa um ideal permanente de aprimoramento intelectual e moral, capaz de inspirar políticas educacionais e projetos pedagógicos contemporâneos. Reconhecer esse legado é reconhecer que o verdadeiro progresso, conforme a filosofia maçônica, somente se concretiza por meio do conhecimento e da formação consciente do ser humano.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Thales. A promoção do Ensino Público e os caminhos discretos da Maçonaria no Brasil. Disponível Em: <<https://drd.com.br/a-promocao-do-ensino-publico-e-os-caminhos-discretos-da-maconaria-no-brasil/>>. Acesso em: 08 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conheça a história da educação brasileira. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/acao-a-informacao-paginas-unicas/conheca-a-historia-da-educacao-brasileira>>. Acesso em: 09 out. 2025.

BRAZOTO, Dirce Mara. Educação pública e sua evolução histórica: Ocorrências no Brasil. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 12, Vol. 06, pp. 48-63. Dezembro de 2020.

- BUCCIARI, Gilberto Paschoal. AUG.: e RESP.: LOJ.: SIMB.: Cavaleiros de São João 872 A Fundação da Loja. São Paulo: ArteSam Editora, 2023.
- CAMPELO, Calebe Lucas Feitosa. Contribuições da maçonaria na educação brasileira. Revista Ciência e Maçonaria. Brasília, Vol. 7, n.1, p. 41-47, jul/dez, 2020.
- CLEMENS XII, Papa. Bula Papal de Clemente XII relativa aos maçons. Disponível em: <<https://bibliot3ca.com/bula-papal-de-clemente-xii-relativa-aos-macons/>>. Acesso em: 08 out. 2025.
- COLUSSI, Eliane Lucia. A Maçonaria brasileira e a defesa do ensino laico (Século XIX). História & Ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História. Londrina, v. 6, p. 47-56, out. 2000.
- DESCARTES, René. DISCURSO DO MÉTODO. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FILHO, Manoel Bergstöm Lourenço. A Pedagogia de Rui Barbosa. 4ª Ed. Brasília: INEP, 2001.
- FILHO, Vanessa Kern de Abreu Geraldo Inácio. A educação moral e cívica - doutrina, disciplina e prática educativa. Revista HISTEDBR On-line. Campinas, n.24, p. 125 –134, dez, 2006.
- GRANATO, Paulo Sérgio. A Maçonaria e suas Contribuições para a Educação no Brasil. Disponível em: <<https://cafepolitico.com.br/a-maconaria-e-suas-contribuicoes-para-a-educacao-no-brasil/>>. Acesso em: 08 out. 2025.
- ISMAIL, Kenno. A Ciência Maçônica. Disponível em: <<https://www.glemt.org.br/noticia/6941>>. Acesso em: 08 out. 2025.
- ISMAIL, Kenno. Quando o GOB era Socialista e a guinada maçônica brasileira ao Conservadorismo. Disponível em: <<https://opontodentrodocirculo.wordpress.com/tag/gob/>>. Acesso em 11/10/2025.
- JUNG, Carl G... [et al.]. O homem e seus símbolos. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 3ª Ed.Especial. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2026.
- NIETZSCHE, Friedrich. Para Além do Bem e do Mal - Prelúdio a uma Filosofia do Futuro. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.
- PLATÃO. A República. trad. Leonel Vallandro. Ed. esp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- OLIVEIRA, José Roniel Moraes; OLIVEIRA, Ilzver de Matos. O empoderamento e a emancipação dos sujeitos enquanto pressupostos de efetividade da participação social. Revista Brasileira de Filosofia do Direito. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 175 - 189, Jul/Dez, 2016.
- SANTOS, Valdeci Ribeiro dos; RIBEIRO, Wallace Cabral. Spinoza, uma filosofia da imanência dos afetos. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/11358>>. Acesso em: 09 out. 2025.
- SERENNA, Nathalia. História da Educação no Mundo e no Brasil. Disponível em: <<https://jusbrasil.com.br/artigos/historia-da-educacao-no-mundo-e-no-brasil/605451719>>. Acesso em 08 out. 2025.
- SILVA, Ivanilson Bezerra da; CARMO, Jeferson Carriello do. O uso do método prosopográfico em história da educação a partir da revista 'A Maçonaria no Estado de São Paulo' (1912-1932). Acta Educ. Maringá, v. 44, e54451, 2022. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-52012022000100105&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 out. 2025.
- ZENIN, Alencar Buratto. Educação e autonomia no Iluminismo. Disponível em: <https://ucs.br/ucs/tplcinf/e/ eventos/cinf/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico9/Educacao%20e%20Autonomia%20no%20Iluminismo.pdf>. Acesso em: 08 out. 2025.

Assista a apresentação do artigo em:

<https://youtu.be/vzFaLBOq6Bo>



A EDUCAÇÃO MAÇÔNICA: UMA ANÁLISE DOS SEUS FUNDAMENTOS, MÉTODOS E OBJETIVOS



José da Silva Anchieta¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o conceito e os métodos de uma educação maçônica, compreendendo-a como um processo formativo contínuo e sistemático. Partindo da premissa de que a Maçonaria é, antes de tudo, uma instituição de caráter filosófico e iniciático, o estudo recorre principalmente às obras dos pesquisadores, escritores maçons. A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica de caráter qualitativo. Conclui-se que a educação maçônica opera por meio de um método simbólico-alegórico, utiliza rituais e símbolos como ferramentas pedagógicas para promover o autoconhecimento, o desenvolvimento moral e o engajamento visando o progresso da humanidade.

Palavras-chave: Educação Maçônica, Simbolismo, Iniciação, Formação Moral, Filosofia Maçônica

1. Introdução

A Maçonaria, frequentemente envolta em mistérios e interpretações equivocadas pelo senso comum, é definida por seus estudiosos como uma sociedade discreta e não secreta, filosófica, filantrópica, iniciática e progressista. No cerne dessa definição, reside um aspecto fundamental e, por vezes, esquecido: sua natureza essencialmente educacional. A Maçonaria não é uma escola no sentido convencional do termo, mas opera como um sistema educacional peculiar, voltado para a formação moral e intelectual do indivíduo.

O problema de pesquisa que norteia este artigo é: de que forma a Maçonaria concebe e opera o seu processo educativo? Quais são seus métodos, ferramentas e objetivos finais? Para respondê-lo, este estudo adota uma abordagem qualitativa de caráter bibliográfico e exploratório, fundamentando-se em obras de pesquisadores, filósofos e escritores maçons, bem como em produções acadêmicas que discutem a dimensão filosófico-educacional da Maçonaria. A pesquisa consistiu na identificação, leitura e interpretação crítica de fontes primárias e secundárias, buscando compreender como o simbolismo, o ritual e a filosofia maçônica se articulam como instrumentos formativos. Essa metodologia possibilita uma análise interpretativa, voltada a compreender a educação maçônica não apenas como um conjunto de práticas instrutivas, mas como um processo contínuo de formação moral, intelectual e iniciática, orientado para o aperfeiçoamento do indivíduo e o progresso coletivo.

Com o objetivo de analisar os fundamentos que sustentam a existência de uma educação maçônica, buscamos compreender seus conceitos, seus métodos específicos e seus fins no contexto do aprimoramento humano e social. Ao longo des-

¹ Professor efetivo de Filosofia (SEDUC-SP) Mestrando em Filosofia (UFABC) Especialista em Gestão Escolar (FCE) Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho (UFPI), Especialista em Currículo e Prática Docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (UFPI), Especialista em Filosofia e Humanidades (Unifitalo), Licenciatura em Filosofia (Unifitalo) Mestre Maçom Instalado da ARLS Arte Real n° 598 – GLESP; e-mail: prof.janchieta@gmail.com

te trabalho, procuramos esclarecer que, embora a Maçonaria não se configure como uma instituição educacional convencional, ela carrega consigo um profundo compromisso com a educação, particularmente no que tange ao aprimoramento moral e ético de seus membros.

O estudo das práticas maçônicas e dos métodos pedagógicos que utiliza nos permite enxergar uma abordagem única e transformadora, em que o aprendizado se dá de forma simbólica, vivencial e progressista. Ao investigar suas ferramentas — como o simbolismo, os rituais e a reflexão constante — buscamos entender como esses elementos se articulam para formar um sistema educacional que visa à evolução integral do indivíduo.

Com base nessa problematização, passamos a analisar, na seção seguinte, os fundamentos conceituais e filosóficos da educação maçônica, compreendendo-a como um processo de transformação interior e de desenvolvimento da consciência humana.

2. Fundamentos da educação maçônica: mais do que uma instrução, uma transformação

A educação maçônica apresenta diferenças radicais quando comparada com a educação profana. Enquanto a última frequentemente prioriza a transmissão de informações e a capacidade técnica, a primeira é centrada na transformação interior do indivíduo. Seu foco não é acrescentar conhecimentos externos, mas o constante desbastar a pedra bruta, uma metáfora central que representa o processo de polir as próprias imperfeições morais e intelectuais.

Nessa perspectiva, o maçom é, simultaneamente, professor e aluno. A Loja Maçônica funciona como um oficina-escola, onde o trabalho coletivo e ritualístico serve como um ambiente de aprendizagem. Vale lembrar que somente isso não diz que haverá qualidade nos aprendizados, pois afirma SOUSA (2020, p.159) é preciso estabelecer

e implementar estratégias efetivas para que o trabalho maçônico nas lojas volte a ser atrativo.

Neste sentido, podemos observar que o caráter iniciático é um pilar fundamental. A iniciação não é um mero momento de recepção ou admissão, mas a primeira e mais impactante aula do sistema. Ela representa simbolicamente o início de um novo ser, agora intrinsecamente envolvido em uma jornada de conhecimentos.

Essa jornada iniciática, portanto, não é apenas um rito de passagem, mas um convite a uma transformação profunda. Que ao ser integrado aos ensinamentos e símbolos da Maçonaria, o iniciado possa perceber o mundo sob uma nova perspectiva, mais ampla e consciente. O verdadeiro propósito da iniciação vai além da simples adesão a uma fraternidade ela é uma preparação para a construção de um ser humano que busca de alguma forma ser mais íntegro, mais sábio e mais preparado para contribuir de maneira significativa para o bem comum.

Ao ingressar na Maçonaria, esse Maçom, agora, terá a oportunidade de se aperfeiçoar e realizar a sua transformação interior, através dos ensinamentos e das práticas maçônicas que precisa realizar, visto que a Ordem é um sistema de moralidade e que tem o objetivo principal de contribuir no aperfeiçoamento moral e intelectual do ser humano. (SOUSA, 2020, p. 161)

Portanto, o fundamento da educação maçônica é ético, moral e filosófico. Ela não doutrina, mas provoca a reflexão. Não dá respostas prontas, mas ensina a questionar. Sua base é desenvolver a virtude reforçando a prudência, temperança e justiça, preparando para o convívio de maneira mais harmoniosa, produtiva e como afirma Anchieta (2024):

As leis morais devem convergir para um único caminho, o da virtude, essencial compreender sua existência, ainda que de forma incompleta, antes de aplicá-las. A

aplicação moral dos ensinamentos se encontra com as experiências diárias, representando um contínuo esforço para escapar da ignorância e afastar-se da obscuridade, almejando, assim, a busca pela luz do conhecimento.

Dessa forma, a educação maçônica se constrói como um longo processo contínuo de aprimoramento pessoal, no qual o iniciado é constantemente desafiado a superar suas limitações e expandir sua consciência. Ao integrar esses princípios na sua vida cotidiana, ele se torna não apenas mais virtuoso, mas também mais consciente de seu papel na sociedade e fora do templo Maçônico. A Maçonaria, portanto, busca formar homens que, além de praticarem a justiça e a moralidade em suas ações, se tornem agentes transformadores da realidade ao seu redor para um mundo mais equitativo e pleno de sabedoria.

Tendo compreendido os fundamentos ético-filosóficos que sustentam a educação maçônica, é possível agora examinar os meios pelos quais esses princípios se materializam em práticas pedagógicas, especialmente através do simbolismo e dos rituais.

3. Métodos e ferramentas pedagógicas: o simbolismo como linguagem

Se o objetivo é a transformação interior, os métodos para alcançá-lo são necessariamente indiretos e profundos. A principal ferramenta pedagógica da Maçonaria é o simbolismo. Os instrumentos usados em uma construção são ressignificados como representações de valores e conceitos abstratos. Mas cada Maçom entenderá ao seu modo e fará uma leitura conforme seu momento.

Essa abordagem não é casual, pois ela exige que o iniciado se torne um interprete de si mesmo. Ao se deparar com os símbolos e seus significados, ele é de certa maneira forçado a confrontar suas próprias limitações, dúvidas e crenças, e a

interpretar o mundo não apenas de forma literal, mas em camadas ora mais sutis, ora mais profundas. O aprendizado maçônico é, portanto, um processo pessoal, algo interno, único e intransferível. Cada maçom, de acordo com seu estágio de evolução, interpretações de suas próprias experiências, trará um entendimento distinto para os mesmos símbolos, reforçando a ideia de que o verdadeiro conhecimento vem de dentro, e não de uma autoridade externa. A transformação, então, ocorre não porque o iniciado tenha sido ensinado, mas porque ele se permitiu aprender a partir de uma visão mais ampla, questionadora e autêntica. Muito além dos símbolos, outras ferramentas para o aprendizado são essenciais como os rituais que como aulas dramatizadas em suas cerimônias que desde a iniciação é uma narrativa alegórica que ensina, por meios de experiências sensoriais, emocionais lições sobre vida, morte, ética e superação. Outro ponto muito importante são as instruções e pranchas, que podem servir como exercícios de pesquisa, reflexão e retórica, onde o Maçom aprofunda seu estudo em algum tema filosófico, moral ou histórico, mas que servem para compartilhar suas conclusões e fortalecer o conhecimento coletivo.

A convivência fraterna também é um meio de aprendizagem, uma vez que uma Loja maçônica é o microcosmo da sociedade, a necessidade conviver, debater e trabalhar harmonicamente com indivíduos de diferentes origens, crenças e opiniões diferentes é, em si, um poderoso exercício de tolerância e empatia, mas para que se concretize tal aprendizagem, é preciso observar que “a maçonaria enfrenta, na atualidade, pelo menos três grandes problemas: A evasão maçônica, o conflito de gerações e a falta de protagonismo social.” (SOUSA, 2020, p.158)

Esses três problemas, podem de fato, prejudicar profundamente o aprendizado maçônico, pois afetam diretamente a continuidade do processo de transformação pessoal e coletiva. A evasão, por exemplo, interrompe o ciclo de ensino e refle-

xão contínua que é essencial para o aprimoramento do iniciado. Sem um comprometimento firme com os princípios da Maçonaria, muitos acabam abandonando a jornada antes de alcançarem uma compreensão mais profunda de si mesmos e do mundo. O conflito de gerações, por outro lado, pode gerar uma divisão de enfoques, onde os mais jovens buscam mudanças rápidas e visíveis, enquanto os mais antigos defendem a preservação dos rituais e métodos tradicionais. Essa tensão pode prejudicar a fluidez da transmissão do conhecimento e enfraquecer a coesão da fraternidade, criando uma atmosfera de insegurança e desconfiança. Já a falta de protagonismo social enfraquece o papel da Maçonaria como uma referência moral e ética, tornando-a menos relevante para a sociedade. Sem uma atuação mais concreta no mundo exterior, o aprendizado maçônico corre o risco de se tornar um processo introspectivo e isolado, que não reflete nem impacta o ambiente que o cerca, enfraquecendo a capacidade da fraternidade de ser um verdadeiro agente de mudança.

O conjunto metodológico mencionado, quando aplicado de maneira plena, forma um sistema coeso de aprendizagem vivencial, que transcende o mero aprendizado intelectual. Na Maçonaria, o conhecimento não se limita a um acúmulo de informações ele se expande, criando uma experiência integral que envolve todos os aspectos do ser humano. Cada rito, símbolo e reflexão proposta pela Ordem exige que o Maçom se conecte não apenas com a razão, mas com suas emoções mais profundas e sua busca interior por significado. Esse processo de aprendizagem, por sua natureza experiencial, desafia o Maçom a viver o conhecimento de forma prática e transformadora e aplicando-o em sua vida cotidiana.

Se os métodos e ferramentas simbólicas constituem o caminho, resta compreender qual é o destino dessa jornada educativa e os fins que a Maçonaria almeja ao “formar” seus iniciados.

4. Os fins da educação maçônica: do indivíduo à sociedade

A educação maçônica é um processo teleológico, ou seja, orientado para um fim. Esse fim é duplo o aperfeiçoamento individual e, por consequência, o progresso da sociedade. A Maçonaria, portanto, não apenas visa ao desenvolvimento do indivíduo, mas também entende que esse aprimoramento pessoal tem uma repercussão direta na coletividade. Cada passo dado na não se limita a um benefício pessoal, mas reflete um compromisso com a transformação do ambiente social, promovendo valores como a justiça, a fraternidade, a liberdade e a igualdade. O maçom não se vê como um ser isolado, mas como parte de um todo, cujo desenvolvimento se conecta com o bem-estar coletivo e o aperfeiçoamento individual, portanto, não é um fim em si mesmo. Mas é preciso ficar atento, pois, de acordo com Sousa (2020), a falta de conhecimento sobre o que é a Maçonaria, por parte de alguns maçons brasileiros, favorece a cada maçom criar uma visão da Maçonaria, que lhe mais convém. Isso pode gerar situações desconfortáveis e prejudiciais com os objetivos da Ordem.

Dessa forma, entendemos o aperfeiçoamento como um processo contínuo de autoconhecimento e de contribuição para a harmonia social. O aprimoramento moral e intelectual do indivíduo como um meio de irradiar as virtudes que impactem positivamente uma determinada comunidade buscando constantemente o equilíbrio entre o progresso individual e o coletivo.

Se o primeiro objetivo é o aperfeiçoamento de um homem livre e de bons costumes. Livre dos grilhões internos como a ignorância, o preconceito, o fanatismo e os vícios de caráter. O maçom busca dominar suas paixões e agir de forma racional e ética. E corrobora com a ideia do indivíduo mudando interiormente tornando-se um agente de transformação no mundo profano. A Maçonaria aprimora essa ideia de que para mudar o mundo é necessário mudar a si mesmo.

Conclui-se, portanto, que a verdadeira essência da Maçonaria reside na compreensão de que a transformação social começa pela transformação interior. O trabalho maçônico é, antes de tudo, um exercício de autodomínio e elevação moral, que conduz o indivíduo a transcender suas limitações e a agir com sabedoria e retidão no convívio humano. Ao lapidar o próprio ser, o maçom contribui para a construção de uma sociedade mais justa, iluminada e fraterna, reafirmando o princípio de que a mudança coletiva é o reflexo da evolução individual.

Considerando, portanto, os fundamentos, métodos e objetivos analisados, podemos agora sintetizar os principais aspectos que caracterizam uma educação maçônica e suas implicações filosóficas e sociais.

Conclusão

A análise realizada, com base na literatura maçônica, que permitiu compreender que a educação maçônica constitui um sistema pedagógico singular e complexo. Ela se define como um processo contínuo, iniciático e vivencial, que utiliza o simbolismo e a alegoria como suas principais linguagens de instrução. Diferente de modelos educacionais convencionais, seu foco não é a acumulação de informações, mas a transmutação do caráter. O método passa pela experiência ritualística, pela reflexão sobre os símbolos e pela convivência fraterna, sempre visando o fortalecimento do autoconhecimento e ao domínio de si mesmo.

Os fins dessa educação são igualmente ambiciosos no sentido de forjar indivíduos moralmente retos e, através deles, impactar positivamente a sociedade, trabalhando silenciosamente por uma sociedade mais fraterna e esclarecida, embora não seja seu papel exclusivo. A Maçonaria, assim, reafirma sua vocação como uma “escola de vida”, cujo currículo é a própria condição humana e a “sala de aula” é o mundo, interior e exterior.

Este artigo não esgota o tema, mas busca oferecer uma porta de entrada acadêmica para sua compreensão. Pesquisas futuras que poderão explorar comparativos entre a pedagogia maçônica e outros sistemas de educação de adultos, ou analisar o impacto da formação maçônica na atuação profissional e cívica de seus membros.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de: BOSI, Alfredo; BENEDETTI, Ivone Castilho. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANCHIETA, J. S. **Os princípios filosóficos e a maçonaria: uma jornada rumo à sabedoria**. Revista Ciência e Maçonaria, v. 11, p. 53-59, 2024. Disponível em: <https://www.cienciaemaco.naria.com.br/index.php/cem/article/view/258/120> Acesso em 08/10/2025.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução Mario da Gama Kury. Brasília: UnB, 1985.

CAMINO, Rizzardo da. **Dicionário Filosófico de Maçonaria**. São Paulo: Madras. Editora, 2002.

ISMAIL, Kenno. **História da Maçonaria para adultos**. Londrina/PR: Editora Maçônica “A troilha” Ltda, 2017.

SOUSA, de Cavalcante Kleber. **A educação Maçônica e o futuro da Maçonaria**. In: MORAIS, Cassiano Teixeira de (Org.). *Maçonaria: perspectivas para o futuro*. Brasília: Editora CMSB, 2020.

_____. **A Maçonaria em 24 lições: introdução ao estudo maçônico**. Natal: AMRA, 2017.

Assista a apresentação do artigo em:

<https://youtu.be/gEHbhsZHQyo>



ENTRE A FORMA E O CONTEÚDO: UMA ANÁLISE JUNGUIANA DA CRISE EDUCACIONAL NO RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Rui Samarcos Lora,
MCDB 25062101

1. Introdução

O Rito Escocês Antigo e Aceito (R.E.A.A.), um dos sistemas maçônicos mais praticados globalmente, enfrenta uma crise de eficácia que, em sua essência, pode ser entendida como uma crise educacional (OLIVEIRA; LERAY; FERREIRA, 2021). Essa crise não se limita à proliferação de iniciativas desconexas ou à multiplicidade de instituições dispersas, que frequentemente fragmentam esforços ou acabam por se concentrar em atividades e eventos sociais (LORA, 2025b). O problema central investigado por este artigo é a transformação do R.E.A.A. de um sistema educativo iniciático, fundamentado no simbolismo¹ como ferramenta de transformação interior, em uma instituição de caráter predominantemente social, administrativo e filantrópico, onde o ritual é esvaziado de seu significado mais profundo e reduzido a protocolo cerimonioso (TOWEY, 2022; HASSELMANN, 2014).

¹ O simbolismo na Maçonaria é um elemento central de sua tradição, funcionando como ferramenta de transmissão de valores éticos, filosóficos e espirituais. Por meio de símbolos (como o esquadro, o compasso, a letra “G”, o avental ou a pedra bruta), a Maçonaria explora conceitos como virtude, igualdade, fraternidade e o aperfeiçoamento humano. Cada símbolo carrega múltiplas camadas de interpretação, incentivando a reflexão individual e coletiva. Essa linguagem simbólica, muitas vezes associada a ferramentas de construtores, remete à ideia de “edificar o templo interior” do ser humano, promovendo transformação pessoal e engajamento comunitário. A Maçonaria, portanto, utiliza o simbolismo não como fim, mas como meio para o desenvolvimento intelectual e moral de seus membros.

² Ver artigo do mesmo autor intitulado As Oito Escolas da Maçonaria: Uma Análise Histórico-Filosófica das Correntes de Pensamento e sua Concepção Educacional. Publicado na Revista de Maçonaria de Portugal <https://revistademaconaria.pt/>.

Diante desse contexto, a pergunta de partida que orienta esta investigação é: Como o abandono de uma pedagogia centrada no simbolismo e no processo de individuação contribuiu para a crise educacional no R.E.A.A., e de que forma a psicologia analítica de Carl Gustav Jung oferece um quadro teórico para sua revitalização?

O objetivo geral deste trabalho é analisar a crise educacional no R.E.A.A. por meio das lentes da psicologia junguiana e da tradição filosófica maçônica, argumentando que a superação desta crise depende da revalorização do simbolismo como eixo de uma pedagogia da individuação. Para atingir este objetivo, traçam-se os seguintes objetivos específicos: primeiramente, contextualizar historicamente o desvio do foco iniciático para o social na Maçonaria, examinando as transformações socioculturais que, segundo autores como Dumenil (1984) e Towey (2022), reconfiguraram a função das Lojas que utilizam o rito ao longo do século XX. Em segundo lugar, apresentar os fundamentos de uma pedagogia simbólica maçônica, resgatando a intenção filosófica original do R.E.A.A. a partir da Escola Filosófica² consolidada por autores como Pike (1871), Wilmshurst (1924) e Hammer (2010). Num terceiro momento, o trabalho busca articular os conceitos junguianos de símbolo, arquétipo e processo de individuação com a jornada iniciática maçônica, demonstrando os paralelos teóricos entre a psicologia analítica e o sistema de graus do Rito.

Por fim, e com base nessa fundamentação, almeja-se propor diretrizes teóricas como recomendações para o processo pedagógico do

R.E.A.A. que reinstitua o simbolismo como ferramenta central de autotransformação e eixo de uma educação maçônica renovada. A hipótese que se sustenta é a de que a crise educacional do R.E.A.A. é fundamentalmente uma crise de significado, resultante da negligência da dimensão simbólica e de seu poder transformador. Sua superação está condicionada à adoção de um modelo pedagógico que compreenda e utilize o simbolismo ritualístico como via privilegiada para facilitar o processo de individuação do maçom, tal como conceituado por Carl Gustav Jung e defendido pelos fundadores da tradição filosófica do REAA³.

Quanto à metodologia, este artigo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza teórico-bibliográfica e analítica. Utiliza-se o método de análise crítica de conteúdo de fontes primárias – notadamente as obras de Carl Gustav Jung, Albert Pike, W.L. Wilmshurst e Andrew Hammer – e fontes secundárias – como os trabalhos históricos de Lynn Dumenil e a compilação contemporânea de Christopher Towey, dentre outros. A análise busca identificar convergências teóricas entre a psicologia analítica e a tradição maçônica, construindo um argumento coerente para responder ao problema de pesquisa.

2. A Trajetória de uma Crise Anunciada

A literatura estrangeira identifica essa crise como decorrente da priorização do crescimento quantitativo em detrimento da qualidade filosófica e educativa, uma tendência que se intensificou ao longo do século XX (TOWEY, 2022). No contexto brasileiro, observa-se fenômeno análogo, especialmente em anos recentes, quando diversas pesquisas e artigos passaram a dedicar-se ao problema da chamada *evasão maçônica* (MORAIS, 2017; 2019; 2020). Como resposta a esse diagnóstico, Potências e Lojas maçônicas passaram a direcionar esforços principalmente para a abertura de

novas Oficinas, o estímulo a iniciações e a criação de iniciativas voltadas à atração de neófitos, o que, por consequência, se não for administrado de maneira atenta, acaba por reforçar a mesma lógica de valorização da quantidade em prejuízo da qualidade formativa.

Lynn Dumenil (1984), em sua análise da Maçonaria americana, identificou, naquele contexto, que as Lojas passaram por uma significativa mudança de função após a Primeira Guerra Mundial, transformando-se de espaços de reflexão filosófica e ritualística em clubes sociais orientados para atividades cívicas e de entretenimento. Conforme assinala a autora, *Lodges that were once sanctuaries would adapt and change into more open and commercially orientated clubs* (DUMENIL, 1984). No contexto brasileiro, observa-se fenômeno análogo. Se no século XIX e início do XX a Maçonaria destacou-se pela atuação de intelectuais e influência em projetos de nação (COLLUSSI, 2003), nas décadas recentes houve uma transição para um perfil mais social, onde atividades comunitárias e assistenciais sobrepuseram-se à reflexão ritualística e ao estudo simbólico (LORA, 2025b). No Brasil, contudo, esse movimento não se deve a um americanismo ou a pressões geopolíticas, mas a fatores endógenos. Conforme apresentado por pesquisas realizadas pela Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB) e pela Grande Loja Maçônica do Distrito Federal (GLMDF), a dificuldade de reter membros está ancorada em problemas como conflitos interpessoais e disputas por poder – citados como a principal causa, com 26,3% na pesquisa da GLMDF (MORAIS, 2020) e entre 41% e 53% na pesquisa da CMI (2018). Além disso, sessões consideradas enfadonhas e sem propósito, bem como a frustração em relação às expectativas não atendidas dos membros, também contribuem para a evasão. Esses fatores são agravados pela falta de uma formação maçônica consistente - uma deficiência

³ Ibidem



historicamente reconhecida na instituição e evidenciada pelo dado de que menos de 5% dos maçons brasileiros conhecem os conceitos fundamentais⁴ da Ordem (CMI, 2018) - e por lacunas na administração e liderança das Lojas, que falham em reter especialmente os membros mais jovens e com menor tempo de iniciação. A priorização da abertura de novas Lojas e do recrutamento massivo – em resposta à *evasão* – pode aprofundar esse viés, relegando a formação filosófica a um plano secundário. Como resultado, é possível pensar em um enfraquecimento do caráter iniciático e reflexivo que outrora definiu a Maçonaria, justificando, em parte, a percepção popular de que a Ordem vive mais de suas glórias passadas do que de uma atuação relevante e transformadora no presente.

Visionários do R.E.A.A. já alertavam para este risco, principalmente da Escola Filosófica (LEE, 2022), como Albert Pike, que, em *Morals and Dogma* (1871), defendia que a Maçonaria deveria preservar seu núcleo filosófico, distanciando-se de tendências meramente filantrópicas. Muitos anos antes da referida pesquisa sobre *evasão maçônica* no Brasil, Pike já criticava a indiferença em relação ao estudo do simbolismo, notando que poucos maçons ainda *regard the symbolism of Freemasonry as of any real value, or care to study it* (DE HOYOS, 2023). Em diversas passagens da referida obra, Pike admoesta o leitor-maçom a ir além da aparência, da moral e do dogma dos graus, convidando-o a um mergulho interpretativo

que exige tempo, dedicação e erudição a partir da análise do símbolo, ou seja, o entendimento de sua própria obra, assim como do REAA exige ultrapassar a noção de moral e de dogma. Seu discurso é, em grande medida, uma exortação contra a passividade intelectual e uma defesa vigorosa da investigação pessoal, da autoanálise, da reflexão, o VITRIOL⁵. Para Pike (1871), a falha em empreender essa jornada de aprofundamento representa não apenas uma oportunidade perdida, mas uma distorção do propósito essencial da Maçonaria como via de conhecimento e autotransformação, assim como assinala Hasselmann (2014).

Na mesma linha, W.L. Wilmshurst, em *The Masonic Initiation* (1924), também já alertava para a superficialidade com que os rituais de iniciação eram compreendidos e vividos pelos maçons de seu tempo. Para ele, uma das maiores urgências da Ordem consistia justamente em reeducar seus membros quanto ao verdadeiro propósito dos símbolos e cerimônias, como afirma: *no more is needed and useful work is to be done in the Masonic Order today than the education of its members in the true purpose of rites of initiation* (WILMSHURST, 1924, p. 10). Wilmshurst observava, na década de 1920, uma clivagem entre aqueles que buscavam efetivamente a *Luz* — entendida como elevação espiritual e intelectual — e os que se satisfaziam com uma filiação nominal, condecorativa ou honorífica, desprovida de busca hermeneutica ou transformação interior.

⁴ Os conceitos fundamentais da Maçonaria, referem-se aos pilares doutrinários essenciais para a compreensão da filosofia maçônica. Entre eles estão os Landmarks, que são os princípios imutáveis que definem a identidade e a regularidade da Ordem; os Princípios Cardeais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, entendidos como bases éticas e de conduta; e o Método Simbólico, que utiliza ferramentas como o esquadro, o compasso e a pedra bruta como instrumentos de aperfeiçoamento moral, intelectual e filosófico. Inclui-se também o Objetivo Iniciático, que compreende a iniciação como um processo contínuo de autoconhecimento e transformação interior; a Divisão em Graus, com seu significado filosófico nos estágios de Aprendiz, Companheiro e Mestre; a Tolerância e Laicidade, assegurando o respeito à diversidade de crenças e o caráter não religioso da instituição; e, por fim, a natureza simbólica e iniciática do Segredo Maçônico. O desconhecimento desses fundamentos indica uma deficiência na transmissão doutrinária básica.

⁵ VITRIOL é um acrônimo da máxima alquímica *Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem*, que significa “Visita o Interior da Terra e, Retificando, Encontrarás a Pedra Oculta”. No contexto maçônico, este princípio representa a jornada de introspecção e autoconhecimento. “Terra” simboliza o mundo interior do indivíduo, “Rectificando” refere-se ao processo de purificação e aperfeiçoamento moral, e “Pedra Oculta” indica a essência espiritual ou o *Self* a ser descoberto. Está diretamente relacionado ao trabalho de lapidação da Pedra Bruta e ao processo de individuação na perspectiva junguiana.



Essa percepção mantém-se atual quando se observa a proliferação de iniciativas sob o selo da Maçonaria que, embora revestidas de terminologia filosófica ou científica - como é o caso de instituições que recebem o beneplácito de Potências Maçônicas, - mas frequentemente distanciam-se do núcleo simbólico-iniciático da Ordem. Muitas dessas ações, sejam elas filantrópicas, literárias ou sociais, ainda que meritórias em sua intenção, ao tempo em que ampliam o escopo de atuação da Ordem, correm o risco de reduzir a Maçonaria a mais uma associação civil comunitária ou clube de assistência, esvaziando seu caráter distintivo como via de autoconhecimento e desenvolvimento ético-simbólico. Ao privilegiar atividades externas em detrimento do exame aprofundado dos seus próprios fundamentos, a instituição acaba por assimilar-se a outras formas de sociabilidade existentes, abdicando de sua potencialidade educativa como espaço de formação humana profunda e perpetuando, assim, a cisão entre aparência ritual e substância doutrinária. Nesse sentido, há espaço para muita reflexão e pesquisa que possa identificar ou auferir a compreensão da Ordem pelos próprios maçons.

No período posterior à Segunda Guerra Mundial, conforme documentado nas *Proceedings da Grande Loja da Califórnia* (1955), observou-se uma nítida transformação na dinâmica das Lojas maçônicas, que passaram a encurtar a duração de suas reuniões e a limitar as discussões de cunho ritualístico e simbólico, privilegiando, em seu lugar, atividades de sociabilidade e confraternização. Como assinala Towey (2022), "*Lodges make their meetings shorter and keeping discussion within Lodge to a minimum so that the lodge members can join in fellowship sessions after the Lodge is closed*". Essa tendência, que pode ser notada no comportamento de muitos maçons no Brasil,

reflete uma opção pela brevidade e informalidade, em detrimento da profundidade simbólica, ainda que existam iniciativas para reverter esse quadro, principalmente após o período de pandemia do Covid 19, onde os encontros virtuais deram espaço a novas tentativas de se voltar ao estudo e à formação maçônica⁶.

Independentemente da validade dessa orientação, que pode ser objeto de debate entre estudiosos, o cerne da questão reside na consequente marginalização do conteúdo simbólico e filosófico em favor de agendas administrativas, logísticas, meramente sociais ou ainda disfarçada de propósito intelectual pelas iniciativas literárias existentes. Se o pouco tempo de reunião é majoritariamente consumido por questões procedimentais e a abertura para a reflexão coletiva sobre símbolos, alegorias e ensinamentos é restrita, a formação maçônica tende a ficar relegada à iniciativa individual ou a grupos de estudo externos, que, embora válidos, não substituem o caráter comunitário e ritualístico do aprendizado em Loja. Assim, coloca-se em xeque a própria função formadora do espaço templário, que deveria servir como ambiente privilegiado para a interpretação compartilhada e o aprofundamento iniciático (MACKAY, 1882). Novamente, essa reflexão não desconsidera o valor do aspecto comunitário e filantrópico da Maçonaria, mas ressalta a necessidade de reequilibrar as prioridades, a fim de que a instituição não diminua sua identidade primordial como escola de simbolismo e filosofia, ou seja, seu aspecto pedagógico.

Essa dinâmica operacional pode transformar progressivamente as Lojas em fábricas de graus, nas quais a iniciação se reduz a um procedimento mecânico, esvaziado de seu potencial educativo e, sobretudo, de sua capacidade de despertar no indivíduo o processo de individuação⁷, en-

⁶ Sobre o assunto, recomenda-se leitura do artigo de opinião *Maçonaria e Geração "Z" Pós-Pandemia* do blog O ponto dentro do círculo. Disponível em: <https://opontodentrodocirculo.wordpress.com/2020/08/26/maconaria-e-geracao-z-pos-pandemia/>

⁷ Embora o autoconceito (*self-concept*) esteja relacionado à autoimagem e à autoestima, a individuação constitui um processo distinto e mais profundo, envolvendo uma transformação psicológica integradora. Enquanto o autoconceito é de natureza descritiva (por exemplo, a crença "sou capaz"), a individuação é um processo dinâmico de autorrealização. Trata-se da realização do projeto inerente ao *Self*, integrando tanto o eu consciente quanto o inconsciente. Dessa forma, o indivíduo se torna uma versão mais plena de si mesmo – menos fragmentado e mais inteiro –, o que representa a concretização do Si-mesmo (*Self*) (BOBROFF, 2024).

tendido como a assimilação consciente de símbolos e arquétipos visando ao aprimoramento ético e filosófico (JUNG, 2021). Se, ao final de uma iniciação⁸, não se instaura no recipiendário um movimento de autorreflexão prolongada, capaz de ecoar por dias ou mesmo semanas, todo o aparato simbólico e performático do ritual falha em cumprir sua função transformadora. Nesse caso, a experiência limita-se a mero protocolo, destituído do caráter vivencial que define uma ordem iniciática genuína, tal qual foi concebida.

É plausível supor que essa desconexão entre expectativa e realidade ritualística contribua significativamente para a *evasão maçônica*, especialmente entre aqueles que ingressam em busca de profundidade filosófica e crescimento interior. Não por acaso, o declínio numérico vivido pela Maçonaria americana a partir da década de 1960 refletiu, sobretudo, uma crise qualitativa substancial. Em 1966, a Grande Loja da Califórnia alertava: “the biggest problem concerning Freemasonry is the preservation of Freemasonry’s fundamental philosophy and Landmarks” (TOWEY, 2022). Percebe-se, assim, que o problema elencado não era apenas na preservação dos Landmarks, mas, necessariamente, implicava na transmissão efetiva do conteúdo simbólico-filosófico que confere sen-

tido à jornada maçônica, sob pena de a instituição tornar-se progressivamente irrelevante para aqueles que procuram mais do que sociabilidade ou vivência comunitária.

É neste contexto que se insere a demanda contemporânea por uma experiência maçônica mais significativa, educativa, articulada por autores como Andrew Hammer. Em *Observing the Craft* (2010), Hammer defende “a restauração da Maçonaria à intenção histórica e filosófica de seus fundadores” (HAMMER, 2010), argumentando que a Ordem deve privilegiar a excelência ritualística, o estudo profundo e a busca interior sobre o mero recrutamento em massa, uma clara defesa dos valores da corrente francesa, principalmente voltada para o REAA, que muito pode ser embasada na chamada Escola Filosófica da Maçonaria (LEE, 2022).

Portanto, o movimento por uma Maçonaria Observante não é apenas uma reação à modernidade, mas uma reafirmação consciente da linhagem filosófica do REAA, cujas raízes mergulham no trabalho de figuras que se preocupam com a questão pedagógica de maneira profunda e simbólica, seminalmente francesas, como Martinez de Pasqually, Louis-Claude de Saint-Martin, Jean-Baptiste Willermoz, e, posteriormente, Eliphas Lévi e Papus⁹, que estruturaram um sistema de

⁸ O termo “iniciação”, neste contexto, não se restringe apenas à cerimônia de ingresso na Ordem Maçônica. Refere-se a um processo contínuo de transformação interior que se estende por todos os graus do Rito Escocês Antigo e Aceito (R.E.A.A.) e de outros ritos maçônicos. Cada passagem de grau simboliza uma etapa de mudança, reflexão e autotransformação, na qual o maçom é convidado a revisitar simbolicamente os fundamentos de sua jornada, aprofundando seu autoconhecimento e reconectando-se com os propósitos filosóficos e espirituais da Maçonaria. Essa visão é corroborada por autores como Jean-Pierre Bayard (*La Symbolique maçonnique*, 2007) e Oswald Wirth (*La Franc-Maçonnerie rendue intelligible à ses adeptes*), que enfatizam a natureza progressiva e cíclica da iniciação maçônica, bem como por documentos do Supremo Conselho do R.E.A.A. (Jurisdição Sul dos EUA), que descrevem cada grau como uma “jornada de busca interior”. A iniciação, portanto, é entendida como um caminho de elevação constante, e não como um evento isolado.

⁹ É importante destacar que Martinez de Pasqually, Louis-Claude de Saint-Martin, Jean-Baptiste Willermoz, Eliphas Lévi e Papus (Gérard Encausse) não apenas foram maçons em sua maioria, mas também fundadores de ordens, ritos e graus que moldaram a história da Maçonaria filosófica francesa. Pasqually fundou a Ordem dos Cavaleiros Maçons Eleitos Cohen do Universo; Saint-Martin, seu discípulo, tornou-se uma figura central do Martinismo; Willermoz foi arquiteto do Rito Escocês Retificado; Lévi exerceu profunda influência no renascimento ocultista do século XIX; e Papus foi responsável pela reestruturação moderna da Ordem Martinista vinculada à Rosacruz. Apesar de suas contribuições seminalmente filosóficas e místico-intelectuais, existe uma tendência em algumas correntes maçônicas mais conservadoras e socialmente orientadas de minimizar ou relegar seu trabalho à condição de “mero esoterismo”. Essa perspectiva, no entanto, é anacrônica e reducionista, ignorando que o cerne de suas obras era a busca por um conhecimento profundo e a reintegração espiritual do ser humano, objetivos que estão na raiz da tradição maçônica especulativa. Julgar suas contribuições pelos estreitos critérios de uma visão que privilegia exclusivamente o aspecto clube social ou a observância ritualística sem profundidade doutrinária significa negar a riqueza e a diversidade do próprio patrimônio histórico, intelectual e, acima de tudo, simbólico da Maçonaria. Sobre o assunto, recomenda-se o artigo do mesmo autor intitulado *As Oito Escolas da Maçonaria: Uma Análise Histórico-Filosófica das Correntes de Pensamento e sua Concepção Educacional*. Publicado na Revista de Maçonaria de Portugal <https://revistademaconaria.pt/>.

pensamento onde o ritual é um veículo para a transformação filosófica e do autoconhecimento. Esta tradição contrasta visivelmente com a perspectiva de outras Obediências e Ritos que, embora valorizem a história operativa, a caridade e a moralidade, frequentemente deixam em segundo plano as investigações metafísicas mais profundas que são a espinha dorsal do Escocismo, percebido pela riqueza das instruções em todos os seus graus.

Esta recente mudança de mentalidade refletiu-se nas políticas das Potências, que passaram a reinvestir em educação maçônica por meio de simpósios, conferências e parcerias acadêmicas¹⁰. No entanto, ainda persiste a crise educacional latente na Ordem, especialmente no R.E.A.A., um fenômeno complexo enraizado em décadas de priorização do crescimento numérico em detrimento da profundidade iniciática. A realização do Primeiro Congresso de Pesquisa Maçônica, a ser realizado em 2025, no Brasil, é um sintoma claro desse diagnóstico: não apenas reconhece a crise de maneira empírica – pois é a primeira vez que se realiza um Congresso para pesquisa maçônica –, mas também representa um esforço coletivo para superá-la através da reflexão estruturada e acadêmica, especialmente com o tema da educação em destaque. Iniciativas similares já haviam surgido em outros países, como a emblemática parceria entre a Grande Loja da Califórnia e a Universidade da Califórnia (UCLA) em 2009, que marcou um deslocamento programático do foco na *quantidade* para a *qualidade* (TOWEY, 2022). Esse movimento atraiu um novo perfil de membros, que busca ativamente uma iniciação mais rigorosa e filosoficamente significativa e pode antecipar o mesmo no caso brasileiro.

Todavia, o principal desafio reside em romper com um formato institucional já cristaliza-

do pelo tempo e retomar a proposta original do REAA como um sistema de educação simbólica. Essa abordagem não é intuitiva, pois demanda a transmissão de um conhecimento que vai além do intelectual, é conhecimento que requer mediação prática, representada pela máxima da relação entre Mestre e Aprendiz. É aqui que a figura do padrinho (proponente) assume papel crucial, atuando como guia não apenas para os estudos, mas para a vivência do simbolismo como ferramenta de auto-transformação (LORA, 2025a).

É precisamente neste ponto que se encontra o cerne para uma reforma educacional genuína na Maçonaria contemporânea: a compreensão de que o simbolismo maçônico no REAA, desde a transformação da *Pedra Bruta* em *Pedra Polida* até as operações alquímicas de *Solve et Coagula*, constitui um caminho de individuação profundamente radicado nas tradições filosófica, alquímica e cabalística¹¹. Esse processo, longe de ser mero exercício intelectual, representa uma jornada de auto-transformação em que o iniciado, por meio dos símbolos e rituais, trabalha sua própria matéria interior — a *prima materia* — rumo à realização de seu potencial filosófico. Sem essa compreensão, a reflexão maçônica permanece apenas no ideal kantiano, isto é, moral e ético. Portanto, não ultrapassa o que grandes tradições filosóficas chamam de consciência, *olamot*, verdade, realidade, etc.

No entanto, essa jornada, ainda que íntima e pessoal, não se faz no isolamento. Ela demanda a guia experiente de um Mestre, ou seja, no padrinho. Este não é apenas um indicador ou um protocolar apresentante, proponente; é o condutor que encarna a relação Mestre-discípulo, tão cara às ordens iniciáticas. Por meio do exemplo, da transmissão oral e do acompanhamento próximo, o pa-

¹⁰ Ver nota 6.

¹¹ Para um estudo aprofundado das conexões entre a tradição maçônica e a Cabalá, sugere-se a consulta às instruções e rituais dos três graus simbólicos do Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA) – Aprendiz, Companheiro e Mestre –, que constituem o fundamento prático desta investigação, além do original Moral e Dogma de Albert Pike com as notas e comentários (PIKE, 1871). O aprofundamento pode ser complementado com as seguintes obras de referência: LORA (2022); PACHECO (2000) e RODRIGUES (2021; 2024).

drinho assegura que o neófito não apenas compreenda, mas vivencie o simbolismo em sua profundidade transformadora. A figura de um orientador, Mestre, professor, é a principal chave para entender a crise maçônica educativa, mas, também, a solução, que no fim reside em preparar bons maçons, pois todos são padrinhos em potência.

Aqui reside a essência do ciclo pedagógico maçônico: um bom padrinho só pode existir se, por sua vez, tiver sido guiado por um Mestre igualmente dedicado e comprometido. Este é o princípio hermético e cabalístico da *causa e efeito*, da *semente e da árvore* — onde o fruto carrega em si a natureza e a qualidade da semente que o originou. É uma manifestação prática e evidente do *Ouroboros*¹², a serpente que morde a própria cauda, simbolizando um ciclo eterno de renovação e transmissão onde o fim se alimenta do início, como uma vela acesa é capaz de acender outra ou que a cura está no próprio veneno. Por isso a solução para o problema está no próprio problema neste caso.

Dessa forma, a educação maçônica transcende o aspecto instrucional e se afirma como um ciclo contínuo de reprodução filosófica. Cada Mestre bem formado torna-se, por sua vez, um semeador de qualidade, perpetuando assim a corrente de transmissão iniciática. Romper esse ciclo, seja pela falta de formação, seja pela negligência no acompanhamento, é interromper a própria regeneração da Ordem¹³. Portanto, revitalizar a experiência maçônica exige reinvestir nessa relação primordial, assegurando que cada elo da cadeia seja forte o suficiente para sustentar o próximo, numa reprodução infinita do divino dentro da realidade finita da comunidade maçônica, micro e macrocosmicamente.

3. Jung e a Tradição Simbólica Maçônica

A superação desta crise exige um retorno aos fundamentos. Carl Gustav Jung pode ser lembrado aqui por oferecer um quadro teórico relevante para compreender a potência transformadora inerente ao sistema pedagógico maçônico, principalmente no caso do REAA que é iniciático e simbólico. A esse respeito, Jung observou que o inconsciente fala na linguagem de símbolo. Uma imagem deve ser entendida como tendo um espectro de significados possíveis, que se relacionam por meio de um tema significativo (BOBROFF 2024:113). Segundo Jung, o símbolo distingue-se radicalmente do mero signo por sua natureza transcendente e capacidade de expressar conteúdos psíquicos parcialmente desconhecidos pela consciência, funcionando como uma ponte entre o consciente e o inconsciente (SERBENA 2010). Enquanto um signo (como uma seta de trânsito) representa algo conhecido e de significado unívoco, o símbolo possui uma carga arquetípica e polissêmica, portador de energia libidinal e mediador de processos de transformação psíquica (SILVA JUNIOR, 2016). Por exemplo, a cruz cristã, como *signo*, identifica publicamente o cristianismo, mas como *símbolo*, encarna a união de opostos (como o humano e o divino, a morte e a renovação), expressando um conteúdo que transcende sua interpretação literal e conecta-se ao arquétipo de sofrimento e redenção. Portanto, a experiência de observar ou recordar esse símbolo no contexto religioso para um cristão tem uma força de introspeção muito maior do que simplesmente uma representação. Conhecer esse significado profundo possibilita uma transformação. Nesse sentido, cabe refletir se os símbolos maçônicos proporcionam entendimento ou contemplação semelhante após seu estudo e

¹² O *Ouroboros* (termo grego para aquele que devora a própria cauda) é um símbolo ancestral representado por uma serpente ou dragão que morde a própria cauda, formando um círculo. Simboliza conceitos de eternidade, ciclo infinito (vida, morte e renascimento), totalidade e a natureza autorrenovadora do universo. Sua representação mais antiga conhecida data do Egito Antigo, no túmulo de Tutancâmon (século XIV a.C.), associada aos deuses Rá e Osiris. Posteriormente, foi apropriado por tradições como o Gnosticismo, o Hermetismo e, de forma destacada, pela Alquimia, onde ilustra a natureza circular da “Grande Obra”. Na psicologia analítica, Carl Jung interpretou o *Ouroboros* como um arquétipo do processo de individuação, representando a integração do *Self*.

¹³ Ápice representado pelo Grau 33 do REAA.

exame. Não do ponto de vista sacro ou religioso, mas de seu profundo significado contemplativo.

Jung estabelece uma distinção fundamental entre símbolo, alegoria e signo, afirmando que o símbolo “não é uma alegoria nem um signo, mas a imagem de um conteúdo que, em grande parte, transcende a consciência” (JUNG, 2013). Esta característica de transcendência confere ao símbolo sua função crucial no processo de individuação, servindo como ponte para integração de conteúdos psíquicos profundos. A natureza dinâmica do símbolo é reiterada na obra junguiana: “O símbolo vivo é a expressão de uma coisa não encontrada de outra maneira e, portanto, desconhecida” (JUNG, 2011, 287). Esta dinamicidade manifesta-se na capacidade do símbolo de emergir do inconsciente como um mediador ativo entre as instâncias psíquicas, “ou seja, ele está vivo e mobiliza a energia onde o consciente encontra sentido e a razão desconhece” (CARDOSO, 2018).

Dessa forma, perceber essa visão ou entendimento do símbolo significa passar a compreender a realidade psíquica como um diálogo contínuo entre o consciente e o inconsciente, onde imagens, sonhos e fantasias deixam de ser meros signos literais para se tornarem portas de acesso a conteúdos arquetípicos universais e a aspectos negados do *Self*¹⁴. Essa percepção desencadeia o processo de individuação, no qual a pessoa, ao interpretar e se relacionar com os símbolos, não busca uma decifração única, mas permite que essas ima-

gens mediadoras integrem opostos psíquicos, transcendam conflitos e ampliem a consciência, transformando a experiência de vida em uma jornada contínua de autoconhecimento e conexão com sentidos profundos e coletivos da existência. É nesse sentido que as máximas maçônicas podem ser experimentadas de forma plena, isto é, causando uma verdadeira transformação do *Homem de Chumbo em Homem de Ouro* ou na *Pedra Bruta em Pedra Polida*.

Embora o Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA) não explicita formalmente um método pedagógico de alto grau de sofisticação, a percepção da capacidade da linguagem simbólica, anterior à própria Maçonaria e presente em diversas tradições, permite compreender a proposta iniciática da Ordem e seu potencial de autotransformação por meio de seus fundadores, obras e biografias. Nesse sentido, o princípio do *VITRIOL* pode ser entendido como análogo ao conceito de individuação. A questão central reside no fato de que esse processo é contínuo ao longo de todos os graus do REAA. Se não for assim percebido, compreendido e praticado ao longo de toda a jornada maçônica, a força contida nesse símbolo perde sua eficácia e pouco contribui para a transformação interior declaradamente promovida pelos rituais de cada Grau. Essa premissa é reiteradamente reforçada em obras de referência da Escola Filosófica maçônica, especialmente em *Morals and Dogma* de Albert Pike (1871). Essa concepção do símbolo como *força ativa*¹⁵ é central para se compreender a

¹⁴ O *Self* (ou Si-mesmo) é um conceito central na psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Representa o arquétipo da totalidade psíquica e o ponto central da personalidade, responsável pela organização e equilíbrio de toda a psique. O *Self* é o objetivo final do processo de individuação, no qual o indivíduo busca integrar os conteúdos conscientes e inconscientes (a persona, a sombra, a *anima/animus* e outros arquétipos) para tornar-se uma unidade completa e indivisa. Diferente do ego, que é o centro da consciência, o *Self* é um arquétipo que abrange tanto a consciência quanto o inconsciente, simbolizando a plenitude e o potencial máximo do ser. Jung frequentemente o simbolizava por meio de imagens de totalidade, como o mandala, o círculo e a quadratura do círculo. Em sua obra, define-o como “a totalidade psíquica do indivíduo” e “o arquétipo da ordem, da reconciliação e da plenitude” (JUNG, 2013). Para um estudo introdutório acessível, ver BOBROFF (2024).

¹⁵ Na psicologia analítica de Carl Gustav Jung, a *força ativa* de um símbolo refere-se à sua capacidade de mobilizar energia psíquica (libido) e provocar uma transformação dinâmica na consciência do indivíduo. Diferente de um signo convencional, que simplesmente representa algo conhecido, um símbolo verdadeiro é “vivo” porque emerge do inconsciente carregado de significado numinoso e age como um transformador de energia, redirecionando as forças psíquicas de padrões inconscientes e instintivos para formas culturalmente superiores e mais complexas. Essa força ativa permite que o símbolo funcione como um catalisador do processo de individuação, mediando a relação entre o ego e o *Self* e facilitando a integração de conteúdos inconscientes. Jung afirmava que “o símbolo sempre surge quando parece necessário substituir uma situação psíquica

função dos rito. O processo de individuação, definido por Jung como o caminho de integração entre consciente e inconsciente rumo à totalidade psíquica (o *Self*), encontra um paralelo na jornada do REAA, ou seja, a lapidação da *Pedra Bruta* (em si mesmo), onde o iniciado trabalha para superar suas imperfeições. Portanto, o conserto em si mesmo, a cura em si mesmo, como um processo alquímico de purificação até se realizar a *Grande Obra*.

Os instrumentos e símbolos maçônicos operam, portanto, como veículos de arquétipos – “formas ou imagens de natureza coletiva, que ocorrem praticamente em toda a Terra como constituintes dos mitos e, ao mesmo tempo, como produtos individuais autóctones de origem inconsciente” (JUNG, 2000, 45). O REAA, em sua estrutura, atua de modo análogo às operações alquímicas descritas por Jung (a *calcinatio*, a *solutio*, a *separatio*), conduzindo o iniciado através das fases de nigredo (negrume inicial), albedo (purificação) e rubedo (realização final). As iniciações podem ser observadas por meio dessa máxima alquímica que tem paralelo na própria cabalá de modo simbólico. O processo iniciático e a representação é sempre a mesma, apenas ensinado ou examinado por símbolos diferentes, mas com o mesmo fim¹⁶.

Esta visão junguiana encontra ressonância plena com a intenção original dos idealizadores da tradição filosófica maçônica, que concebiam a Maçonaria como um caminho de autoconhecimen-

to e transformação. Para Albert Pike (1871), os símbolos maçônicos não eram meras representações, mas veículos de verdades filosóficas imutáveis, cujo estudo metódico proporcionava ao iniciado a possibilidade de ascender ao entendimento profundo de si mesmo e do universo. Segundo Pike, cada grau maçônico é um passo na jornada de elevação moral e intelectual, onde os símbolos funcionam como chaves para o autoconhecimento e o aperfeiçoamento humano.

Por sua vez, pensadores como Martinez de Pasqually, Louis-Claude de Saint-Martin e Jean-Baptiste Willermoz foram pioneiros ao estruturar sistemas filosóficos no qual o ritual não era apenas um conjunto de cerimônias, mas um meio efetivo para a *reintegração* do homem ao seu estado original de pureza e sabedoria divina. Para esses autores, a Maçonaria operava como um rito de passagem que permitia ao iniciado restabelecer sua conexão com forças espirituais superiores, promovendo uma transformação interior fundamental (Pasqually, 1775; Saint-Martin, 1791; Willermoz, 1778).

Eliphas Lévi e Papus, influentes maçons do século XIX, ampliaram essa visão ao integrar a Maçonaria com a Cabalá e o Hermetismo, reconhecendo no simbolismo maçônico um elo entre as tradições filosóficas mais antigas e a evolução espiritual do ser humano. Lévi, em suas obras como *Dogme et Rituel de la Haute Magie* (1855), associ-

desgastada por uma nova perspectiva, capaz de conduzir a libido para novos caminhos”. Em resumo, a força ativa é o potencial transformador inerente ao símbolo vivo, que o torna um instrumento essencial para o desenvolvimento da personalidade total (JUNG, 2013, 82; BOBROFF, 2024, p. 112).

¹⁶ A esse respeito, o termo filosofia perene (do latim *philosophia perennis*) ajuda a interpretar essas semelhanças simbólicas. A filosofia perene é uma perspectiva filosófica e espiritual que propõe a existência de um conjunto de verdades universais e uma sabedoria primordial comum a todas as tradições religiosas e espirituais do mundo. Seu princípio central é que as diferenças entre as religiões são superficiais, apontando todas para uma mesma Verdade ou Origem metafísica subjacente. O termo foi cunhado no século XVI pelo teólogo Agostino Steuco, mas suas raízes remontam ao Renascimento, a pensadores como Marsilio Ficino e Giovanni Pico della Mirandola, que buscavam harmonizar o platonismo, o hermetismo, a Cabala e o cristianismo sob a ideia de uma prisca *theologia* (teologia antiga) compartilhada por todos os grandes pensadores ao longo da história. No século XX, a filosofia perene foi popularizada por Aldous Huxley em sua obra homônima, que a definiu como a crença em um “Fundamento divino” inefável presente em todas as coisas, acessível através da experiência mística e resumido no princípio védico *tat tvam asi* (“Aquila és Tu”). Paralelamente, a Escola Tradicionalista de René Guénon e Frithjof Schuon enfatizou a ideia de uma “Tradição” primordial única, da qual todas as religiões ortodoxas seriam derivações. O conceito é, portanto, fundamental para os estudos do esoterismo ocidental e do misticismo comparado.

ava o simbolismo dos graus maçônicos a um mapa para a ascensão espiritual, onde a Maçonaria servia como uma escola iniciática que, por meio dos rituais e da meditação sobre os símbolos, conduzia o iniciado à compreensão dos mistérios universais.

Para todos esses autores, a Maçonaria era vista como um sistema educativo iniciático robusto, no qual o templo simbolizava a sala de aula, o ritual representava o currículo e a experiência simbólica era o método de ensino. A pedagogia maçônica, fortemente influenciada pelos ideais iluministas, operava por meio de uma tríade essencial: exposição, que se manifestava no ritual encenado, contemplação, que envolvia a meditação profunda sobre os símbolos e seus significados, e aplicação, que correspondia à vivência dos princípios e ensinamentos no cotidiano do iniciado. Essa pedagogia não visava apenas o desenvolvimento intelectual, mas o despertar de uma consciência, em que o conhecimento se tornava a chave para a transformação espiritual e moral, alinhando o indivíduo com as leis universais e com sua própria essência divina.

Com isso, resta discutir o esvaziamento do simbolismo que reflete, essencialmente, na robustez pedagógica necessária capaz de responder e atender muitos dos temas aqui elencados e que, de certa forma, ressoam no contexto da evasão maçônica.

4. Análise e Discussão: O Esvaziamento do Símbolo e o Ciclo da Transmissão

A análise crítica empreendida neste estudo, baseada nas fontes da Escola Filosófica da Maçonaria (PIKE, 1871; WILMSHURST, 1924) e da teoria junguiana (JUNG, 2011; 2013), bem como na revisão de diagnósticos históricos e contemporâneos (DUMENIL, 1984; TOWEY, 2022; MORAIS, 2020), permite argumentar que a crise educacional do R.E.A.A. manifesta-se concretamente como um esvaziamento progressivo da função simbólica do ritual. Este esvaziamento opera uma dupla transformação negativa: converte o símbolo,

entendido na perspectiva junguiana como um organismo vivo e transformador (JUNG, 2011), em mero *signo* decorativo ou protocolo burocrático; e reduz a Loja, potencial “laboratório de individuação”, a um espaço de sociabilidade ou administração onde o tempo dedicado à introspecção e à hermenêutica coletiva dos símbolos é marginalizado.

A metodologia de análise crítica aplicada revela que esse fenômeno não é aleatório, mas sintoma de uma ruptura no ciclo da transmissão iniciática. A relação Mestre-aprendiz, eixo central da pedagogia maçônica tradicional (LORA, 2025a), é frequentemente substituída por um vínculo burocrático. Sem a mediação de um Mestre que encarne e transmita a vivência do simbolismo – atuando como o *senex* (arquétipo do ancião sábio) que guia o *puer* (arquétipo do iniciante) na jornada junguiana –, o processo de individuação fica truncado. O neófito, mesmo exposto aos ricos símbolos do Rito, carece das chaves hermenêuticas para uma interpretação significativa que ressoe em seu inconsciente, conforme previsto pela psicologia analítica (SERBENA, 2010). O ritual, portanto, falha em operar como um *símbolo vivo* e degenera em repetição estereotipada, o que corrobora a hipótese central deste trabalho sobre a crise ser, fundamentalmente, uma crise pedagógica.

Este diagnóstico é confirmado pelos dados quantitativos citados (CMI, 2018; MORAIS, 2020), que apontam a superficialidade formativa e a frustração com a experiência ritual como causas primárias da *evasão*. A consequência direta, observável pela análise das práticas descritas nas fontes secundárias (TOWEY, 2022), é a cisão entre o *intelecto* (o conhecimento *sobre* a Maçonaria) e o *ser* (a transformação *através* da Maçonaria). Sem a internalização vivencial, símbolos fundamentais como a lapidação da *Pedra Bruta* ou o princípio alquímico *Solve et Coagula* tornam-se conceitos abstratos, destituídos de seu poder de catalisar a transformação psíquica. A progressão pelos graus, assim, arrisca-se a tornar-se um cumprimento de

requisitos temporais, e não uma assimilação progressiva e interiorizada dos arquétipos apresentados em cada etapa.

Dessa forma, a análise demonstra que o esvaziamento do símbolo e a quebra do ciclo de transmissão são faces da mesma moeda. Superar a crise exige, necessariamente, a restauração de uma pedagogia que reinstalasse o símbolo como ferramenta central de autoconhecimento e reative a relação Mestre-discípulo como veículo privilegiado para sua transmissão eficaz. Esta conclusão fundamenta as diretrizes propostas a seguir, que visam intervir precisamente nestes pontos críticos identificados.

5. Considerações finais e recomendações

A análise realizada procura confirmar a hipótese inicial: a crise educacional do R.E.A.A. é, em sua essência, uma crise de significado decorrente do esvaziamento do simbolismo. Por sua vez, a revitalização do REAA depende de um retorno consciente à sua raiz arquetípica autotransformadora, recentrando a experiência maçônica no símbolo como ferramenta de individuação. Para tanto, é possível propor algumas diretrizes teóricas para uma reforma pedagógica contemporânea:

1. Reformulação Pedagógica: Os manuais de instrução maçônica devem transcender a mera exegese intelectual dos símbolos, incorporando exercícios práticos de reflexão e meditação que facilitem sua internalização e vivência. A excessiva proteção do Rito, tratado como segredo inquestionável, mostra-se contraproducente, pois gera uma curiosidade que, não saciada, impede a compreensão profunda. É fundamental fomentar o diálogo aberto e a explicação antecipada – tanto fora quanto dentro do Templo, por meio de conversas informais entre Mestre e discípulo –, de modo a incentivar o questionamento e o debate sobre

o Rito e a forma de trabalhar em Loja. O Templo funciona como laboratório prático, mas a “sala de aula” (presencial ou virtual) é indispensável para a fundamentação teórica, tal como era valorizado na tradição.

2. Capacitação além do Ambiente Ritual:

A formação maçônica precisa incluir temas que ultrapassem o âmbito estritamente ritualístico, uma vez que grande parte do conteúdo do REAA tem suas raízes em outras tradições. Sem esse embasamento, os símbolos tornam-se confusos e pouco examinados. A exploração de parcerias e iniciativas conjuntas com outras Potências, Lojas ou mesmo Ordens afins pode enriquecer significativamente a compreensão do ritual. Investimentos em iniciativas educativas – como a escola EAD mantida pelo GOBSP, formada por Irmãos, ou parcerias da Secretaria de Educação e Cultura com instituições de ensino – representam caminhos viáveis para essa capacitação em escala, principalmente através de modalidades virtuais.

3. Reestruturação do Tempo em Loja:

As reuniões devem ser reequilibradas para garantir um espaço privilegiado à discussão profunda de símbolos e alegorias, reduzindo a preponderância de longos trâmites administrativos. É essencial priorizar o tempo de qualidade, tanto dentro quanto fora do Templo, integrando mecanismos virtuais para otimizar atividades. A modernização dos processos administrativos – utilizando os recursos tecnológicos disponíveis – é uma realidade da qual a Maçonaria só tem a ganhar, contribuindo diretamente para o revigoramento do entendimento simbólico e da educação maçônica.

4. Integração de Iniciativas Educativas:

Academias maçônicas e Lojas de pesquisa devem atuar em sintonia com as Lojas Simbólicas, assegurando que o conhecimento

teórico produzido se reverta em ferramentas práticas de autotransformação. Iniciativas conjuntas – como sessões abertas, visitas a instituições de estudo como a Sociedade de Teosofia ou a Rosacruz, entre outras – podem capacitar os Irmãos e estimular uma nova percepção sobre o simbolismo, que por vezes se encontra enrijecido. Essa abertura é vital para dar fôlego e um entendimento renovado à jornada maçônica.

A Maçonaria sempre se transformou ao longo da história, das *Old Charges* operativas aos rituais especulativos¹⁷, adaptando-se aos contextos sem perder sua essência simbólica. A proposta aqui esboçada não é revolucionária, mas evolutiva: uma acomodação necessária à *modernidade líquida*¹⁸, que alterou profundamente as relações sociais, o tempo e a forma de aprender. Trata-se, em última instância, de resgatar o ideal pedagógico do REAA, pressionando por um retorno à centralidade do símbolo como ferramenta de individuação.

Em última instância, o desafio é existencial. A Maçonaria, principalmente o REAA, deve escolher entre continuar como uma agremiação social ou reafirmar-se como uma via singular de educação do ser por meio da linguagem universal do símbolo, o simbolismo que dá nome a todas as Oficinas, afinal, todas são nomeadas como *Lojas*

Simbólicas. O reencontro com esta missão essencial é o único caminho para restaurar sua prosperidade filosófica, que, como bem lembrado há mais de um século, reside não na riqueza material, mas na sua capacidade de conquistar as afeições de seus membros e guiá-los em sua jornada de individuação.

Bibliografia

BOBROFF, Gary. **Carl Jung Simplificado**. 1. ed. Alfragide: Casa das Letras, 2024. 279 p.

COLLUSSI, Eliane Lucia. Espaços de secularização no século XIX: a atuação da maçonaria no Brasil e no Uruguai. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 103-116, 2003.

DE HOYOS, Arturo (Ed.). **Esoterika: el simbolismo de los grados azules de la masonería**. Por Albert Pike. Introdução de Carlo Guillermo Rognoni Arias. Ciudad de Panamá: Gran Logia de Panamá, 2023.

DICKIE, John. **A Maçonaria: como os pedreiros livres construíram o mundo moderno**. [S. l.]: Record, 2000

DUMENIL, Lynn. **Freemasonry and American Culture: 1880–1930**. Princeton: Princeton University Press, 1984.

HAMMER, Andrew. **Observing the Craft: The Pursuit of Excellence in Masonic Labour and**

¹⁷ “As Lojas de Schaw eram secretas, escondidas do olhar das guildas e das autoridades locais. Embora deveriam ser redigidas atas das suas reuniões, não podiam ser mostradas a pessoas de fora”. John Dickie, sobre William Schaw, Mestre de Obras no século XVI, In: *A Maçonaria: como os pedreiros-livres construíram o mundo moderno* (2000). Para um estudo aprofundado sobre as origens documentais da Maçonaria, recomenda-se a consulta à Coleção Maçonaria Operativa, em especial: LORA, Rui Samarcos; URPIA, Luciano Antunes. *Old Charges: As Antigas Constituições Maçônicas*. v. 1. 1. ed. São Paulo: Portal Masonica (UICLAP), 2025.

¹⁸ *Modernidade líquida* é um conceito cunhado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) para descrever a fase atual da sociedade contemporânea, caracterizada pela fluidez, volatilidade e falta de formas estáveis. Nessa condição, as instituições, relações sociais, empregos e até mesmo os laços afetivos tornam-se efêmeros e provisórios, assemelhando-se a um líquido que não mantém sua forma por muito tempo. Esse cenário contrasta com a *modernidade sólida*, período anterior em que as estruturas sociais, valores e relações humanas eram mais duradouros e previsíveis. Na modernidade líquida, os indivíduos enfrentam um paradoxo: a aparente liberdade é acompanhada por uma profunda incerteza, insegurança e um imperativo de consumo como forma de construir identidades igualmente fluidas. A constante mudança e a dificuldade de estabelecer compromissos de longo prazo impactam profundamente a vida social, política e pessoal.

- Observance.** 1. ed. Alexandria, VA: Mindhive Books, 2010. 145 p. Disponível em: <https://observingthecraft.com/>. Acesso em: 12 set. 2025.
- HASSELMANN, Kristiane. Freemasonry and Performance. In: BOGDAN, Henrik; SNOEK, Jan A. M. (Org.). **Handbook of Freemasonry**. Boston e Leiden: Brill, 2014. p. 330-331.
- JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2013. JUNG, Carl Gustav. **Obras Completas de C. G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2013. v. 15.
- JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. 4. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2021.
- JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Tradução de Dora Mariana R. Ferreira. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.
- LEE, Philippa. 8 Schools of Freemasonry. **The Square Magazine**, [S. l.], maio 2022.
- LORA, Rui Samarcos. **Maçonaria brasileira: uma reflexão necessária**. O Prumo, Florianópolis, n. 280, 2025b. (No prelo).
- LORA, Rui Samarcos. **Maçonaria e Cabalá: um vínculo mal examinado**. Revista de Maçonaria, Lisboa, n. 5, p. 1-15, nov. 2022.
- LORA, Rui Samarcos. **O Semeador de Maçons: O Padrinho e o Futuro da Ordem**. Revista Universo Maçônico, Edição 49, 2025a.
- LORA, Rui Samarcos; URPIA, Luciano Antunes. **Old Charges: As Antigas Constituições Maçônicas**. v. 1. 1. ed. São Paulo: Portal Masonica (UICLAP), 2025.
- OLIVEIRA, A. F.; LERAY, M.; FERREIRA, R. B. **A (in)eficiência do modelo de ensino-aprendizagem das Lojas Simbólicas Maçônicas Brasileiras**. Ad Lucem, São Luís, v. 1, n. 1, p. 29-37, jan./abr. 2021.
- MACKEY, Albert G. **The Symbolism of Freemasonry: Illustrating and Explaining Its Science and Philosophy, Its Legends, Myths and Symbols**. [S. l.]: Project Gutenberg, 2004. E-book. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/11937/11937-h/11937-h.htm>. Acesso em: 26 set. 2025
- MORAIS, Cassiano Teixeira. **Evasão maçônica: causas & consequências**. Brasília: Difusora Maçônica de Conhecimentos, 2017.
- MORAIS, Cassiano Teixeira. **Evasão maçônica: problemas & consequências**. Brasília: Difusora Maçônica de Conhecimentos, 2019.
- MORAIS, Cassiano Teixeira de (Org.). **Maçonaria: perspectivas para o futuro**. Brasília: Editora CMSB, 2020.
- PACHECO, Mario Galante. **Maçonaria - A Indelével Presença da Cabala no REAA**. 1. ed. [S. l.]: Imprensa Livre, 2000. 200 p.
- PIKE, Albert. **Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry**. Charleston: Supreme Council of the Thirty-Third Degree for the Southern Jurisdiction of the United States, 1871.
- RODRIGUES, João Anatalino. **A Maçonaria e a Cabala: A Árvore e a Loja - A Influência da Cabala nos Ritos Maçônicos**. 1. ed. São Paulo: Madras, 2021. 224 p.
- SERBENA, C. A. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Ponta Grossa, v. 16, n. 1, p. 76-82, jan./jun. 2010.
- SILVA JUNIOR, Ronaldo Celestino da. **O conceito Junguiano de símbolo desde seus primórdios**. 2016. 80 f. Dissertação de Conclusão de Curso (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- TOWEY, Alexander. **The Rise, Decline, and Renaissance of Freemasonry in the United States during the 20th and 21st Century**. 2022. Dissertação (Mestrado em História) – California State University San Marcos, San Marcos, 2022.

ELEMENTOS PARA UM MODELO DEÍSTA DE EDUCAÇÃO MAÇÔNICA

Flávio Augusto de Oliveira Passos Dias,
MCDB 18110121

Resumo

A Maçonaria especulativa nasce e se consolida no ambiente intelectual do Iluminismo, que valoriza razão, liberdade de consciência e investigação crítica como vias de verdade e aperfeiçoamento moral. No século XXI, esse horizonte ganha nova centralidade diante de uma sociabilidade plural, na qual Lojas reúnem irmãos de credos e formações diversas. Nesse contexto, o deísmo oferece um eixo filosófico comum para reorientar a educação maçônica de modo inclusivo e racional. Em paralelo, intensifica-se o debate sobre o Livro da Lei: tradições mais exclusivistas privilegiam um cânone religioso específico; outras pluralizam volumes conforme a fé dos obreiros. Este estudo propõe avançar um passo adicional: interpretar o Livro da Lei também por fontes não religiosas, sem suprimir o caráter sagrado do altar. Sustenta-se que tal leitura, aliada a uma arquitetura didática modular, com as salvaguardas de regularidade, eleva a densidade formativa, facilita o diálogo entre crenças e contribui para mitigar a evasão maçônica e fortalecer o conhecimento e a fraternidade em Loja.

Palavras-chave: Maçonaria; Educação maçônica; Deísmo; Landmarks; Evasão Maçônica; Livro da Lei.

Abstract

Rooted in Enlightenment ideals of reason, freedom of conscience, and critical inquiry, speculative Freemasonry developed as a school of moral improvement. In the twenty-first century, increasingly plural lodges gather brethren of diverse

creeds and backgrounds; within this setting, deism offers a unifying philosophical frame to re-orient Masonic education along inclusive, rational lines. In parallel, debate over the Volume of the Sacred Law (VSL) persists: some traditions privilege a single religious canon, others pluralise the volumes according to the faith of the workers. This study advances a further step: to read the VSL also through non-religious sources without diminishing the altar's sacrality. It argues that, combined with a modular didactic architecture and explicit safeguards of regularity, this approach deepens educational quality, facilitates dialogue across beliefs, mitigates membership attrition, and strengthens both knowledge and fraternity within lodge life.

Keywords: Freemasonry; Masonic education; Deism; Landmarks; Membership attrition; Volume of the Sacred Law (VSL).

Introdução

A Maçonaria especulativa nasceu e se consolidou em meio ao ambiente intelectual do Iluminismo, que valorizou a razão, a liberdade de consciência e a investigação crítica como vias de acesso à verdade e ao aperfeiçoamento moral. No século XXI, esse horizonte volta a ganhar centralidade diante de uma sociabilidade plural, na qual Lojas reúnem irmãos de credos, formações e sensibilidades diversas.

Nesse contexto, o deísmo oferece o eixo filosófico para reconduzir a educação maçônica a um terreno comum, inclusivo e racional. Extrai-se das reflexões de DIAS (2025) que o deísmo é uma chave hermenêutica que reaproxima a Arte Real de seu *ethos* iluminista, favorecendo a liberdade de consciência sem abdicar de uma referência criadora transcendente.

Paralelamente, o debate interno sobre o Livro da Lei e a forma de vivenciá-lo no simbolismo maçônico tem se intensificado. Em tradições mais exclusivistas, privilegia-se um cânone religioso específico; em outras, pluraliza-se a presença de volumes sagrados conforme a fé dos obreiros;

algumas se utilizam de leis jurídicas como Livro da Lei.

A presente pesquisa propõe avançar um passo adicional nessa pluralidade de opções — interpretar o Livro da Lei também por fontes não religiosas, tais como os *Landmarks*, a Constituição da Potência, e as obras científicas que expressem a Lei Natural.

A motivação teórico-prática desta proposta dialoga com um problema institucional amplamente reconhecido: a evasão maçônica, pesquisada por (MORAIS, 2017; 2019). Quando a vivência em Loja não traduz, de modo consistente, o ideal de “escola de virtudes” — com densidade filosófica, estudo simbólico e convivência fraterna — cresce a chance de desengajamento.

Uma **educação maçônica deísta** pretende recentrar a prática na razão, na moralidade universal e na espiritualidade natural, realinhando as sessões ao aprimoramento intelectual e ético esperado. Assim, pergunta-se: a) como inserir boas práticas deístas na educação maçônica sem ferir os *Landmarks*? b) é plausível um projeto-piloto que subsidie atividades orientadas por essa filosofia? c) uma educação mais deísta reduz a evasão e favorece a permanência dos Irmãos em Loja? Uma hipótese é de que é possível compatibilizar um deísmo educacional maçônico — racional, universalista e tolerante — com a regularidade maçônica, preservando os *Landmarks* e a estrutura ritual dos graus simbólicos, seus usos e costumes.

Para essa finalidade, propõe-se elementos para um modelo educacional maçônico com premissas deístas no simbolismo (1° ao 3° Graus), coerente com os *Landmarks* e com a cultura institucional maçônica, enfatizando o reconhecimento da Lei Natural e a leitura racional do Livro da Lei.

Esse estudo tem metodologia teórico-exploratório e documental, com análise hermenêutica e comparativa de fontes maçônicas, filosóficas e institucionais, auditadas pelas luzes dos *Landmarks* para evitar inovações proibidas.

Deísmo e Pedagogia Simbólica

O debate interamericano sobre formalidades maçônicas apresentado por Ismail (2025) — vestimenta, frequência das reuniões, custos de iniciação e manutenção, número de membros — deixa de abarcar, segundo o autor, o essencial: um planejamento pedagógico que assegure conteúdos relevantes e de qualidade, para que os irmãos saiam das sessões efetivamente “contentes e satisfeitos”. Esse resultado, conclui, só é alcançado quando a Maçonaria cumpre sua missão de ciência da moral. Tal premissa evoca, de imediato, os cerca de vinte apanágios maçônicos tradicionalmente invocados na ritualística do iniciando.

A literatura indica que os princípios do deísmo — crença em um Criador baseado na razão e na observação da natureza, sem apego a revelações dogmáticas — está diretamente ligada a esses apanágios maçônicos e tiveram influência marcante na formação da Maçonaria Especulativa durante o Iluminismo, diferenciando-se substancialmente esta da Maçonaria Operativa medieval e renascentista, na qual, segundo BANDEIRA (2021), prevalecia um teísmo estrito, em que todos os maçons eram crentes cristãos ou judeus, pois o conceito de deísmo ainda não existia e não havia espaço social para descrença aberta ao *status quo* da época. Dias (2025) destaca que a filosofia deísta, com valorização da razão e rejeição ao dogma, influenciou a estrutura simbólica e os valores da Arte Real, reforçando o caráter universalista e tolerante da Ordem. Em outras palavras, a crença em um Grande Arquiteto do Universo (G::A::D::U::) racional e não intervencionista alinha-se à busca maçônica pela verdade, liberdade e ética. Tal presença de princípios deístas fortalece o ideal de fraternidade maçônica e continua sendo um alicerce inspirador na evolução da Ordem.

Historicamente, a transição da Maçonaria operativa (medieval, de base cristã) para a especulativa (século XVIII) coincidiu com o apogeu do deísmo. Diversos autores convergem em definir a Maçonaria como uma escola iniciática de moral, que ensina por meio de símbolos, alegorias e rituais.

A célebre definição inglesa apresenta a Ordem como “um sistema de moralidade, velado por alegorias e ilustrado por símbolos”, destacando que o cerne pedagógico da Loja está no ensino simbólico. Nos três graus simbólicos – Aprendiz, Companheiro e Mestre – o maçom é exposto gradualmente a uma série de emblemas, cerimoniais e parábolas que contêm lições éticas e filosóficas. Trata-se de uma pedagogia simbólica, na qual a compreensão dos símbolos equivale, para o maçom especulativo, ao que o trabalho manual era para o maçom operativo.

Os conteúdos e rituais maçônicos são construções humanas, compostas a partir de saberes e tradições anteriores; nada lhes foi “revelado” ou importado de outro mundo. Por isso, todo ritual é — na feliz expressão do Ir.: Hi-kon-Passos — uma “colcha de retalhos”: enxertos de autores, religiões, escolas e sociedades não maçônicas, adaptados ao uso da Ordem. Diferentemente de preceitos [religiosos] pétreos (como os “dez mandamentos”), rituais são recursos culturais, pedagógicos e sociais: carregam hierarquias, discursos e práticas que formam e transformam seus adeptos (ISMAIL, 2025). Sendo vivos, envelhecem; e, para não morrer, precisam renascer — razão pela qual a pretensão de um ritual imutável é um paradoxo, tão estéril quanto discutir a “superioridade” de um retalho sobre outro, conclui o professor.

Estudos sobre educação maçônica destacam que a análise e interpretação dos símbolos constitui tanto o meio quanto o fim do aprendizado maçônico. Por exemplo, PINHEIRO e PIVA (2024) propuseram o Modelo Geral de Análise e Interpretação Simbólica (MGA&IS) para sistematizar o estudo dos símbolos maçônicos, evidenciando a crescente atenção acadêmica a essa dimensão pedagógica. Na prática, as Lojas adotam instruções, catecismos e debates em sessão para decifrar o significado das ferramentas, das alegorias (como a construção do Templo de Salomão) e dos *Landmarks* presentes nos rituais e na legislação maçônica. Essa metodologia dialoga com correntes educacionais tradicionais – alguns a comparam à maiêutica socrática ou

ao método catequético medieval – mas adaptada a um público adulto e iniciático.

O Livro da Lei em uma Perspectiva Deísta

Dentro do contexto deísta de educação maçônica, é desejável adotar um livro não-confessional como Livro da Lei. Para tanto, tal premissa precisa estar coerente com os *Landmarks*, o que será possível se: a) a crença em um Ser Supremo continuar expressa e exigida; b) o texto for tratado pelos maçons como detentor de autoridade moral e ética; e c) a mudança for suficientemente justificada como um resgate ou continuação de princípios tradicionais, e não como invenção arbitrária. Isso poderia talvez ser argumentado no caso de Anderson 1723 (um retorno às fontes da Maçonaria Moderna) ou do Pentateuco isolado (retorno à raiz mosaica comum) – ambos já usados historicamente. Inserir documentos políticos ou a Constituição secular como Livro da Lei seria bem mais difícil de justificar como “tradição”. Seria preciso um esforço pedagógico para ressignificar esses textos dentro da ritualística, convencendo os maçons de sua sacralidade maçônica.

O Livro da Lei (Volume da Lei Sagrada) não se limita à Bíblia: conforme o contexto histórico-cultural, outras obras podem ocupar esse lugar sem contrariar a crença no Grande Arquiteto do Universo. Na tradição francesa e belga, por exemplo, ganhou relevo o Livro da Constituição, e no Rito Francês (1787–1878) jurava-se sobre o “Livro da Lei”. Em Israel usa-se a Torá (sem Novo Testamento); em países muçulmanos, o Alcorão; no Oriente, Vedas, Tripitaka, Zend-Avesta, Tao Te Ching e os Quatro Livros de Confúcio — conjunto explicitado no REAA, e há Lojas (como as inglesas de Singapura) e a “Lux” do Grande Oriente da Bélgica que expõem vários volumes simultaneamente. Como sintetizou Rudyard Kipling, “cada um de nós falava do Deus que conhecia melhor”, expressão do ecumenismo estrutural que sustenta a prática regular (LIGOU, 2014). Em resumo, A Maçonaria prepara o homem para que possa encontrar sozinho o caminho que o conduz

ao seu âmago divino; busca capacitá-lo para a vida, unindo-o ao Grande Arquiteto do Universo (Blanc, 2006).

À luz desse horizonte ecumênico, pode-se admitir — sem desfigurar a simbologia de ritos específicos — a adoção adicional e didática de um compêndio de obras de relevância maçônica. Esse conjunto pode reunir, ao lado dos volumes sagrados já mencionados, textos de referência sobre a Lei Natural e seus desdobramentos nas ciências (física, química, biologia, geologia, antropologia, arqueologia, medicina, matemática, entre outras), oferecendo uma linguagem comum, racional e não confessional para o estudo em Loja. Sob esse prisma, a **Lei Natural** se ajusta, no plano conceitual, às “leis” do G.:A.:D.:U.: podem ser conhecidas e aplicadas por suas criaturas, mas não violadas; já as demais “leis” presentes em livros sagrados, dada sua historicidade e variação cultural, possuem alcance predominantemente moral e ético, enquanto construções humanas.

Essa leitura não suprime o caráter sagrado do altar; antes, enfatiza o que nele é essencial: a presença, em lugar de honra, de um código moral-transcendente, acessível à razão e vinculante para todos os irmãos, qualquer que seja sua confissão (MACHADO JÚNIOR, 2024).

A Questão da Evasão Maçônica

Preliminarmente, observa-se que os motivos que levam os indivíduos a entrarem na Maçonaria, são definidas nas seguintes categorias (Ismail, 2013): **1. Vontade de ajudar o próximo** (projetos e trabalhos sociais filantrópicos); **2. Busca por conhecimento** (história, filosofia, simbologia e afins); **3. Valores morais** (aperfeiçoamento moral e espiritual; admiração pela instituição ou membros; identificação com os valores morais; questões familiares e convite de amigos); e **4. Outros motivos** (curiosidade e socialização). Os motivos elencados nas categorias 2 e 3 guardam relação direta com o propósito deste estudo: avaliar como o enfoque deísta pode qualificar a educação maçônica.

Examinados os motivos de ingresso na Maçonaria, passemos às causas de evasão, pois a permanência depende da coerência entre a expectativa anunciada e a experiência efetivamente vivida em Loja. Mapear esses desalinhamentos permite calibrar acolhimento, currículo formativo e governança, prevenindo dissonâncias que alimentam o desligamento.

A literatura especializada converge para um declínio global de membros. Hodapp (2005) já apontava a tendência de enxugamento: redução de quadros, fusão de Lojas e risco de fechamento de templos históricos; movimento depois corroborado por estatísticas recentes dos EUA e da Inglaterra (MORAIS; ISMAIL, 2017).

Estudos nacionais apontam uma multicausalidade na evasão maçônica (conflitos interpessoais – 26,3%, profissionais – 21%, frustração com expectativas iniciais e reuniões cansativas – 10,5%, razões familiares – 7,9%, desvalorização de ideias e opiniões – 7,9%, dificuldades financeiras – 5,3%, Desprestígio na distribuição de cargos em Loja – 2,6%, questões religiosas – 0% e outros – 7,9%) (MORAIS, 2017; 2019; MORAIS e ISMAIL, 2017). Em resumo, os autores concluíram que os maçons que deixaram a GLMDF no ano de 2016 são, em sua maioria, Mestres Maçons, com menos de 5 anos de Maçonaria, casados, sem religião declarada, com ensino superior e renda mensal entre 5 e 10 mil reais. Em comentário a essa pesquisa, MACHADO JÚNIOR e SANTOS (2020) destacaram que, ao irem à Loja, os maçons esperam receber educação maçônica de qualidade, acesso a estudos baseados na filosofia e desenvolver as suas virtudes por meio de um método que os torne livres-pensadores.

Em decorrência desse levantamento, Moraes (2019) propôs 10 medidas de combate à evasão maçônica, das quais destacam-se, em termos de educação maçônica: 1) estruturação de sindicâncias e capacitação de sindicantes; 2) curso de gestão para as Luzes das Lojas; 3) cartilha para padrinhos; 4) palestras voltadas para o público profano e 5) foco integrado de ação social tendo como bandeira a educação.

A espiritualidade merece investigação própria nessas pesquisas, distinta de religiosidade: trata-se de uma dimensão filosófico-moral que não se confunde com filiação confessional — campo cuja análise cabe às entidades religiosas, às quais a Maçonaria explicitamente não pertence, pois, segundo COSTA (2021), a religião produz corpos e mentes obedientes institucionalizadas, enquanto a espiritualidade possibilita uma mente aberta e livre ao desenvolvimento de novas perspectivas de conhecimento e de criticidade.

Entre maçons sem declaração de religião, é plausível a hipótese de maior presença de perspectivas deístas (crença em um Princípio Criador sem adesão dogmática) ou agnósticas (suspensão do juízo sobre o divino), hipótese que deve ser testada empiricamente e interpretada em consonância com as exigências de regularidade de cada jurisdição.

Ademais, questões relacionadas à espiritualidade podem estar relacionadas, mesmo que indiretamente, a diversas causas da evasão, tais como conflitos interpessoais, frustração com expectativas iniciais, reuniões cansativas, razões familiares e desvalorização de ideias e opiniões. De todo modo, uma educação de inspiração deísta favorece a compreensão do que é a Ordem, explicitando a orientação espiritual que a fundamenta, desmistificando questões que não são atinentes à Maçonaria.

Essas considerações preliminares reforçam a formulação de um modelo híbrido: tradicional nas garantias (Landmarks, Livro da Lei, sigilo, regularidade) e moderno nos meios (currículo modular, podendo-se incluir avaliação formativa, métricas de retenção, ciência como linguagem de Lei Natural, etc.). Tal pacote de estudos seriam mecanismo de fortalecimento da governança para blindar o programa educacional contra eventual confessionalização e inovação ritual indevida. Para tanto, propõe-se o desenho de uma arquitetura didática.

Elementos para uma Arquitetura Didática

Nos estudos maçônicos, os três graus simbólicos delineiam uma trilha progressiva de aperfeiçoamento moral-intelectual que integra ética,

razão e fraternidade, preservando os Landmarks e o sigilo ritual; essa trajetória culmina no cultivo do aspecto espiritual, sem incorrer em dogmas religiosos. Conforme MORAIS (2017), o percurso enfatiza o plano **moral** no Grau de Aprendiz, o desenvolvimento **intelectual** no de Companheiro e a dimensão **espiritual** no de Mestre.

O Aprendiz realiza a “alfabetização” simbólica e o trabalho sobre si — disciplina, silêncio ativo, assiduidade e os principais apanágios maçônicos — relacionando os primeiros símbolos à ética do caráter e à liberdade de consciência.

O Companheiro aprofunda o desenvolvimento intelectual e técnico, aplicando método comparativo de símbolos e articulando ordem, medida e causalidade, aproximando a simbologia da Lei Natural e fortalecendo o dever social.

No grau de Mestre, consuma-se a síntese filosófico-ética e o iniciado assume responsabilidades de liderança — prudência decisória, justiça fraterna, formação de irmãos e zelo pela regularidade e pelos projetos de serviço.

Em conjunto, os graus simbólicos consolidam uma pedagogia coerente e não confessional, orientada ao aprimoramento humano e à vida fraterna em Loja, articulando os apanágios maçônicos à liberdade de consciência e à Lei Natural, formando irmãos aptos a deliberar com retidão, conviver com tolerância e exercer liderança servidora.

Essa proposta pretende trazer elementos para uma arquitetura didática que tem por objetivo favorecer o aperfeiçoamento moral-intelectual por meio de uma simbologia racional, da ética universal e da Lei Natural, em estrita compatibilidade com os *Landmarks* e com os ritos praticados, sendo organizadas modularmente ao longo dos três graus simbólicos.

No Grau de Aprendiz, privilegia-se temas mais gerais e estruturais, tais como a liberdade de consciência, a leitura comentada de trechos selecionados de Anderson (1723) e da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948) e exercícios de atenção simbólica voltados à alfabetização iniciática.

No Grau de Companheiro, aprofunda-se o método comparativo de símbolos, articulando as noções de ordem e causalidade — com a ciência como “linguagem da criação” — e conduzindo estudos orientados sobre deveres e virtudes.

No Grau de Mestre, integra-se a síntese filosófico-ética com a prudência decisória em Loja e com projetos de serviço à comunidade acompanhados de avaliação reflexiva, de modo a consolidar autonomia intelectual e responsabilidade fraterna.

A implementação pedagógica combina seminários guiados, minicursos, leitura comentada, estudos de caso simbólico, ensino entre pares, quartos de hora formativos e diários de progresso

(ao longo de uma gestão, seja anual, bienal ou trienal). A avaliação é formativa, com rubricas por competência — compreensão simbólica, argumentação racional, ética de conduta e assiduidade/participação —, fornecendo devolutivas breves e contínuas durante o processo de aprendizagem, sem caráter punitivo, a fim de orientar o desenvolvimento do irmão e retroalimentar o planejamento da instrução.

As atividades a serem desenvolvidas para esse modo de educação maçônica são as tradicionais, podendo ser adotadas total ou parcialmente, conforme estratégia pedagógica. O quadro a seguir organiza, por categoria, atividades indicadas para uma educação maçônica de inspiração deísta.

Categoria	Atividade	Finalidade pedagógica
Conteúdos e mídia	Vídeos, podcasts; infográficos; newsletters; cartilhas; coletânea em biblioteca virtual/física	Base comum, linguagem clara e racional; estudo autônomo
Formações estruturadas	Cursos e minicursos modulares; ciclos de palestras; leitura comentada	Progressão por grau; consolidação de conceitos (Lei Natural, ética, símbolos)
Atividades em Loja (intrassessão)	“Quarto de hora” formativo; estudo de caso simbólico; debate socrático; apresentações (5–15 min)	Aplicar método racional; interligar símbolo–virtude–conduta
Comunidades de prática e tutoria	Círculos de leitura; grupos interlojas; mentoria padrinho–afilhado; oficinas (oratória, escrita)	Acompanhamento por pares; integração do recém-iniciado
Eventos e intercâmbio	Simpósios, congressos, jornadas, mesas-redondas; feiras do conhecimento	Atualização, troca de boas práticas, visibilidade de trabalhos
Pesquisa, publicação e memória	Cadernos de estudo, artigos, ensaios, e-books; concurso de ensaios; repositório; glossário	Produção intelectual; memória institucional; padronização terminológica
Avaliação formativa e acompanhamento	Rubricas por competência; diário/portfólio; autoavaliação e pares; <i>feedback</i> breve	Monitorar progresso; orientar próximos passos; aumentar retenção
Extensão e serviço	Projetos de serviço com reflexão; ações de divulgação científica; parcerias culturais	Ética aplicada; dever social; ponte Loja–comunidade
Infraestrutura e governança	Plataforma de gestão da aprendizagem; calendário anual; manual do tutor; painéis métricos	Sustentabilidade do programa; transparência e melhoria contínua

Justifica-se esse modelo por três razões principais: (i) coerência tradicional — preserva Landmarks, Livro da Lei, sigilo e regularidade, situando a educação no plano filosófico-moral sem inovar liturgia; (ii) eficácia pedagógica — a estrutura modular e a avaliação formativa traduzem boas práticas de educação de adultos, potencializando significado, retenção e participação; (iii) alinhamento deísta ao privilegiar razão, ética universal e Lei Natural, (iv) oferece linguagem comum e não confessional, compatível com a pluralidade de crenças e com a finalidade de aperfeiçoamento humano que a Ordem propugna.

Considerações Finais

Neste artigo propôs-se que uma educação maçônica de inspiração deísta — ancorada na razão, na ética universal e na Lei Natural — é compatível com a regularidade e os Landmarks, e pode reorientar a vida de Loja para um terreno comum, inclusivo e racional, sem a necessidade de inovação litúrgica. Demonstrou-se que tal modo hermenêutico alinha-se ao *ethos* iluminista da Ordem, reforça a centralidade do Livro da Lei — permitindo ser estudado também por fontes não confessionais (quando homologadas) —, sem suprimir o caráter sagrado do altar. Foi apresentada uma arquitetura didática modular por grau (Aprendiz-Companheiro-Mestre), com métodos ativos, avaliação formativa e indicadores de acompanhamento, como mecanismo de governança contra confessionalização e formalismo vazio. Ao enfrentar o des-

compasso entre expectativas de ingresso e experiência efetiva, a proposta oferece um caminho para elevar a densidade formativa, mitigar a evasão e fortalecer a fraternidade.

Em tese, vê-se como viável e regular a aplicação de um modelo de educação maçônica deísta, explicitadas as salvaguardas (crença em um Ser Supremo; Livro da Lei em lugar de honra; sigilos de identificação e usos preservados; e homologação pela Potência). A aplicação de uma arquitetura modular, aliada a métricas de participação e produção formativa, tende a melhorar a retenção e o “clima” em Loja. A lei natural como linguagem comum favorece o diálogo entre irmãos de diferentes credos, sem reduzir a espiritualidade aos dogmas, tanto maçônicos quanto religiosos.

Persistem, contudo, limitações práticas (variações jurisdicionais e outras lacunas, o que aconselha uma validação em campo com projetos-pilotos multicêntricos com avaliação temporal e/ou por grau.

Estudos futuros podem verificar como se comportará a permanência, a retenção e o engajamento dos iniciados; testar rubricas validadas de compreensão simbólica e liderança fraterna; comparar grupos de controle (modelo usual) e intervenção (modelo deísta); mapear o uso do Livro da Lei por rito/jurisdição e seus efeitos na significância formativa; analisar custos e aderência de ferramentas de apoio e investigar a relação entre espiritualidade não confessional e a convivência fraterna, inclusive nas relações interpotências.

Referências Bibliográficas

- BANDEIRA, R. *Da Maçonaria Teísta à Maçonaria Deísta*. Michael Winetzki. 04 nov 2021. Disponível em <<https://www.michaelwinetzki.com.br/2021/11/da-maconaria-teista-maconaria-deista.html>>. Acesso em: 27 jan 2025.
- BLANC, C. *Maçonaria: Como surgiu e como funciona essa ordem fraternal que se espalhou pelo mundo e, até hoje, parece misteriosa*. Revista Vida & Religião, Ano I, N. 5. P. 22-29.
- COSTA, J. A. *A História das Religiões e a Maçonaria*. Revista O Pensador, N. 2, mai 2021, p. 12-17.
- DIAS, F. A. O. P. *A filosofia deísta na Arte Real*. Revista DB33, Vol. 6, N. 1, jan-jun, 2025, p. 3-9.
- HODAPP, Christopher. *Freemasons For Dummies*. Hoboken: Wiley, 2005.
- ISMAIL, K. M. S. O. *A influência da liderança na identidade e comportamento maçônico*. 2013. 70 f. Dissertação (Mestrado) — Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, FGV, Rio de Janeiro.
- _____. *Breviário Maçônico do Século XXI*. Brasília: No Esquadro, 2025.
- _____. *Motivação e Evasão no Trabalho Voluntário: um estudo na Maçonaria*. Revista Ciência & Maçonaria, v. 4, n. 1, p. 99–112, 2017.
- LIGOU, D. *A Bíblia dos Maçons*. Bibliot3ca Fernando Pessoa, 2014. Disponível em: <<https://bibliot3ca.com/a-biblia-dos-macons/>>. Acesso em: 17 set 2025.
- MACHADO JÚNIOR, I. S. e SANTOS, V. C. *Por que os Maçons não Querem mais ir à Loja? Uma reflexão sobre o futuro da Maçonaria no Brasil*. In: *Maçonaria: Perspectivas para o futuro*. Brasília: CMSB, 2020. p. 237-272.
- MORAIS, C. T.; ISMAIL, K. M. S. O. *Motivação e Evasão no Trabalho Voluntário: Um estudo de caso na Grande Loja Maçônica do Distrito Federal*. Revista Ciência & Maçonaria. Brasília, Vol. 4, n.1, p. 99-112, jan/jun, 2017.
- MORAIS, C. T. *Evasão Maçônica: Causas & Consequências*. Brasília: Editora DMC, 2017.
- _____. *Evasão Maçônica: Problemas & Soluções*. Brasília: Editora DMC, 2019.
- PINHEIRO, I. A. e PIVA, M. A. *Modelo Geral de Análise e Interpretação Simbólica (MGA&IS) – Um exercício aplicado no contexto do Regime (Rito) Escocês Retificado*. Bibliot3ca Fernando Pessoa, 2024. Disponível em: <<https://bibliot3ca.com/15764-2/>>. Acesso em: 12 set 2025.

A FILOSOFIA CLÁSSICA PRESENTE NA MAÇONARIA:

Um estudo Filosófico do simbolismo do Rito Brasileiro

Fladimyr Cunha Gomes de Melo,
MCDB 25100901

Resumo

A Maçonaria Simbólica, em seus graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre, atua como uma escola prática que traduz a filosofia clássica em uma jornada de autoaperfeiçoamento, moralidade e contribuição social. Inspirando-se em pensadores como Aristóteles, Platão e Sócrates, o Rito Brasileiro integra conceitos como a busca pela verdade e a razão, a Eudaimonia (florescimento humano), o Meio-Termo Dourado para a virtude, e a importância da habituação (Éthos) para moldar o caráter. Cada grau enfatiza virtudes específicas: o Aprendiz foca no autoconhecimento e na temperança, o Companheiro na aplicação da razão e no equilíbrio, e o Mestre na honra, resiliência e no legado, transformando a Loja em uma “micro-polis” onde os ideais de fraternidade e civismo são ativamente cultivados, unindo a sabedoria ancestral à vivência contemporânea para o bem da Ordem, da Pátria e da Humanidade.

Palavras-chave: Maçonaria, Filosofia Clássica, Rito Brasileiro, Simbolismo Maçônico, Virtude, Autoaperfeiçoamento, Eudaimonia, Ética, Símbolos

CLASSICAL PHILOSOPHY PRESENT IN FREEMASONRY:

A Philosophical Study of the Symbolism of the Brazilian Rite

Abstract

Symbolic Freemasonry, through its degrees of Entered Apprentice, Fellowcraft, and Master Mason, functions as a practical school that translates classical philosophy into a journey of self-improvement, morality, and social contribution. Drawing inspiration from thinkers such as Aristotle, Plato, and Socrates, the Brazilian Rite integrates concepts like the pursuit of truth and reason, Eudaimonia (human flourishing), the Golden Mean for virtue, and the importance of habituation (Ethos) in shaping character. Each degree emphasizes specific virtues: the Entered Apprentice focuses on self-knowledge and temperance, the Fellowcraft on the application of reason and balance, and the Master Mason on honor, resilience, and legacy, transforming the Lodge into a “micro-polis” where the ideals of fraternity and civic duty are actively cultivated, uniting ancestral wisdom with contemporary experience for the good of the Order, the Homeland, and Humanity.

Keywords: Freemasonry, Classical Philosophy, Brazilian Rite, Masonic Symbolism, Virtue, Self-improvement, Eudaimonia, Ethics, Symbols

1. Introdução

A Maçonaria Simbólica no Rito Brasileiros, manifestada em seus Graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre, é composta por uma rica tapeçaria de procedimento ritualísticos e ensinamentos que, de forma consciente, estabelecem um diálogo profundo e multifacetado com a filosofia clássica. Longe de ser um mero conjunto de dogmas, a Maçonaria apresenta-se como uma escola de moralidade e autoconhecimento, guiando o indivíduo em uma jornada de aperfeiçoamento pelo estudo e desenvolvimento das virtudes, conhecimentos e patriotismo que reflete a perene busca por verdade, sabedoria e a realização humana, temas centrais no pensamento dos grandes filósofos da Antiguidade.

2. A busca pela verdade e a natureza do conhecimento

Um dos fios condutores que conecta a Maçonaria à filosofia clássica é a centralidade da **busca pela verdade** e a crença na **capacidade da razão humana** para desvendá-la. Desde os pré-socráticos, que investigavam a *arché* (o princípio primordial de todas as coisas), até Platão e Aristóteles, que exploravam a natureza da realidade e do conhecimento, a filosofia clássica esforçou-se por ir além das aparências.

Nesta busca pelo desenvolvimento a Maçonaria Simbólica novamente encontra pontos congruentes na ética aristotélica, assentando-se em um terreno comum de busca pelo aprimoramento individual e pelo florescimento humano dentro de uma comunidade organizada. Ambas as tradições, embora de naturezas distintas (uma ritualística e a outra filosófica), compartilham a convicção de que a virtude não é inata, mas cultivada por meio da prática e da razão, culminando em uma vida boa e significativa.

2.1. *Eudaimonia* e o Aprimoramento Constante

Aristóteles, em sua inspiradora obra *Ética a Nicômaco*, estabelece a *Eudaimonia* (frequentemente traduzida como “felicidade”, mas mais precisamente como “florescimento humano” ou “bem-estar pleno”) como o objetivo supremo da vida humana. Para ele, como afirma no Livro I, Capítulo 1, **“o bem é aquilo a que todas as coisas tendem”**. Consequentemente, a felicidade é identificada como a **“atividade da alma em consonância com a virtude, e, se há mais de uma virtude, com a melhor e mais completa”** (Livro I, Capítulo 7). Essa atividade se manifesta no exercício da razão, que é o que há de “melhor em nós” e nos torna o mais “caro aos deuses”, conforme discorre no Livro X, Capítulo 7. A verdadeira felicidade, para Aristóteles, exige não apenas a virtude completa, mas também uma vida completa, pois não se alcança o florescimento em um breve espaço de tempo.

O Rito Brasileiro, por sua vez, ecoa essa aspiração fundamental ao declarar como seu principal objetivo **“o autoaperfeiçoamento moral, cívico, social, cultural e filosófico dos maçons, conciliando a evolução com a tradição e o nacional com o universal, ao mesmo tempo que incentiva o estudo dos problemas nacionais e internacionais e a prática do civismo”**. Ele promove um ideal de aprimoramento individual e coletivo, voltado para a melhoria da sociedade e da nação, convergindo diretamente com a busca aristotélica pelo bem viver e bem agir que culmina na *eudaimonia*.

Nesse contexto, o aprimoramento do indivíduo, simbolizado pela construção de um **“Templo interior”** de virtudes, e o trabalho incessante na **“Pedra Bruta”** e na **“Pedra Polida”**, são metáforas diretas para essa jornada em direção ao florescimento. O Ritual Maçônico, ao guiar o Iniciado por um caminho de **crecimento gradual e contínuo, busca moldar o caráter, remover vícios e cultivar qualidades que permitam ao Maçom viver uma vida não apenas mais plena para si mesmo, mas também mais benéfica e “nobre” para a sociedade**, refletindo o ideal aristotélico de que o homem “verdadeiramente bom e sábio suporta com dignidade... todas as contingências da vida, e sempre tira o maior proveito das circunstâncias” (Livro I, Capítulo 11).

2.2. A Virtude como Meio-Termo Dourado

Um dos conceitos mais célebres da ética aristotélica é o do **Meio-Termo Dourado** (*mesotes*). Aristóteles argumenta que a virtude moral reside no equilíbrio entre dois extremos viciosos: o excesso e a deficiência. Por exemplo, a coragem é um meio-termo entre a covardia (deficiência) e a temeridade (excesso).

Na Maçonaria, essa ideia de equilíbrio está presente em vários símbolos e instrumentos, como por exemplo no Esquadro e no Compasso:

- **Esquadro:** Simboliza a retidão e a moralidade, a conformidade com a lei moral e a conduta justa. O Maçom deve ser “quadrado¹” em suas ações, mantendo o equilíbrio.

- **Compasso:** Representa o autodomínio e a moderação. Manter-se “dentro dos limites do Compasso” significa agir com prudência e temperança, evitando excessos.

A posição do Compasso sobre o Esquadro, no Grau de Mestre é uma clara simbologia do equilíbrio pois, embora a razão e o moralismo (Esquadro) sejam importantes, o Mestre deve ir além, com a razão controlada pela moral, mas também com a abertura de horizontes (Compasso), respeitando, é claro, os limites internos e externos.

Outro bom exemplo é o **Prumo e Nível**, ferramentas que ensinam a retidão moral e a igualdade. O Prumo remete à verticalidade do caráter, à integridade; o Nível, à horizontalidade da igualdade entre os Irmãos, eliminando distinções profanas. Ambos os instrumentos denotam a medida e balanceamento.

O desenvolvimento da virtude na Maçonaria, assim como em Aristóteles, não é apenas um exercício intelectual, mas uma prática constante de busca pelo equilíbrio em todas as dimensões da vida.

2.3. A Habituação (Éthos) e a Prática Contínua

Aristóteles enfatiza que a virtude moral não é uma qualidade inata, mas é adquirida por meio da **habituação** (*ethos*, de onde deriva “ética”). Tornamo-nos justos praticando a justiça, corajosos praticando atos de coragem, temperantes praticando a temperança. É a repetição de atos virtuosos que molda o caráter.

A Maçonaria incorpora esse princípio de forma central em seu método de ensino:

- **Trabalho na Pedra Bruta e Pedra Polida:** O Aprendiz “desbasta a Pedra Bruta” e o Companheiro a “aperfeiçoa”. Esse trabalho contínuo sobre si mesmo, repetitivo e persistente, é a habituação em ação. Vícios são identificados e eliminados (desbastamento), e virtudes são lapidadas (aperfeiçoamento).

O trabalho de *Aprendiz* é sobre a Pedra Bruta, desbastando-a, retirando as arestas com força e determinação, já o *Companheiro* transforma a Pedra Bruta em Cúbica”, um processo de constante melhoria e adaptação.

- **Ritualística:** Os rituais maçônicos são, em si, atos repetitivos e simbólicos que visam internalizar os valores e princípios da Ordem. A participação constante nas Sessões, a prática dos Sinais, Toques e Palavras, e a vivência das cerimônias (Iniciação, Elevação, Exaltação) são formas de habituação que buscam moldar o comportamento e o caráter do Maçom, transformando o conhecimento teórico em sabedoria prática.

O conhecimento teórico das virtudes, por mais profundo e filosófico que seja, revela-se inerte e estéril sem a sua prática constante; pois, como Aristóteles sabiamente ensinava, não nos tornamos justos estudando a justiça, mas agindo justamente, e nem corajosos pela mera leitura sobre a coragem, mas exercitando-a diante do perigo. De fato, os rituais da Maçonaria, em seu cerne, insistem que a sabedoria da Pedra Polida e a Luz recebida pelo Aprendiz de nada valeriam se não fossem aplicadas ao desbaste contínuo do próprio caráter e à construção ativa no mundo, sob a égide dos princípios do Esquadro e do Compasso, pois a virtude reside no **FAZER**, na habituação que molda o ser e transforma o ideal em realidade.

¹ Professor efetivo de Filosofia (SEDUC-SP) Mestrando em Filosofia (UFABC) Especialista em Gestão Escolar (FCE) Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho (UFPI), Especialista em Currículo e Prática Docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (UFPI), Especialista em Filosofia e Humanidades (Unifitalo), Licenciatura em Filosofia (Unifitalo) Mestre Maçom Instalado da ARLS Arte Real n° 598 – GLESP; e-mail: prof.janchieta@gmail.com

2.4. A Sabedoria Prática (*Phronesis*)

Além das virtudes morais, Aristóteles valoriza a **sabedoria prática** (*phronesis*), a capacidade de deliberar bem sobre o que é bom e benéfico para a vida humana em geral e em situações específicas. Não se trata apenas de conhecimento teórico, mas da aplicação inteligente e discernida dos princípios éticos.

A Maçonaria estimula essa sabedoria prática ao exigir que seus membros reflitam sobre os ensinamentos, discutam-nos e os apliquem em suas vidas diárias. O “Tempo de Instrução” no Rito Brasileiro, por exemplo, é um espaço para aprofundar o conhecimento simbólico, filosófico e moral, com o objetivo de desenvolver a capacidade de julgamento e a tomada de decisões éticas.

2.5. O Aspecto Comunitário (*Polis*)

Aristóteles afirmava que o homem é um “animal político” (*zōon politikon*), ou seja, um ser social que encontra sua plena realização na vida em comunidade, na *polis*. A ética não é um mero conjunto de regras individuais, mas está intrinsecamente ligada à vida em sociedade e à busca do bem comum.

A Maçonaria é uma ordem fraternal que preza a união entre seus membros e o serviço à humanidade. A Loja Maçônica pode ser vista como uma “micro-*polis*”, onde os Irmãos, através da convivência e do trabalho conjunto, praticam a fraternidade, a solidariedade e o civismo.

O compromisso do Maçom com a Ordem, a Pátria e a Humanidade está na “vida reta e no espírito fraterno” como “exigências absolutas para o ingresso e/ou permanência do Maçom”, conforme descrito no próprio *Ritual de Mestre*, estas divisas refletem diretamente a visão aristotélica do indivíduo como parte integrante e contribuinte da comunidade.

3. As virtudes presentes no simbolismo maçônico e suas relações filosóficas

A Maçonaria Simbólica, em seus graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre, revela-se um conjunto de ensinamentos morais e espirituais que dialogam profundamente com as virtudes e princípios desenvolvidos pelos grandes filósofos da Antiguidade. Mais do que um simples conjunto de preceitos, os rituais maçônicos, em particular, no Rito Brasileiro, propõem uma jornada de aperfeiçoamento contínuo do indivíduo, buscando o desenvolvimento de seu caráter e a consecução de uma vida plena e virtuosa. Essa busca, que é o cerne da ética maçônica, ecoa de maneira notável nas indagações e soluções propostas por pensadores como Sócrates, Platão, Aristóteles, os Estoicos e os Pitagóricos.

A seguir, exploramos as virtudes explícitas e implícitas presentes nos rituais da Maçonaria Simbólica, conectando-as à riqueza do pensamento filosófico clássico.

3.1. Grau de Aprendiz: O Despertar da Consciência e a Purificação Inicial.

O grau de Aprendiz é o alicerce da jornada maçônica, focado na introspecção, na remoção das imperfeições e na aquisição dos primeiros conhecimentos. As virtudes cultivadas neste estágio preparam o indivíduo para a construção de um caráter sólido.

3.1.1. Virtudes Explícitas e Implícitas:

3.1.1.1. Autoconhecimento e Introspecção

(**Sócrates**): O primeiro e mais impactante ensinamento é a passagem pela Câmara das Reflexões, onde o Candidato é confrontado com a máxima “**Conhece-te a ti mesmo**”. Essa ordem socrática, central para a filosofia de Sócrates, convida à autoanálise crítica e à compreensão das próprias limitações e potencialidades. A remoção dos “metais” (vícios, paixões e vaidades profanas) simboliza o despojamento

necessário para que a alma possa se voltar para dentro, purificando-se das ilusões e enganos.

3.1.1.2. Diligência, Esforço e Perseverança

(Aristóteles): A tarefa do Aprendiz de “desbastar a Pedra Bruta” é a personificação da **habituação** (*ethos*) aristotélica. Para Aristóteles, a virtude não é inata (nasce junto com o indivíduo), mas adquirida e fortalecida pela prática repetida. O esforço constante e a dedicação ao trabalho, mesmo quando árduo, são cruciais para transformar o potencial em excelência moral. As “viagens” simbólicas, enfrentando os elementos (terra, ar, água, fogo), também representam a persistência em superar obstáculos e desafios inerentes ao processo de aperfeiçoamento.

3.1.1.3. Autodisciplina e Temperança

(Aristóteles, Estoicos): O combate dos vícios e paixões, simbolizada pelo desbastamento da Pedra Bruta, remete diretamente à virtude da **temperança** (*sophrosyne*), para Aristóteles, o meio-termo entre a insensibilidade e a libertinagem (Ét. Nic. Livro III, Cap. 10). Os **Estoicos** também enfatizavam o domínio das paixões (desejos, medos, prazeres e dores) através da razão, buscando a *apatheia* (ausência de paixões perturbadoras) para alcançar a tranquilidade da alma.

3.1.1.4. Justiça (Platão, Aristóteles):

A exigência de um “coração justo e verdadeiro”, simbolizada pelo Compasso sobre o peito, destaca a **justiça** como uma virtude fundamental. Para Platão, a justiça na alma (e no Estado) é a harmonia entre suas partes (razão, espírito e apetite), onde cada uma cumpre seu papel (República, Livro IV). Aristóte-

les a considera a mais completa das virtudes morais, pois se manifesta na conduta em relação aos outros (Ét. Nic. Livro V, Cap. 1).

3.1.1.5. Veracidade e Integridade

(Aristóteles, Sócrates): A prova da Taça Sagrada, que revela a falsidade, e o compromisso de não revelar segredos a profanos, exigem **veracidade** e **integridade**. Aristóteles discute a **sinceridade** ou **veracidade** como uma virtude que se opõe tanto à ostentação quanto à falsa modéstia (Ét. Nic. Livro IV, Cap. 7). Sócrates, por sua vez, exemplificou a integridade intelectual em sua busca incansável pela verdade, mesmo que isso lhe custasse a vida.

3.1.1.6. Racionalidade e Libertação de Preconceitos (Sócrates, Platão):

A venda nos olhos, que representa as “trevas da ignorância e do fanatismo”, e o convite a “ver a Luz”, simbolizam a libertação do pensamento dogmático. Sócrates, com sua *maieutica*, buscava desconstruir falsos saberes para que a verdadeira razão pudesse emergir. Platão, na Alegoria da Caverna, descreve a ascensão do indivíduo da escuridão da ignorância (o mundo das sombras) para a luz do conhecimento racional (o mundo das Formas ou Ideias).

3.2. Grau de Companheiro: A Aplicação da Razão e a Construção Harmônica

O grau de Companheiro Maçom aprofunda o conhecimento e enfatiza a aplicação prática da razão e das virtudes no trabalho construtivo e na interação social.

3.2.1. Virtudes Explícitas e Implícitas:

3.2.1.1. Diligência e Produtividade

(Aristóteles): O trabalho construtivo é o foco do Companheiro, que se dedica

à “Pedra Polida”. Isso ecoa a valorização aristotélica da atividade (*energeia*) e da produção (*poiesis*) como caminhos para a realização humana, contribuindo para a *eudaimonia* individual e coletiva. O Ritual de Companheiro do Rito Brasileira menciona a dignidade do trabalho: “O Homem nasceu para trabalhar como o pássaro para voar”.

3.2.1.2. Retidão e Correção Moral (Aristóteles, Platão): A Régua, símbolo do “juízo reto” e da “correção moral e espiritual”, e o Esquadro, que controla as ações, ressaltam a importância da **retidão**. Para Aristóteles, a retidão é um atributo da **justiça** e da **sabedoria prática** (*phronesis*). Platão, em sua teoria das Formas, postula um ideal de retidão e perfeição que as ações humanas devem “*aspirar a imitar*”.

3.2.1.3. Sabedoria e Gnose (Pitágoras, Platão, Neoplatonismo): A Estrela Flamejante com a letra “G” é um símbolo de múltiplas camadas. **Geometria**, como uma de suas interpretações, remete à reverência dos **Pitagóricos** e de **Platão** pela matemática como a linguagem da ordem cósmica e da harmonia universal. A Geometria, para Platão, era um caminho para ascender ao mundo das Formas. **Gnose** aponta para um conhecimento intuitivo e místico, que transcende a mera racionalidade, uma busca por sabedoria interior presente em Plotino e no Neoplatonismo, onde o conhecimento direto do divino é a chave para a ascensão da alma.

3.2.1.4. Equilíbrio e Proporção (Pitágoras, Aristóteles): O uso do Esquadro, Compasso e Régua Graduada sublinha a necessidade de **equilíbrio e proporção** na construção e na conduta. A busca

pelo “meio-termo dourado” de Aristóteles é diretamente aplicável aqui: a virtude na ação reside na medida certa, evitando excessos e deficiências. Os Pitagóricos, por sua vez, viam a harmonia do universo expressa em proporções numéricas.

3.2.1.5. Solidariedade e Fraternidade (Aristóteles, Estoicos): A insistência na “solidariedade” e na “amizade” entre os Irmãos é central. Aristóteles dedicou dois livros inteiros da *Ética a Nicômaco* à **amizade** (*philia*), considerando-a essencial para a *eudaimonia* e para a coesão da *pólis*. Os **Estoicos** também promoveram o conceito de **cosmopolitismo**, onde todos os seres humanos são irmãos em uma comunidade universal, sujeitos à mesma razão divina.

3.3. Grau de Mestre: A Imortalidade, o Legado e a Perfeição Espiritual

O Grau de Mestre é o ponto culminante da Maçonaria Simbólica, abordando temas de vida, morte, imortalidade e a transmissão de um legado moral e espiritual.

3.3.1. Virtudes Explícitas e Implícitas:

3.3.1.1. Honra e Integridade (Aristóteles, Estoicos): A Lenda de Hiram Abiff, um arquiteto íntegro que prefere a morte a trair seus princípios, exalta a **honra** e a **integridade**. Para Aristóteles, a *magnanimidade* é a virtude do grande homem que se considera digno de grandes coisas e age com nobreza. Os Estoicos valorizavam a *virtude* como o único bem verdadeiro, e a integridade em face da adversidade era fundamental.

3.3.1.2. Espiritualidade e Imortalidade (Platão, Neoplatonismo): A lenda de Hiram, sua morte e “ressurreição”, é

uma profunda alegoria da **imortalidade da alma**. Platão, em seu *Fédon*, argumenta sobre a imortalidade da alma e sua separação do corpo. O **Neoplatonismo**, especialmente com Plotino, elabora essa ideia com a jornada da alma de volta ao “Uno”, sua fonte divina. A Acácia, símbolo de imortalidade e renascimento, e a citação de Eclesiastes 12:7-8 (“o Espírito volte a Deus, que o deu”), reforçam essa perspectiva transcendental, comum também em mistérios religiosos gregos que prometiam uma vida feliz após a morte.

3.3.1.3. Resiliência e Paciência (Estoicos, Aristóteles): O sofrimento e a morte de Hiram, e a busca incansável pelo seu corpo, pelos Mestres, que cumpriam as ordens de Salomão, simbolizam a **resiliência** e a **paciência** diante das adversidades. Os **Estoicos** ensinavam a aceitação serena do destino e o controle sobre as reações emocionais frente ao que não se pode mudar (*apatheia*). Aristóteles, por sua vez, via a **coragem (andreia)** como a capacidade de suportar as dificuldades com firmeza (Ét. Nic. Livro III, Cap. 7).

3.3.1.4. Prudência e Sabedoria Prática (Aristóteles, Platão): O uso do Lápiz, Esquadro e Cordel na Tábua de Delinear para planejar e traçar reflete a **sabedoria prática (phronesis)** – a capacidade de deliberar bem sobre o que é bom e benéfico, aplicando a razão à ação. Platão, em sua República, atribuía a sabedoria (e a prudência) à parte racional da alma, que deveria governar as demais.

3.3.1.5. Unidade e Harmonia (Pitágoras, Platão, Neoplatonismo): A busca pela “Palavra Perdida” e a restauração da

harmonia, após a morte de Hiram, apontam para o ideal de **unidade**. Os Pitagóricos buscavam a harmonia universal na matemática e na música. Platão via a **unidade das Formas** como a realidade última. O Neoplatonismo enfatiza o retorno da multiplicidade ao Uno, a fonte de toda a unidade e perfeição.

3.3.1.6. Legado e Influência (Aristóteles, Platão): O Mestre, ao personificar Hiram, torna-se um modelo de vida e virtude, cujo legado transcende a existência física. Aristóteles entendia a *eudaimonia* como uma vida tão bem vivida que seus efeitos virtuosos perduram, influenciando as gerações futuras. O Mestre Maçom é, portanto, aquele que vive de modo a deixar uma marca positiva na construção do “Templo ideal” da humanidade.

4. CONCLUSÃO FINAL

A Maçonaria Simbólica no Rito Brasileiro, conforme detalhadamente explorado em seus graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre, não é meramente um conjunto de preceitos, mas uma manifestação viva e profundamente integrada da filosofia clássica. Longe de serem conhecimentos apartados, a Maçonaria e os pensamentos da Filosofia clássica estabelecem um diálogo inseparável e ao mesmo tempo complementar, onde a sabedoria teórica encontra sua expressão mais sublime na prática ritualística e simbólica.

A filosofia clássica, com seus pilares em pensadores como Aristóteles, Platão e Sócrates, oferece o arcabouço intelectual para a compreensão da virtude, da busca pela verdade (como a *arché* pré-socrática), da sabedoria prática (*phronesis*), da ética do meio-termo (*mesotes*) e do florescimento humano (*eudaimonia*). A Maçonaria, por sua vez, transcende a mera conceituação,

transformando esses ideais em uma experiência imersiva e transformadora. Ela provê um sistema pedagógico que guia o indivíduo em uma jornada iniciática, onde os conceitos filosóficos são interiorizados através da “habituação” (*ethos*), moldando o caráter e refinando a razão.

Desde a introspecção socrática do “Conhece-te a ti mesmo” na Câmara de Reflexões, que inicia o Aprendiz na purificação dos “metais”, passando pelo trabalho árduo do Aprendiz no “desbaste da Pedra Bruta”, bem como o seu aperfeiçoamento na “Pedra Polida”, enquanto Companheiro, até a exaltação dos princípios de honra, resiliência e imortalidade espiritual do Mestre, cada etapa do Rito Brasileiro é uma alegoria para a construção de um “Templo interior” de virtudes. Os símbolos maçônicos, como o Esquadro e o Compasso, o Prumo e o Nível, não são apenas ferramentas de construção, mas emblemas vívidos da retidão moral, do equilíbrio e do autodomínio que a filosofia clássica tanto valorizava. A própria Loja Maçônica se constrói como uma “*micro-polis*”, um microcosmo onde a ética comunitária aristotélica e a solidariedade estoica são praticadas e fortalecidas, reforçando a concepção do homem como um “animal político”.

Assim, o Rito Brasileiro se revela um veículo singular que permite ao indivíduo não apenas apreender intelectualmente as virtudes e os conhecimentos que atravessam milênios, mas incorporá-los ativamente. É uma ponte entre a sabedoria ancestral e a vivência contemporânea, culminando na formação de um Maçom que não só compreende a dignidade do trabalho e a importância da razão controlada pela moral, mas que se empenha, de forma prática e simbólica, em ser um servidor dedicado da Ordem, da Pátria e da Humanidade. Em última análise, a Maçonaria Simbólica do Rito Brasileiro oferece um caminho grandioso para a busca da verdade e da sabedoria, onde a filosofia clássica encontra um terreno fértil para se manifestar em uma jornada contínua de aprimoramento

pessoal e contribuição social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução: Leonel Vallandro, Gerd Bornheim. 4. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991. 375 p. ISBN 85-13-00214-3 ISBN 85-13-00232;

_____. **Metafísica**. 2. ed. Trad. introdução e comentários de Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FARIAS, Fernando de. **Rito Brasileiro: uma doutrina para o século**. 1. Ed. Rio de Janeiro/RJ: Ed. do Autor, 2019. ISBN 978-6590131003.

PLATÃO. **A República**. 7. ed. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

_____. IN: **Os Pensadores** [O Banquete, Fédon, Sofista, Político]. São Paulo: Abril, 1972.

SPINELLI, Miguel. **Filósofos Pré-Socráticos. Primeiros Mestres da Filosofia e da Ciência Grega**. 2ª Ed., Porto Alegre: Edipucrs, 2003

STOCK, St. George Willian Joseph; **Estoicismo, Guia Definitivo**. Trad. Alexandre Pires Vieira. São Paulo: Editora Montecristo, 2020. ISBN 9781619651722;

SUPREMO CONCLAVE AUTÔNOMO PARA RITO BRASILEIRO. **Ritual do Grau 1 – Aprendiz Maçom**. 1. ed. Natal/RN: Aprovado e Impresso pelo GORN, 2022. 201 p.

SUPREMO CONCLAVE AUTÔNOMO PARA RITO BRASILEIRO. **Ritual do Grau 2 – Companheiro Maçom**. 1. ed. Natal/RN: Aprovado e Impresso pelo GORN, 2022. 145 p.

SUPREMO CONCLAVE AUTÔNOMO PARA RITO BRASILEIRO. **Ritual do Grau 3 – Mestre Maçom**. 1. ed. Natal/RN: Aprovado e Impresso pelo GORN, 2022. 171 p.

Palestra “Programas Educacionais na CMI”



Rubens Ricardo Franz, Secretário Executivo da Confederação Maçônica Interamericana (CMI)

A palestra de abertura do **1º Congresso Brasileiro de Pesquisa Maçônica** estabeleceu, desde os primeiros minutos, o tom propositivo que marcaria todo o evento. Com o tema “**Estratégias Educacionais na CMI**”, o Irmão **Rubens Ricardo Franz**, Secretário Executivo da **Confederação Maçônica Interamericana (CMI)**, conduziu uma palestra de aproximadamente uma hora que uniu história, filosofia, pedagogia e uma análise contundente dos desafios contemporâneos da Maçonaria.

Logo no início, Rubens Franz contextualizou sua exposição a partir de uma perspectiva histórica mais ampla, lembrando que a Maçonaria moderna nasce no bojo das grandes transformações sociais e produtivas da humanidade. Ao recorrer simbolicamente às revoluções industriais, da mecanização à atual Sociedade 5.0, o palestrante destacou que, em pouco mais de três séculos, a humanidade atravessou mudanças estruturais profundas, em ciclos cada vez mais curtos. Nesse cenário, insistir em métodos formativos próprios do século passado, advertiu, pode comprometer a própria capacidade da Ordem de cumprir sua missão essencial.

A CMI e a estratégia de ação maçônica

Fundada em 1947, na cidade de Montevidéu, imediatamente após o fim da Segunda Guerra Mundial, a Confederação Maçônica Interamericana surge como um esforço visionário de integração continental. Em um tempo marcado por escassez de recursos e limitações severas de comunicação, líderes maçônicos de diferentes países compreenderam que a reconstrução moral e institucional da sociedade exigia cooperação, diálogo e educação.

Atualmente, a CMI reúne dezenas de Grandes Potências em mais de 26 países, operando em múltiplos idiomas e realidades culturais. Essa diversidade, longe de ser um obstáculo, foi apresentada por Rubens Franz como um dos maiores patrimônios da instituição, desde que exista uma estratégia clara de atuação.

Segundo o palestrante, essa estratégia se sustenta em três pilares fundamentais: a **fortaleza institucional**, a **formação maçônica** e a **articulação social**, sempre tendo o homem, o iniciado, como centro do processo. A atuação social, enfatizou, não pode ser dissociada dos valores maçônicos nem reproduzir modelos profanos desconectados da ética e da filosofia da Ordem.

Formação, iniciação e o desafio da retenção

Um dos momentos mais marcantes da palestra foi a análise crítica do processo de iniciação e formação do maçom no contexto latino-americano. Rubens Franz provocou a plateia ao questionar não apenas quem está sendo iniciado, mas em que condições, com que acompanhamento e com quais resultados efetivos.

Questões como a taxa de retenção de obreiros, a escolha adequada do momento de vida do candidato, a **atratividade** das lojas e a qualidade da vivência iniciática foram tratadas de forma direta. Para o palestrante, a iniciação não pode se limitar a um rito formal ou a uma exigência burocrática, mas deve ser compreendida como um verdadeiro processo pedagógico e simbólico, capaz de encantar, orientar e transformar.

Nesse contexto, destacou-se a defesa enfática da **Câmara do Meio** como espaço privilegiado de estudo, reflexão e amadurecimento dos mestres. Rubens Franz lamentou o esvaziamento desse espaço em muitas realidades maçônicas, alertando que a busca acelerada por graus e distinções não substitui o conhecimento profundo da essência da Maçonaria.

Sociedade 5.0 e inteligências em evolução

Ao introduzir o conceito de **Sociedade 5.0**, o palestrante deslocou o debate para o futuro próximo. Diferentemente de modelos centrados exclusivamente na tecnologia, a Sociedade 5.0 propõe a integração equilibrada entre inovação tecnológica e bem-estar humano. Para Rubens Franz, essa abordagem dialoga profundamente com os princípios maçônicos, desde que os métodos formativos sejam atualizados.

Foi nesse ponto que o modelo das **Inteligências Múltiplas**, desenvolvido por Howard Gardner, ganhou destaque. Ao reconhecer diferentes formas de inteligência, linguística, lógico-matemática, interpessoal, intrapessoal, entre outras, o modelo permite compreender melhor a diversidade de perfis presentes nas lojas maçônicas. Integrado a estratégias de *upskilling* e *reskilling*, ele oferece caminhos para uma formação mais personalizada, inclusiva e eficaz.

O palestrante ressaltou que, até 2030, competências como pensamento crítico, curiosidade intelectual, aprendizado contínuo, empatia, resiliência emocional e alfabetização tecnológica serão cada vez mais determinantes para a liderança. Em um mundo onde tarefas técnicas tendem a ser automatizadas, cresce o valor das capacidades humanas, éticas e socioemocionais, exatamente o campo no qual a Maçonaria pode e deve atuar.

Tradição, métodos e responsabilidade histórica

Longe de propor rupturas com a tradição, Rubens Franz defendeu a preservação rigorosa da simbologia, dos rituais e dos valores fundamentais

da Ordem. O que está em debate, segundo ele, não é a essência, mas os **métodos**. Assim como outras áreas do conhecimento, da engenharia ao direito, atualizaram suas formas de ensino ao longo do tempo, a Maçonaria também precisa refletir sobre seus instrumentos pedagógicos.

O uso consciente de tecnologias digitais e até da inteligência artificial foi tratado com naturalidade, desde que acompanhado de orientação ética e senso crítico. Para o palestrante, não cabe à Maçonaria resistir ao inevitável, mas preparar seus membros para utilizar essas ferramentas de forma responsável, tanto na vida maçônica quanto na vida profana.

Uma convocação ao protagonismo

Encerrando sua exposição, Rubens Franz lançou uma reflexão para os participantes: a responsabilidade pela renovação da Maçonaria não recai exclusivamente sobre dirigentes ou estruturas superiores, mas sobre cada loja e cada irmão. A Ordem, lembrou ele, sempre foi construída a partir do compromisso individual com o conhecimento e a ação.

A palestra inaugural cumpriu, assim, um papel duplo: apresentou de forma estruturada os programas educacionais da CMI e, ao mesmo tempo, convocou os pesquisadores e lideranças presentes a assumirem o protagonismo de um novo ciclo histórico. Um ciclo em que tradição e inovação não se opõem, mas se complementam na construção de uma Maçonaria mais consciente, preparada e fiel à sua missão de aperfeiçoar o ser humano e a sociedade.

Assista a palestra em:

<https://youtu.be/OkJc1wobvZw>



Palestra “Redescobrimo a Maçonaria via Escola Autêntica”, Kennyo Ismail



Entre as palestras do 1º Congresso Brasileiro de Pesquisa Maçônica, tivemos o Irmão Kennyo Ismail, pesquisador amplamente reconhecido no Brasil e no exterior por sua produção intelectual rigorosa e por sua atuação na difusão da chamada Escola Autêntica da Maçonaria, com o tema “Redescobrimo a Maçonaria via Escola Autêntica”. A exposição, com duração aproximada de uma hora, trouxe reflexões sobre identidade institucional, método pedagógico e os rumos do ensino maçônico no país.

Desde os primeiros minutos, o palestrante chamou a atenção para um paradoxo inquietante: embora a Maçonaria seja definida, há séculos, como um “belo sistema de moralidade velado em alegoria e ilustrado por símbolos”, muitos maçons, inclusive com décadas de vivência na Ordem, têm dificuldade em explicar o que ela realmente é. Para sustentar essa afirmação, Kennyo Ismail apresentou dados de uma ampla pesquisa realizada em 2018, a pedido da Confederação Maçônica Interamericana, envolvendo 12.800 maçons brasileiros, a maior amostra já registrada em estudos dessa natureza no país. O resultado revelou que menos de 5% dos entrevistados identificam a Maçonaria de acordo com o conceito universalmente consagrado, o que, segundo ele, é um sinal claro de fragilidade conceitual e de perda de referências comuns.

A partir desse diagnóstico, a palestra avançou para uma reflexão estruturante: se a Maçonaria é um sistema de moralidade, ela é, necessariamente, um **corpo de conhecimentos sistematizados**, ensinado e aprendido por meio de um método próprio. Essa leitura, amplamente documentada na literatura clássica, permite compreendê-la como uma ciência moral, não no sentido positivista moderno, mas como um campo organizado de saber, dotado de linguagem, método e finalidade educativa. Nos slides apresentados, Kennyo explicitou essa percepção iluminista ao estabelecer paralelos diretos: ritos como escolas, graus como séries, rituais como livros didáticos e a Loja como sala de aula.

Nesse ponto, o palestrante lançou uma provocação central que perpassou toda a palestra: se somos uma escola de moralidade, por que tantas reuniões maçônicas se assemelham mais a cerimônias religiosas do que a espaços de ensino e aprendizagem? Para responder a essa questão, Kennyo conduziu o público a uma análise histórica detalhada, recuperando o contexto do Iluminismo europeu do século XVIII, especialmente o francês. Diferentemente do Iluminismo britânico, de caráter mais empírico e científico, o francês assumiu forte dimensão sociopolítica, marcada pelo enfrentamento ao absolutismo monárquico e ao poder da Igreja.

Nesse cenário, as Lojas Maçônicas tornaram-se espaços de circulação protegida de ideias como liberdade civil, igualdade perante a lei, laicismo e emancipação do indivíduo pela razão. A repressão estatal e religiosa, materializada em decretos reais e nas primeiras bulas papais contra a Maçonaria, contribuiu para que muitos desses debates fossem conduzidos de forma simbólica, velada e ritualizada. Soma-se a isso a influência da noção de “religião civil”, proposta por Jean-Jacques Rousseau, com seus dois dogmas centrais, a crença em um Ser Supremo e na imortalidade da alma, que a Maçonaria parisiense incorporou como forma de promover coesão moral sem submeter-se à autoridade eclesiástica.

O resultado desse processo histórico, conforme explicou Kennyo Ismail, foi a consolidação de uma Maçonaria latina marcada por elementos católicos e por um forte influxo de tradições ocultistas, como alquimia, astrologia, cabala e numerologia. Embora ricos do ponto de vista simbólico,

esses enxertos não vieram acompanhados de uma literatura pedagógica consistente. Assim, práticas como a Câmara de Reflexões, repleta de símbolos alquímicos, passaram a ser vivenciadas sem que houvesse, nas Lojas, instruções sistemáticas sobre o significado desses elementos. Cada maçom foi, ao longo do tempo, instado a buscar respostas por conta própria, o que contribuiu para interpretações fragmentadas e, muitas vezes, contraditórias.

Essa lacuna formativa foi agravada, segundo o palestrante, pela hegemonia da chamada **Escola Romântica** no Brasil ao longo do século XX. Autores amplamente lidos pelos maçons brasileiros, como Leadbeater, Papus, Jorge Adoum e Eliphas Levi, que não eram maçons regulares e produziram obras marcadas por especulações místicas, narrativas fantasiosas e ausência de método histórico. Foi esse tipo de literatura que moldou, em grande medida, o imaginário maçônico nacional, favorecendo a criação de mitos, exageros históricos e atribuições infundadas, como a recorrente tentativa de vincular personagens célebres da história brasileira à Maçonaria sem qualquer base documental.

Em contraposição, Kenyo Ismail apresentou a **Escola Autêntica**, surgida no final do século XIX com iniciativas como a *Quatuor Coronati Lodge*, na Inglaterra, que propôs uma ruptura com o romantismo e a adoção de métodos científicos de pesquisa histórica. Essa abordagem defende o estudo da Maçonaria a partir de fontes primárias, evidências documentais e critérios acadêmicos, reconhecendo limites, incertezas e a necessidade permanente de investigação. Embora amplamente consolidada em países como Inglaterra e Estados Unidos, essa tradição ainda é incipiente no Brasil, apesar de avanços recentes promovidos por instituições acadêmicas e periódicos especializados.

Outro momento impactante da palestra foi a apresentação de uma pesquisa empírica sobre o **impacto do Venerável Mestre no comportamento dos maçons**. Realizado com quase 3.000 participantes de todas as unidades federativas, o estudo demonstrou, com base em testes estatísticos rigorosos, que a percepção ética do Venerável Mestre influencia diretamente a participação em Loja, a disposição para colaborar com os irmãos, o orgulho de pertencer à Ordem e até indicadores relacionados à satisfação pessoal. Os dados indicam que uma lide-

rança despreparada ou percebida como antiética pode gerar desmotivação profunda, afastamento da vida maçônica e, em casos extremos, reflexos negativos no bem-estar emocional dos irmãos.

Esses resultados reforçaram uma das teses centrais da palestra: se a Maçonaria é uma escola de moralidade, o Venerável Mestre é, necessariamente, seu principal professor. Essa função exige preparo pedagógico, planejamento, domínio de conteúdo e capacidade de gestão. Não é compatível com improvisado, ausência de calendário ou reuniões sem propósito instrutivo claro. Assim como em qualquer instituição de ensino, é preciso definir conteúdos, etapas, objetivos e métodos, respeitando os graus e promovendo uma formação progressiva e consciente.

Ao concluir sua exposição, Kenyo foi categórico ao afirmar que **a educação é a chave da Maçonaria**. Para ele, preservar a mensagem moral da Ordem não significa resistir à inovação, mas sim atualizar os meios de transmissão do conhecimento. Planejamento educacional, investimento em formação de lideranças, inclusão da pesquisa científica no orçamento das Potências e fortalecimento da cultura de estudo nas Lojas são passos indispensáveis para que a Maçonaria brasileira reencontre sua vocação original como escola de moralidade no espírito do Iluminismo.

A palestra foi de grande contribuição ao congresso, ao articular história, pesquisa empírica e reflexão institucional. Mais do que um diagnóstico crítico, *“Redescobrimo a Maçonaria via Escola Autêntica”* apresentou um chamado claro à responsabilidade coletiva: compreender a Ordem como espaço de ensino, aprendizagem e pesquisa contínua, capaz de formar homens melhores para a sociedade e de honrar, com rigor intelectual, o legado maçônico no século XXI.

Assista a palestra em:

<https://youtu.be/q133v2VcxpI>



Debate “O Futuro da Educação Maçônica no Brasil”



O 1º Congresso Brasileiro de Pesquisa Maçônica, promovido pela Loja de Pesquisas Dom Bosco, n° 33, marcou um momento singular para a maçonaria regular brasileira ao colocar em pauta, de forma aberta e aprofundada, um de seus temas mais sensíveis e estratégicos: o futuro da educação maçônica no Brasil. Reunindo pesquisadores e dirigentes de diferentes orientes, o evento consolidou-se como um espaço de reflexão qualificada, no qual tradição, inovação e responsabilidade institucional foram debatidas à luz das profundas transformações vividas pela sociedade contemporânea.

O painel dedicado à educação maçônica contou com a participação de importantes lideranças da Ordem: **Cassiano Teixeira de Moraes**, Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica do Distrito Federal; **Armando Assumpção**, Secretário-Geral da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB); **Pedro Calazans**, Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica do Estado de Mato Grosso; e **Kleber Landim**, Venerável Mestre da Loja de Pesquisas Dom Bosco.

A mesa foi intermediada pelo **Kenny Ismail**, pesquisador amplamente reconhecido no meio maçônico e autor de vários livros maçônicos. Sua atuação como moderador foi decisiva para organizar o fluxo do debate, provocar reflexões mais profundas e garantir que diferentes visões fossem expostas com equilíbrio, densidade conceitual e espírito fraterno.

Redes sociais, visibilidade e responsabilidade institucional

Um dos primeiros eixos abordados foi o papel das redes sociais na maçonaria contemporânea. Os debatedores destacaram que, enquanto a sociedade passou a se informar e a se relacionar majoritariamente por meios digitais, a maçonaria regular ainda avança de forma tímida nesse campo. Essa ausência, segundo os participantes, tem permitido que grupos irregulares e oportunistas ocupem o espaço virtual com narrativas distorcidas, promessas ilusórias e práticas alheias aos princípios da Ordem.

Foi ressaltado que a educação maçônica não se limita à instrução do iniciado dentro da Loja. Ela também envolve a conscientização da sociedade, esclarecendo o que é, e o que não é, a maçonaria. Nesse contexto, as redes sociais devem ser compreendidas como ferramentas estratégicas de comunicação institucional, capazes de divulgar ações filantrópicas, projetos culturais, valores éticos e a contribuição histórica da maçonaria para o desenvolvimento social.

Os participantes também chamaram atenção para a necessidade de uma estratégia de comunicação mais bem definida, que evite a circulação de conteúdos voltados apenas ao público interno e promova uma linguagem acessível ao público externo, sem comprometer a discrição e os princípios tradicionais da Ordem.

Educação maçônica e revolução tecnológica

Outro ponto central do debate foi o impacto da revolução tecnológica sobre os métodos de ensino e aprendizagem. Os palestrantes foram enfáticos ao afirmar que a maçonaria não vive em um “universo paralelo”, mas está inserida na mesma realidade social que transforma escolas, universidades, empresas e instituições em geral.

Ferramentas como bibliotecas digitais, cursos a distância, seminários híbridos e plataformas de comunicação foram citadas como recursos que já vêm sendo utilizados com êxito em diversas potências. A experiência da pandemia foi lembrada

como um marco que demonstrou a viabilidade e a importância da tecnologia para manter a união entre irmãos geograficamente distantes.

Nesse cenário, a inteligência artificial também ganhou espaço nas discussões. Longe de ser vista apenas como ameaça, ela foi apresentada como uma ferramenta que pode auxiliar a pesquisa, a produção intelectual e a sistematização do conhecimento, desde que utilizada com critério, ética e transparência. Exemplos de universidades brasileiras que já aceitam o uso declarado de IA em trabalhos acadêmicos reforçaram a necessidade de a maçonaria refletir sobre regulamentações claras e pedagógicas.

Tradição, método pedagógico e participação ativa

Apesar da abertura à inovação, os debatedores reforçaram que a essência da educação maçônica reside na vivência iniciática, na transmissão simbólica e no desenvolvimento moral do indivíduo. O desafio, portanto, não está em abandonar a tradição, mas em aperfeiçoar os métodos pedagógicos para torná-los mais eficazes diante do perfil do maçom contemporâneo.

Foi destacada a importância de estimular a participação ativa dos irmãos, superando modelos excessivamente passivos de instrução. Oratória, debates, apresentações curtas e demonstrações práticas de compreensão do conteúdo foram apontados como caminhos mais eficazes do que a simples reprodução mecânica de questionários ou leituras.

A formação de lideranças também apareceu como um tema recorrente. Investir na capacitação de veneráveis mestres, oficiais e dirigentes, especialmente nas áreas de gestão, liderança e comunicação, foi considerado essencial para fortalecer a educação maçônica em todos os níveis.

Qualidade, seletividade e engajamento

O debate avançou ainda para uma reflexão sensível: a relação entre qualidade e quantidade na maçonaria contemporânea. Os participantes observaram que o crescimento numérico da instituição nas últimas décadas nem sempre foi acompanhado por um fortalecimento proporcional da produção intelectual e da influência cultural da Ordem.

Nesse sentido, o processo de indicação e iniciação foi apontado como um momento-chave. Mais do que critérios formais, é necessário avaliar o interesse real do candidato pelo conhecimento, pelo aperfeiçoamento pessoal e pela vivência dos valores maçônicos. A educação, como foi ressaltado, é um processo de mão dupla: a instituição oferece os instrumentos, mas o iniciado precisa desejar aprender.

Os caminhos possíveis

O debate evidenciou que os desafios da educação maçônica no Brasil são amplamente conhecidos, assim como muitas das soluções já discutidas e, em alguns casos, já disponíveis no âmbito institucional. Questões como baixa adesão às atividades educativas, resistência a novos métodos pedagógicos, fragilidades na formação de lideranças e dificuldades de engajamento dos irmãos foram reconhecidas de forma franca pelos participantes. Contudo, destacou-se que o principal obstáculo não está na falta de diagnósticos ou de ferramentas, mas na capacidade de transformar reflexões em práticas efetivas, sustentadas por compromisso, planejamento e abertura à evolução.

Ao reunir diferentes perspectivas institucionais e experiências concretas, a mesa demonstrou que o futuro da educação maçônica passa, necessariamente, pelo equilíbrio entre tradição e inovação, pela valorização da pesquisa, pela formação de lideranças conscientes e pela construção de uma comunicação mais clara, ética e responsável com a sociedade. Mais do que oferecer respostas definitivas, o debate consolidou-se como um marco reflexivo, capaz de orientar ações futuras e de reafirmar a educação como eixo central para o fortalecimento intelectual, moral e social da maçonaria brasileira.

Assista o debate em:

<https://youtu.be/fJOLattG4Xg>



Palestra “O Triângulo Vermelho: Uma história da antimaçonaria” Robert L. D. Cooper



Entre os momentos de maior densidade intelectual do Congresso esteve a palestra “**O Triângulo Vermelho: Uma história da Antimaçonaria**”, proferida por **Robert L. D. Cooper**, historiador de renome internacional, Past Master da Loja de Pesquisas *Quatuor Coronati* e ex-curador da Biblioteca e do Museu da Grande Loja da Escócia. Reconhecido por sua atuação na historiografia maçônica, Cooper apresentou uma exposição fundamentada em extensa pesquisa documental, imagens históricas e décadas de estudo, conduzindo o público a uma análise aprofundada dos mecanismos de perseguição à Maçonaria ao longo do tempo.

Desde o início, o palestrante deixou claro que o tema, embora desconfortável, é parte indissociável da trajetória da Ordem. Ignorar a antimaçonaria, segundo Cooper, significa abrir mão da compreensão de um fenômeno histórico persistente, que se reinventa ao longo dos séculos. A Maçonaria, afirmou, sempre foi alvo de acusações múltiplas e frequentemente contraditórias, sustentadas menos por evidências concretas e mais pela repetição sistemática e pela ausência de contraponto qualificado no debate público.

Para explicar essa dinâmica, Cooper identificou dois grandes eixos de origem da antimaçona-

ria: o **campo político** e o **campo religioso**, ambos amplificados pela atuação da mídia e por estruturas institucionais de poder. Esses setores operam em ciclos contínuos de retroalimentação, nos quais acusações se transformam em narrativas consolidadas, enquanto a Maçonaria permanece, na maioria das vezes, fora do espaço decisório. Nesse contexto, observou o historiador, “a verdade raramente interessa quando ela atrapalha uma narrativa conveniente”.

Ao analisar as críticas de natureza política, Cooper examinou afirmações recorrentes como a suposta falta de transparência, o elitismo, o favorecimento interno e a alegação de que a Maçonaria seria antidemocrática ou conspiratória. Demonstrou que tais acusações ignoram deliberadamente o funcionamento de diversas instituições da sociedade civil, do Estado e do setor privado, que também operam com diferentes níveis de confidencialidade. Trata-se, segundo ele, de um processo seletivo de argumentação, no qual aspectos isolados são destacados para sustentar conclusões previamente estabelecidas.

No campo religioso, a análise adquiriu maior profundidade conceitual. Cooper destacou que a principal acusação feita por líderes religiosos é a de que a Maçonaria constituiria uma religião paralela, o que abriria caminho para outras críticas, como idolatria, relativismo e práticas ocultistas. Com base histórica e teórica, o palestrante refutou essa tese ao afirmar que a Maçonaria não possui dogma, teologia oficial nem interpretação obrigatória de seus símbolos. Essa ausência de dogma, elemento central das religiões organizadas, torna impossível enquadrar a Ordem como sistema religioso, ainda que seus rituais possuam elementos simbólicos de natureza moral e filosófica.

O ponto mais dramático da palestra foi dedicado à perseguição sistemática sofrida pela Maçonaria durante os regimes totalitários do século XX, em especial o nazismo. Cooper apresentou documentação histórica que comprova que, desde

os primeiros momentos da ascensão de Hitler ao poder, a Maçonaria foi classificada como inimiga do Estado. O fechamento de lojas, a apreensão de arquivos, o confisco de bens e a prisão de maçons integraram uma política deliberada de repressão, cuidadosamente planejada.

Entre os episódios mais impactantes, destacou-se o caso do Grão-Mestre holandês **Hermannus van Tongeren**, preso e morto no campo de concentração de Sachsenhausen unicamente por sua condição maçônica. Cooper revelou ainda um aspecto pouco conhecido dessa história: recursos financeiros da Maçonaria holandesa foram utilizados para financiar a resistência contra a ocupação nazista, incluindo a manutenção de jornais clandestinos e o apoio à luta armada, desmontando narrativas que tentam associar a Ordem à omissão ou conivência.

O símbolo do **triângulo vermelho**, utilizado nos campos de concentração para identificar prisioneiros considerados inimigos políticos ou ideológicos do regime, foi apresentado como elemento central da palestra. Mais do que um marcador histórico, o triângulo vermelho simboliza, segundo Cooper, a permanência do ódio organizado contra a Maçonaria, hoje transposto para novas linguagens, meios digitais e produtos da cultura de massa.

Ao tratar do cenário contemporâneo, o historiador alertou que a **masonofobia** permanece ativa, inclusive em democracias consolidadas. Exemplos recentes do Reino Unido, envolvendo tentativas de obrigar servidores públicos a declarar filiação maçônica, evidenciam como antigos preconceitos ressurgem sob novas justificativas institucionais. Cooper também chamou atenção para a presença da antimaçonaria na cultura popular, onde obras de ficção frequentemente reforçam estereótipos que associam maçons a conspirações, corrupção ou criminalidade.

Embora centrada em exemplos europeus, a palestra estabeleceu paralelos diretos com a reali-

dade brasileira. No Brasil, a antimaçonaria manifesta-se sobretudo em discursos de matriz religiosa e na disseminação de teorias conspiratórias nas redes sociais. Cooper ressaltou que os mecanismos de ataque são essencialmente os mesmos em diferentes países; o que varia é a capacidade de resposta, diretamente ligada ao nível de educação histórica e formação intelectual dos próprios maçons.

Questionado sobre o papel das novas gerações, Cooper foi enfático ao afirmar que **educação histórica sólida e pesquisa acadêmica rigorosa** constituem as principais ferramentas de enfrentamento. Incentivou os jovens maçons a buscarem fontes confiáveis, evitarem obras sensacionalistas e dominarem a história da Ordem antes de qualquer tentativa de diálogo com a sociedade.

A presença de Robert L. D. Cooper no Congresso simbolizou também a aproximação da Maçonaria brasileira com uma das mais respeitadas tradições de pesquisa maçônica do mundo. Sua palestra ofereceu não apenas conteúdo histórico, mas um modelo de abordagem acadêmica, alinhado aos objetivos do evento de estimular uma cultura de pesquisa madura, capaz de dialogar com o meio universitário e com a historiografia contemporânea.

Ao final, a palestra **“O Triângulo Vermelho: Uma história da Antimaçonaria”** consolidou-se como um dos momentos mais significativos do 1º Congresso Brasileiro de Pesquisa Maçônica, reafirmando o papel da pesquisa histórica como instrumento de preservação da memória, de defesa institucional e de afirmação dos valores de liberdade, consciência e dignidade humana que caracterizam a Maçonaria desde suas origens.

Assista a palestra em:

<https://youtu.be/doHuXPvrjKA>



REVISTA DB33



**1º Congresso Brasileiro
de Pesquisa Maçônica**

Realização



Apoio



Loja de Pesquisas Dom Bosco Nº 33

Volume 6, Número 2, jul-dez, 2025

DADOS CATALOGRÁFICOS

Revista: DB33

Publicação: Fevereiro 2026

Referência: Julho a Dezembro de 2025.

Formato: Digital

Volume: 06

Número: 02

Periodicidade: Semestral

Editor e Jornalista: Sebastião Marcondes - MTb 13153/DF

Revisor: Kennyo Ismail

Portal: www.lojadepesquisas.com.br

Realização: Loja de Estudos e Pesquisas
"Dom Bosco" #33 - GLMDF

CAPA

Editada pelo Irmão Sebastião Marcondes utilizando o logotipo do 1º Congresso Brasileiro de Pesquisa Maçônica.

O logotipo do 1º Congresso Brasileiro de Pesquisa Maçônica foi concebido pelo Irmão Cássio Xavier para representar os princípios e objetivos do evento.

Os livros, acompanhados do Esquadro e do Compasso, simbolizam os estudos e as pesquisas maçônicas.

A lâmpada com a chama, símbolo universal do conhecimento e da busca da verdade, reforça o ideal de iluminação pelo saber.

A chama da busca da verdade, posicionada sobre Brasília/DF, irradia seus raios de luz que se expandem por todo o território nacional, formando o mapa do Brasil.

AVISO

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Revista DB33. Não é necessário solicitar prévia autorização para reproduzir parte do conteúdo publicado nesta revista, desde que sejam devidamente citados o autor e a fonte.

Citação desta edição:

SOBRENOME, Nome do autor. Título do artigo. Revista DB33, Vol. 6, N. 2, jul-dez, 2025, p. ____.